

C E E J A



MUNDO DO
TRABALHO

HISTÓRIA

CADERNO DO ESTUDANTE

ENSINO FUNDAMENTAL
ANOS FINAIS
VOLUME 3



Nos Cadernos do Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Mundo do Trabalho/CEEJA são indicados sites para o aprofundamento de conhecimentos, como fonte de consulta dos conteúdos apresentados e como referências bibliográficas. Todos esses endereços eletrônicos foram verificados. No entanto, como a internet é um meio dinâmico e sujeito a mudanças, a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação não garante que os sites indicados permaneçam acessíveis ou inalterados após a data de consulta impressa neste material.

A Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação autoriza a reprodução do conteúdo do material de sua titularidade pelas demais secretarias do País, desde que mantida a integridade da obra e dos créditos, ressaltando que direitos autorais protegidos* deverão ser diretamente negociados com seus próprios titulares, sob pena de infração aos artigos da Lei nº 9.610/98.

* Constituem “direitos autorais protegidos” todas e quaisquer obras de terceiros reproduzidas neste material que não estejam em domínio público nos termos do artigo 41 da Lei de Direitos Autorais.

História : caderno do estudante. São Paulo: Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação (SDECTI) : Secretaria da Educação (SEE), 2014.
il. - - (Educação de Jovens e Adultos (EJA) : Mundo do Trabalho modalidade semipresencial, v. 3)

Conteúdo: v. 3. 8º ano do Ensino Fundamental Anos Finais.
ISBN: 978-85-8312-035-3 (Impresso)
978-85-8312-070-4 (Digital)

1. História – Estudo e ensino. 2. Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Ensino Fundamental Anos Finais. 3. Modalidade Semipresencial. I. Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação. II. Secretaria da Educação. III. Título.

CDD: 372.5

FICHA CATALOGRÁFICA

Tatiane Silva Massucato Arias – CRB-8 / 7262





GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Geraldo Alckmin

Governador

**Secretaria de Desenvolvimento Econômico,
Ciência, Tecnologia e Inovação**

Nelson Luiz Baeta Neves Filho

Secretário em exercício

Maria Cristina Lopes Victorino

Chefe de Gabinete

Ernesto Mascellani Neto

*Coordenador de Ensino Técnico,
Tecnológico e Profissionalizante*

Secretaria da Educação

Herman Voorwald

Secretário

Cleide Bauab Eid Bochixio

Secretária-Adjunta

Fernando Padula Novaes

Chefe de Gabinete

Maria Elizabete da Costa

Coordenadora de Gestão da Educação Básica

Mertila Larcher de Moraes

Diretora do Centro de Educação de Jovens e Adultos

Adriana Aparecida de Oliveira

Adriana dos Santos Cunha

Luiz Carlos Tozetto

Virgínia Nunes de Oliveira Mendes

Técnicos do Centro de Educação de Jovens e Adultos

Concepção do Programa e elaboração de conteúdos

Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação

Coordenação Geral do Projeto

Ernesto Mascellani Neto

Equipe Técnica

Cibele Rodrigues Silva, João Mota Jr. e Raphael Lebsa do Prado

Fundação do Desenvolvimento Administrativo – Fundap

Wanderley Messias da Costa

Diretor Executivo

Maria Etelvina R. Balan, Maria Helena de Castro Lima, Paula

Marcia Ciacco da Silva Dias, Rodnei Pereira, Selma Venco e

Walkiria Rigolon

Márgara Raquel Cunha

Diretora de Políticas Sociais

Autores

Arte: Carolina Martins, Eloise Guazzelli, Emily Hozokawa Dias,

Gisa Picosque e Lais Schalch; *Ciências:* Gustavo Isaac Killner,

Maria Helena de Castro Lima e Rodnei Pereira; *Geografia:* Cláudia

Beatriz de Castro N. Ometto, Clodoaldo Gomes Alencar Jr.,

Edilson Quintiliano dos Santos, Liliane Bordignon de Souza

e Mait Bertollo; *História:* Ana Paula Alves de Lavos, Fábio

Luis Barbosa dos Santos e Fernando Manzieri Heder; *Inglês:*

Clélia La Laina e Eduardo Portela; *Língua Portuguesa:* Claudio

Bazzoni, Giulia Mendonça e Walkiria Rigolon; *Matemática:*

Antonio José Lopes, Marcos Luis Gomes, Maria Etelvina R.

Balan e Paula Marcia Ciacco da Silva Dias; *Trabalho:* Maria

Helena de Castro Lima e Selma Venco (material adaptado e

inserido nas demais disciplinas)

Coordenação Técnica

Impressos: **Dilma Fabri Marão Pichoneri**

Vídeos: **Cristiane Ballerini**

Equipe Técnica e Pedagógica

Ana Paula Alves de Lavos, Cláudia Beatriz de Castro N. Ometto,

Clélia La Laina, Elen Cristina S. K. Vaz Döppenschmitt, Emily

Hozokawa Dias, Fernando Manzieri Heder, Herbert Rodrigues,

Laís Schalch, Liliane Bordignon de Souza, Marcos Luis Gomes,

Gestão do processo de produção editorial

Fundação Carlos Alberto Vanzolini

Mauro de Mesquita Spínola

Presidente da Diretoria Executiva

Equipe de Produção

Assessoria pedagógica: Ghisleine Trigo Silveira

Editorial: Carolina Grego Donadio e Paulo Mendes

José Joaquim do Amaral Ferreira

Vice-Presidente da Diretoria Executiva

Equipe Editorial: Adriana Ayami Takimoto, Airton Dantas de

Araújo, Amanda Bonuccelli Voivodic, Ana Paula Santana

Bezerra, Bárbara Odria Vieira, Bruno Pontes Barrio, Camila

De Pieri Fernandes, Cláudia Letícia Vendrame Santos, David

dos Santos Silva, Jean Kleber Silva, Lucas Puntel Carrasco,

Mainã Greeb Vicente, Mariana Padoan de Sá Godinho, Patrícia

Pinheiro de Sant'Ana, Tatiana Pavanelli Valsi e Thaís Nori

Cornetta

Direção da Área

Guilherme Ary Plonski

Direitos autorais e iconografia: Aparecido Francisco, Camila Terra

Hama, Fernanda Catalão Ramos, Mayara Ribeiro de Souza,

Priscila Garofalo, Rita De Luca, Sandro Dominiquini Carrasco

Apoio à produção: Bia Ferraz, Maria Regina Xavier de Brito e

Valéria Aranha

Coordenação Executiva do Projeto

Angela Sprenger e Beatriz Scavazza

Projeto gráfico-editorial e diagramação: R2 Editorial, Michelangelo

Russo e Casa de Ideias

Gestão do Portal

Luis Marcio Barbosa, Luiz Carlos Gonçalves,

Sonia Akimoto e Wilder Rogério de Oliveira

Gestão de Comunicação

Ane do Valle

Gestão Editorial

Denise Blanes

CTP, Impressão e Acabamento

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Caro(a) estudante

É com grande satisfação que a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, em parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação, apresenta os Cadernos do Estudante do Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Mundo do Trabalho para os Centros Estaduais de Educação de Jovens e Adultos (CEEJAs). A proposta é oferecer um material pedagógico de fácil compreensão, que favoreça seu retorno aos estudos.

Sabemos quanto é difícil para quem trabalha ou procura um emprego se dedicar aos estudos, principalmente quando se parou de estudar há algum tempo.

O Programa nasceu da constatação de que os estudantes jovens e adultos têm experiências pessoais que devem ser consideradas no processo de aprendizagem. Trata-se de um conjunto de experiências, conhecimentos e convicções que se formou ao longo da vida. Dessa forma, procuramos respeitar a trajetória daqueles que apostaram na educação como o caminho para a conquista de um futuro melhor.

Nos Cadernos e vídeos que fazem parte do seu material de estudo, você perceberá a nossa preocupação em estabelecer um diálogo com o mundo do trabalho e respeitar as especificidades da modalidade de ensino semipresencial praticada nos CEEJAs.

Esperamos que você conclua o Ensino Fundamental e, posteriormente, continue estudando e buscando conhecimentos importantes para seu desenvolvimento e sua participação na sociedade. Afinal, o conhecimento é o bem mais valioso que adquirimos na vida e o único que se acumula por toda a nossa existência.

Bons estudos!

Secretaria da Educação

Secretaria de Desenvolvimento
Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação

APRESENTAÇÃO

Estudar na idade adulta sempre demanda maior esforço, dado o acúmulo de responsabilidades (trabalho, família, atividades domésticas etc.), e a necessidade de estar diariamente em uma escola é, muitas vezes, um obstáculo para a retomada dos estudos, sobretudo devido à dificuldade de se conciliar estudo e trabalho. Nesse contexto, os Centros Estaduais de Educação de Jovens e Adultos (CEEJAs) têm se constituído em uma alternativa para garantir o direito à educação aos que não conseguem frequentar regularmente a escola, tendo, assim, a opção de realizar um curso com presença flexível.

Para apoiar estudantes como você ao longo de seu percurso escolar, o Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Mundo do Trabalho produziu materiais especificamente para os CEEJAs. Eles foram elaborados para atender a uma justa e antiga reivindicação de estudantes, professores e sociedade em geral: poder contar com materiais de apoio específicos para os estudos desse segmento.

Esses materiais são seus e, assim, você poderá estudar nos momentos mais adequados – conforme os horários que dispõe –, compartilhá-los com sua família, amigos etc. e guardá-los, para sempre estarem à mão no caso de futuras consultas.

Os Cadernos do Estudante apresentam textos que abordam e discutem os conteúdos propostos para cada disciplina e também atividades cujas respostas você poderá registrar no próprio material. Nesses Cadernos, você ainda terá espaço para registrar suas dúvidas, para que possa discuti-las com o professor sempre que for ao CEEJA.

Os vídeos que acompanham os Cadernos do Estudante, por sua vez, explicam, exemplificam e ampliam alguns dos assuntos tratados nos Cadernos, oferecendo informações que vão ajudá-lo a compreender melhor os conteúdos. São, portanto, um importante recurso com o qual você poderá contar em seus estudos.

Além desses materiais, o Programa EJA – Mundo do Trabalho tem um site exclusivo, que você poderá visitar sempre que desejar: <<http://www.ejamundodotrabalho.sp.gov.br>>. Nele, além de informações sobre o Programa, você acessa os Cadernos do Estudante e os vídeos de todas as disciplinas, ao clicar na aba **Conteúdo CEEJA**. Lá também estão disponíveis os vídeos de Trabalho, que abordam temas bastante significativos para jovens e adultos como você. Para encontrá-los, basta clicar na aba **Conteúdo EJA**.

Os materiais foram produzidos com a intenção de estabelecer um diálogo com você, visando facilitar seus momentos de estudo e de aprendizagem. Espera-se que, com esse estudo, você esteja pronto para realizar as provas no CEEJA e se sinta cada vez mais motivado a prosseguir sua trajetória escolar.

TENHO DÚVIDAS JÁ ESTUDEI **Unidade 1 – O início do século XX: a 1ª Guerra Mundial e a Revolução Russa..... 9**Tema 1 – Os motivos da 1ª Grande Guerra.....9 Tema 2 – A 1ª Guerra Mundial.....18 Tema 3 – As raízes da Revolução Socialista.....26 Tema 4 – A Revolução Russa.....31 Tema 5 – O nascimento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.....38 **Unidade 2 – O período entreguerras..... 45**Tema 1 – A Crise de 1929.....46 Tema 2 – Os regimes autoritários.....59 **Unidade 3 – 2ª Guerra Mundial e Guerra Fria..... 69**Tema 1 – Os antecedentes da 2ª Guerra Mundial e a expansão nazista.....70 Tema 2 – A 2ª Guerra Mundial.....76 Tema 3 – A Guerra Fria.....88 **Unidade 4 – Revolução e contrarrevolução no mundo da Guerra Fria..... 97**Tema 1 – A descolonização na Ásia e na África.....98 Tema 2 – Revolução e contrarrevolução na América Latina.....111

Caro(a) estudante,

O Volume 3 é dedicado ao estudo do século XX. Nele, é apresentado o período histórico que se inicia em 1914, com a 1ª Guerra Mundial, e que se estende até o episódio que ficou conhecido como Guerra Fria.

Na Unidade 1, você estudará a 1ª Guerra Mundial (1914-1918) e a Revolução Russa (1917), que tiveram grande impacto no mundo todo.

Essa experiência russa, que pretendia instalar um Estado de operários e camponeses para construir o comunismo, despertou sentimentos contraditórios: inspirou trabalhadores que queriam seguir a proposta comunista e, ao mesmo tempo, gerou pânico entre aqueles que defendiam a ordem capitalista. A situação ficou mais delicada com a crise econômica do capitalismo, precipitada pela quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, em 1929, Tema que será tratado na Unidade 2. Nessa Unidade, você verá que, como resposta à crise, em alguns países capitalistas, reforçou-se o papel do Estado, como nos Estados Unidos da América (EUA) e na Grã-Bretanha. Em outros países, foram instituídos regimes autoritários, como o fascismo na Itália e o nazismo na Alemanha.

O fortalecimento do nazismo na Europa, as questões imperialistas não resolvidas ao fim da 1ª Guerra Mundial e o crescimento do anticomunismo podem ser considerados as principais motivações para o início da 2ª Guerra Mundial, assunto que será estudado na Unidade 3. Nela, você verá que, ao final da 2ª Guerra Mundial, duas grandes potências despontaram e passaram a disputar a **hegemonia** do mundo: os EUA, país capitalista, e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), socialista. Nesse período, os EUA e a URSS desenvolveram a tecnologia nuclear. O antagonismo entre o capitalismo estadunidense e o socialismo soviético desencadeou o que ficou conhecido na História como Guerra Fria, que influenciou lutas sociais e políticas em vários países após o fim da 2ª Guerra Mundial.



Hegemonia

Poder de uma nação sobre as outras, superioridade, supremacia.

Por fim, você verá, na Unidade 4, que as diversas lutas pelo fim da dominação colonial dos países europeus na Ásia e na África se tornaram vitoriosas. Estudará também que, na América Latina, a Guerra Fria acentuou-se após o triunfo da Revolução Cubana em 1959 e que, nos anos seguintes, golpes militares foram apoiados pelos EUA sob a alegação de combate ao socialismo soviético. Isso aconteceu, por exemplo, no Brasil e interrompeu inúmeros processos de mudança social que questionavam o modelo capitalista vigente.

Como você pode perceber, a História do século XX foi bastante intensa do ponto de vista social, político e econômico, e contribuiu para definir o modo como a sociedade atual vive e se organiza.

Bons estudos!

O INÍCIO DO SÉCULO XX: A 1ª GUERRA MUNDIAL E A REVOLUÇÃO RUSSA

TEMAS

1. Os motivos da 1ª Grande Guerra
2. A 1ª Guerra Mundial
3. As raízes da Revolução Socialista
4. A Revolução Russa
5. O nascimento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

Introdução

Na primeira parte da Unidade, você vai estudar a **1ª Guerra Mundial** (1914-1918). Na sequência, será analisada a **Revolução Russa** (1917). Esses dois grandes eventos marcaram a História do mundo ao longo do século XX.

Ao estudar a 1ª Grande Guerra, como ficou conhecida a 1ª Guerra Mundial, você verá que o desgaste gerado por um conflito que sacrificou milhões de pessoas provocou comoções sociais em muitas partes da Europa. Essa situação se radicalizou na Rússia, onde ocorreu um fato inédito na História: a tomada do poder por trabalhadores. Isso provocou um clima de insegurança entre as classes dominantes no mundo todo, ao mesmo tempo em que encheu de esperança os que sonhavam com um mundo mais justo e igualitário.

Os motivos da 1ª Grande Guerra

TEMA 1

Neste Tema, você vai estudar os principais motivos que levaram a Europa à guerra, em um contexto de choque de interesses entre capitalistas de diferentes países, bem como de conflitos nacionalistas e imperialistas.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Caso você não se lembre, consulte o Caderno do Volume 2 para ver como o capitalismo se formou e se consolidou na Europa, dando origem ao **imperialismo** no final do século XIX. Com o imperialismo, o capitalismo se expandiu para fora da Europa, explorando outras áreas do mundo, especialmente Ásia, África e também América Latina. Como consequência, quando os países que lideravam a expansão do capitalismo entraram em conflito entre si, envolveram todos



Imperialismo

Conjunto de práticas de dominação política e econômica e de conquista territorial por parte de alguns países sobre outros. Se precisar rever esse assunto, leia-o na Unidade 4 do Volume 2.

ORIENTAÇÃO DE ESTUDO

A proposta é que você grife trechos do texto *Antecedentes da Guerra* a seguir, para compreendê-lo melhor.

Leia o texto inteiro tentando responder à seguinte questão: “Do que trata o texto?”. Somente após essa compreensão, retome a leitura, grifando com o lápis as informações que julgar essenciais para identificar os motivos que levaram à 1ª Guerra Mundial.



Antecedentes da 1ª Grande Guerra

A Europa entrou no século XX com um equilíbrio de forças muito delicado entre os países. Isso porque se acentuavam:

- as disputas por territórios no continente europeu;
- a política de expansão geográfica e econômica imperialista;
- as disputas por mercados consumidores e fornecedores de matérias-primas para as indústrias.

Somando-se a isso, as ideologias nacionalistas contribuía para aumentar os **preconceitos étnicos** em todo o continente, estimulando ainda mais os conflitos entre diferentes povos e nações.

Nesse contexto de instabilidade, os motivos que levaram as principais potências europeias a iniciar a 1ª Guerra Mundial relacionavam-se, sobretudo, à política imperialista adotada desde o final do século XIX.

A disputa pelas áreas coloniais criou rivalidades entre os diferentes países europeus, aumentando a tensão entre eles. Esse clima conflituoso agravou-se com a entrada da Alemanha no campo de disputas.

A unificação política da Alemanha foi tardia, no final do século XIX, assim como seu processo de industrialização. Porém, a industrialização alemã aconteceu de forma rápida e bastante intensa, em um ritmo acelerado. Ao entrar na



Preconceito étnico

Atitude de pessoas de um determinado grupo étnico ou nacionalidade quando julgam pessoas de outros grupos étnicos ou nacionalidades como problemáticas ou inferiores em função de alguma característica física ou cultural. Faz parte desse tipo de preconceito, por exemplo, o racismo.

corrida imperialista, até então liderada pela Inglaterra e França, a Alemanha quebrou o velho equilíbrio de forças europeu, aumentando as oposições entre as grandes potências europeias.

No final do século XIX, o equilíbrio político-econômico europeu era mantido por meio de um elaborado jogo de alianças político-militares.

Os principais países europeus alinharam-se em dois blocos rivais: de um lado, formou-se a Tríplice Aliança (Alemanha, Império Austro-húngaro e Itália); de outro, a Tríplice Entente (Grã-Bretanha, França e Rússia). Essas alianças, no entanto, mudariam com o tempo, já que a Itália, como você verá a seguir, trocou de lado e se aliou à Tríplice Entente.

Durante muitos anos, a diplomacia teve êxito em conter as tensões entre os países europeus, mas não conseguiu eliminá-las. Ao contrário, elas cresciam na medida em que os interesses desses países por mais terras e matérias-primas chocavam-se entre si, em razão das políticas imperialistas praticadas.

A corrida armamentista, caracterizada pelo desenvolvimento de armas e pelo aumento do arsenal, travada entre os principais países europeus da época, mantinha a chamada “paz armada”, um equilíbrio baseado no poderio bélico, isto é, no poder das armas dos países e impérios europeus. Só que tal situação não se sustentou por muito tempo porque as disputas entre essas potências foram se agravando.

Mas, afinal, como essas tensões se manifestavam de fato?

- Havia rivalidade entre Inglaterra e Alemanha, uma vez que o país germânico ameaçava o poder inglês, sobretudo ao disputar maiores fatias dos mercados coloniais. O interesse alemão em construir uma ferrovia que ligasse Berlim a Bagdá, no atual Iraque, agravou ainda mais o conflito entre os dois países, uma vez que, se concluída a ferrovia, os alemães teriam acesso ao petróleo do Oriente Médio, bem como aos mercados da região.
- Havia também rivalidade entre França e Alemanha. A nação alemã derrotara a França na Guerra Franco-prussiana de 1870. Com essa derrota, a França perdeu os territórios da Alsácia e da Lorena, ricos em minérios, para os alemães, o que gerou, nos franceses, um forte sentimento de revanche.
- O expansionismo russo entrou em choque com os interesses do Império Austro-húngaro, do Império Otomano (atual Turquia) e da Alemanha. Em nome do pan-eslavismo, os russos pregavam a união de todos os **povos eslavos**, ameaçando invadir territórios desses impérios.



Povos eslavos

Os diversos povos que habitam o centro e o leste da Europa, entre eles, os sérvios, os tchecos, os russos e bielorrussos, os poloneses, os croatas, os búlgaros, os ucranianos, os macedônios, os eslovenos e os eslovacos.

Os russos pretendiam se apossar dos estreitos de Bósforo e Dardanelos, sob domínio do decadente Império Otomano, regiões por onde passaria a estrada de ferro Berlim-Bagdá. Isso ia contra os interesses da Alemanha, que, naquela época, apoiava o Império Austro-húngaro e o Império Otomano.

A tensão na Europa explodiu com o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do trono austro-húngaro, em Sarajevo (capital da atual Bósnia, na Península Balcânica), em 1914. Seu assassino foi um nacionalista sérvio que protestava contra o domínio da Áustria-Hungria sobre a Sérvia, que, assim como a Rússia, também tinha interesse em unificar os povos eslavos da região sob sua liderança.



Arquiduque Francisco Ferdinando momentos antes de ser assassinado.

Esse evento provocou o rompimento das frágeis relações diplomáticas entre os governos na Europa. As nações, estimuladas por sentimentos nacionalistas e motivadas por disputas econômicas imperialistas, convocaram o sistema de alianças militares e entraram em conflito. Dessa maneira, o Império

Austro-húngaro aproveitou o atentado contra o arquiduque Francisco Ferdinando e, dando vazão às suas pretensões de expansão imperialista, declarou guerra à Sérvia.

Motivada pela ideia do pan-eslavismo, a Rússia enviou tropas em defesa da Sérvia. A Alemanha, aliada do Império Austro-húngaro, pôs-se ao seu lado. A França, por causa dos conflitos territoriais com a Alemanha, na região da Alsácia-Lorena, na Europa e em suas colônias na África, uniu-se aos russos e sérvios.

Com a invasão alemã da Bélgica, a Grã-Bretanha, impulsionada pela sua rivalidade com a Alemanha devido às disputas pelas colônias na África e no Pacífico, bem como pela aliança que tinha com os belgas, entrou na guerra para combater a Alemanha. Na sequência, motivada pelo desejo de expansão territorial para fomentar sua industrialização recente, a Itália aliou-se à Alemanha e ao Império Austro-húngaro. Posteriormente, no meio da guerra, a Itália mudou de lado, aliando-se à França, Grã-Bretanha e Rússia em troca da promessa de que receberia territórios na África.

ORIENTAÇÃO DE ESTUDO

Sempre que observar um mapa, tente compreendê-lo realizando uma leitura da representação do espaço geográfico. Para fazer a análise do mapa, leia inicialmente o título, tentando reconhecer a temática em questão. Procure a legenda – que normalmente está ao lado ou abaixo do mapa – e observe suas informações. Isso vai ajudá-lo a compreender melhor os dados.

No caso do mapa da página a seguir, observe que a temática é a divisão política da Europa no contexto da 1ª Guerra Mundial. Nesse sentido, as cores ajudam a compreender quais foram os países que se aliaram, quais foram os países invadidos e os neutros. Observe as cores amarelas, rosas, amarelas com tarjas vermelhas, verdes e roxas. Procure identificar o que cada uma dessas cores representa. Identificadas essas informações, ficará fácil responder às questões propostas na *Atividade 1 – Alianças para a 1ª Guerra Mundial*.

ATIVIDADE

1

Alianças para a 1ª Guerra Mundial

Localize, no mapa da próxima página, os países que participaram da 1ª Guerra Mundial e suas respectivas alianças.



ARRUDA, José Jobson de A. *Atlas histórico básico*. São Paulo: Ática, 2008, p. 27. Mapa original (mantida a grafia).

1 Preencha o quadro abaixo com os países que formaram as seguintes alianças militares:

Tríplice Entente	Tríplice Aliança

2 De acordo com o texto *Antecedentes da 1ª Grande Guerra*, escreva o que motivou cada país envolvido a entrar na guerra. Em seguida, explique os motivos que os levaram a escolher um dos lados do conflito.



Você conheceu até agora os vários motivos que levaram grande parte dos países europeus à 1ª Guerra Mundial, responsável por uma enorme perda populacional e destruições materiais. Entre esses motivos estão: as disputas imperialistas (isto é, disputas econômicas e políticas por dominação de territórios, que seriam fontes de matérias-primas para a indústria e mercados consumidores) e os conflitos étnicos e nacionalistas (ou seja, entre povos que se julgavam melhores que outros por estes apresentarem características diferentes).

Agora, pense nos conflitos atuais e procure lembrar as informações que você vê na TV ou nos jornais, por exemplo, sobre as guerras no Oriente Médio. Você poderá observar que os motivos das disputas ainda são as fontes de riquezas econômicas (no caso atual, o petróleo) e que, em algumas situações, as justificativas continuam sendo étnicas e religiosas, como no conflito entre palestinos e israelenses no Oriente Médio.

Você vê sentido para que existam guerras no mundo? Que caminhos podem ser trilhados para que se evitem futuras guerras?

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - Alianças para a 1ª Guerra Mundial

1 Resposta:

Tríplice Entente	Tríplice Aliança
Grã-Bretanha	Alemanha
França	Áustria-Hungria
Rússia	Itália*

* Lembre-se de que, no meio da guerra, a Itália mudou de lado.

2 De acordo com o texto *Antecedentes da Guerra*, é possível dizer que:

- o Império Austro-húngaro aproveitou o atentado contra o arquiduque Francisco Ferdinando e, dando vazão às suas pretensões de expansão imperialista, declarou guerra à Sérvia;
- a Rússia enviou tropas em defesa da Sérvia e contra o Império Austro-húngaro, motivada pela ideia da união dos povos eslavos, sob a hegemonia russa;
- a Alemanha entrou na guerra, pois era aliada do Império Austro-húngaro e estava motivada por conflitos de cunho imperialista com a França e a Grã-Bretanha;

O conflito

A 1ª Guerra Mundial foi um conflito de grande dimensão na História. Embora outros confrontos tenham durado mais tempo do que a 1ª Guerra Mundial, nenhum envolveu tantas pessoas, direta ou indiretamente, até aquele momento. Protagonizada por alguns dos países mais industrializados do mundo, a guerra mobilizou toda a estrutura econômica e social das nações que dela participavam. Até aquele momento, nunca se havia lutado com tantos recursos. E esses recursos apoiavam-se em um desenvolvimento tecnológico que ampliava o alcance e o tamanho da destruição. Estima-se que mais de 8,5 milhões de pessoas tenham morrido na guerra (cf. PBS, disponível em: <http://www.pbs.org/greatwar/resources/casdeath_pop.html>. Acesso em: 13 mar. 2014).

Inicialmente, a dinâmica da guerra mostrou um equilíbrio entre o poder militar da Tríplice Aliança (Alemanha, Áustria-Hungria e Itália) e da Tríplice Entente (Grã-Bretanha, França e Rússia). Após anos de luta nas trincheiras, que eram abrigos ou proteções escavados na terra para que os soldados pudessem se proteger, o entusiasmo nacionalista que motivara os primeiros combates foi diminuindo.



Batalha de Menin, na Bélgica, durante a 1ª Guerra Mundial, em fotografia de 1917. Soldados britânicos em suas trincheiras aguardavam a ordem para atacar.

A guerra tornou-se impopular nos diferentes países envolvidos e, em muitos casos, converteu-se em um grave problema interno às nações, por causa da insatisfação de suas populações.

Durante o desenrolar da guerra, em outubro de 1917, a Rússia, membro da Tríplice Entente, viu-se, internamente, diante de um movimento revolucionário. A insatisfação quanto à participação russa na guerra, bem como o governo autoritário característico da Rússia e personificado na figura do *czar* (título utilizado pelos imperadores russos), levou operários e camponeses a tomar o poder.

Por causa do processo revolucionário interno que vivia, a Rússia saiu da guerra, após assinar com a Alemanha o tratado de paz de Brest-Litovsky, cujas condições de paz eram penosas para os russos. O exemplo da Revolução Russa, como você verá no próximo Tema, tornou-se um estímulo para muitos soldados e operários de outros países e, ao mesmo tempo, foi motivo de preocupação para diversos chefes de Estado aliados à classe burguesa dominante, que temiam uma revolução social no seu país.

A situação foi particularmente delicada na Alemanha, país que contava com a organização socialista mais forte da Europa no começo do século XX. Os soldados alemães, que também eram trabalhadores, tinham contato com os socialistas russos nas trincheiras. Assim, as pressões exercidas pelo movimento operário alemão, sob influência do que acontecia na Rússia, levaram setores da classe dominante da Alemanha a propor o término da guerra.

Além disso, depois de 1917, os EUA, que até então só participavam do esforço econômico da guerra, apoiando principalmente os ingleses e os franceses com envio de mantimentos e armas, aderiram ao confronto, aliando-se à Tríplice Entente. Foi uma mudança decisiva: a entrada de tropas estadunidenses (ou seja, o apoio de uma das maiores potências econômicas mundiais) desempatou a guerra a favor da Tríplice Entente. O fato de a Itália ter mudado de lado também contribuiu para o enfraquecimento da Tríplice Aliança.

No final de 1918, o exército alemão enfrentava crescentes dificuldades, assim como seus aliados, mas não estava completamente vencido, pois tropas alemãs ainda ocupavam porções do território francês. Porém, além da situação militar desfavorável, havia o medo de um resultado que, na visão das classes dominantes, seria pior do que a derrota nacional: a revolução social. As perdas impostas pela guerra ao povo alemão geraram grande insatisfação popular contra os membros da classe dominante.

Nesse contexto de insatisfação, houve a queda do Império Alemão e a proclamação da República, que, dentre outros fatores, levaram a 1ª Guerra Mundial a seu término. Em 11 de novembro de 1918, o novo governo republicano alemão assinou um **armistício** (um tratado para cessar-fogo).



VOCÊ SABIA?

A queda do Império Alemão e o estabelecimento da República na Alemanha foram impulsionados por uma revolução.

Essa revolução, que deu início à República de Weimar, foi organizada pelo Partido Social-Democrata Alemão, com o apoio de comunistas e socialistas – já que ambos sempre atuaram na oposição ao regime imperial –, obrigando o imperador Guilherme II a ir para o exílio.



PARA SABER MAIS



As consequências da 1ª Guerra Mundial

Do ponto de vista econômico, os EUA despontaram como a principal potência mundial. Isso aconteceu porque tiveram um crescimento econômico significativo, uma vez que abasteceram alguns dos mais importantes mercados europeus ao longo da guerra, sem sofrer com a destruição causada pelas batalhas, já que não tiveram conflitos em seus territórios.

A Europa, que havia sido o centro do capitalismo, passou da condição de credora (que emprestava dinheiro e cobrava) à de devedora (que pedia dinheiro e devia) dos EUA. Essa situação foi reforçada pela necessidade de reconstrução do continente europeu nos anos seguintes.

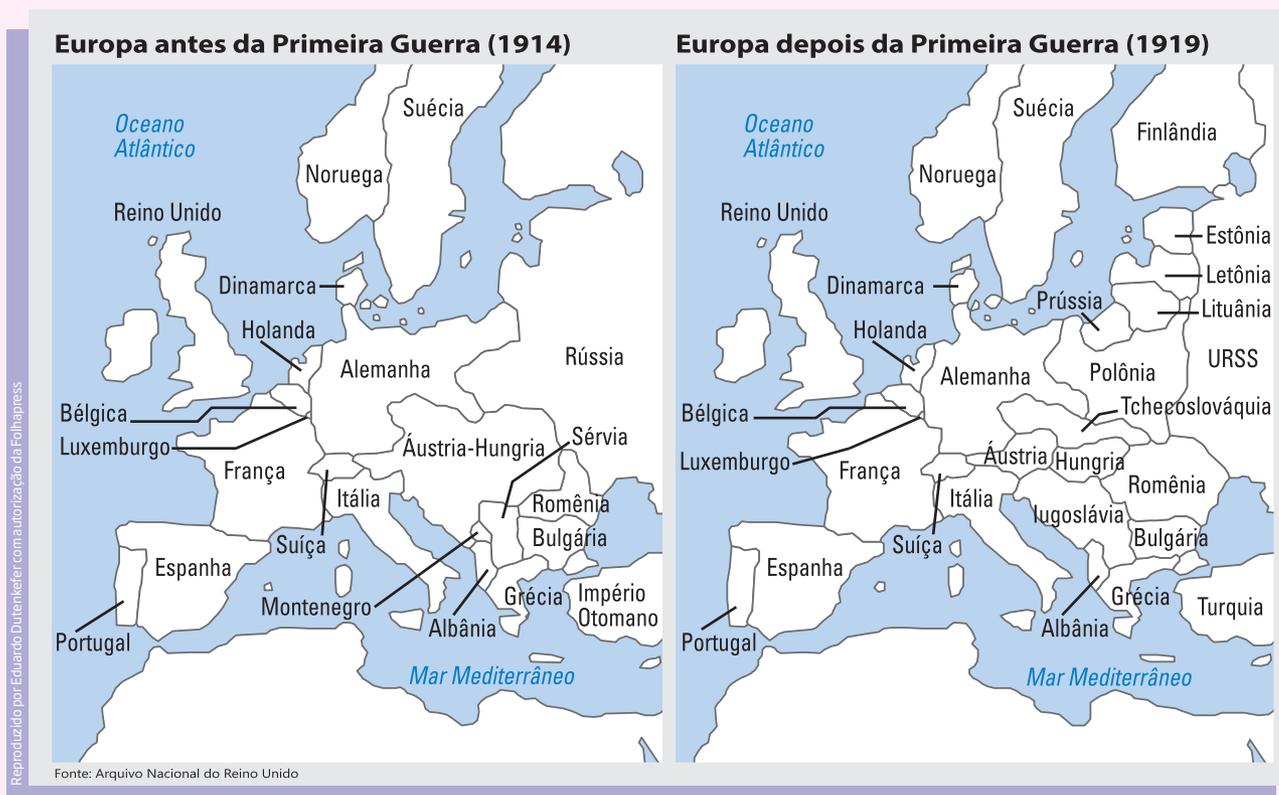
Com o fim da guerra, o Império Russo foi desmoralizado política e militarmente, o que facilitou o triunfo da revolução socialista naquele país, resultando na formação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), a qual marcaria o século XX.

O final da 1ª Guerra Mundial precipitou a queda de diversos impérios em função do enfraquecimento dos seus governos diante de movimentos sociais e nacionalistas em seus territórios. Além do Império Alemão, caíram também os impérios Russo, Turco-otomano e Austro-húngaro.

Diversos Estados nacionais nasceram (ou renasceram) como resultado desses desmembramentos, tais como Polônia, Hungria, Finlândia, Tchecoslováquia e Iugoslávia. A Turquia e diversos países do Oriente Médio surgiram em decorrência da queda do Império Turco-otomano, que havia apoiado a Tríplice Aliança. A Itália, embora tivesse conflitos com a França pela dominação de regiões na África, mantinha também, desde o processo de unificação ocorrido décadas antes, conflitos de caráter expansionista com a Áustria-Hungria pela disputa na região do

Tirol e da Ístria. Nesse contexto, a Itália assinou um tratado de não agressão com a França e com a Rússia, tornando frágil sua posição na Tríplice Aliança. Como os italianos não tiveram suas reivindicações territoriais atendidas ao final da guerra, isso foi explorado posteriormente pelo fascismo.

Os mapas europeus, a seguir, mostram as mudanças ocorridas na divisão política do continente após a 1ª Guerra Mundial.



VEJA como a Primeira Guerra mudou o mapa da Europa. *Folha de S. Paulo*, Mundo, 11 nov. 2008, 02h28.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u466294.shtml>> (Acesso restrito). Acesso em: 13 mar. 2014. Mapa original (base cartográfica com generalização; algumas feições do território não estão representadas). A Prússia, que liderou a unificação da Alemanha no final do século XIX, era um dos Estados alemães em 1919. Além disso, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) somente se constituiu em 1922, tendo a Rússia como seu maior Estado e Moscou como sua capital [nota do editor].

Ao término dos conflitos, as nações vencedoras reuniram-se na chamada Conferência de Paris, com a intenção de discutir as condições que levariam ao estabelecimento da paz na Europa. O principal resultado desse encontro foi a assinatura do **Tratado de Versalhes**, que impôs severas perdas aos alemães, a quem os vencedores atribuíram a responsabilidade pela destruição causada aos adversários durante a guerra.

As perdas impostas aos alemães foram:

- reduzir suas tropas pela metade;
- pagar indenizações altíssimas aos países vencedores;
- abrir mão de todas as suas colônias na África e Ásia para serem divididas entre os países vencedores (principalmente, França e Inglaterra);

- devolver a região da Alsácia-Lorena à França;
- ter seu território separado em duas partes por um corredor de terras que dava acesso para o mar à Polônia (corredor polonês).

Para muitos alemães, a assinatura desse tratado significou uma humilhação que deveria ser reparada assim que possível. Esse foi um dos aspectos que favoreceram o crescimento do nazismo e que acabaram dando origem a outro conflito de grandes proporções: a 2ª Guerra Mundial.



A destruição causada nos territórios e nas sociedades envolvidas na 1ª Guerra Mundial motivou a formação da Liga das Nações, organização internacional que deveria impedir o surgimento de confrontos semelhantes. Contudo, ela foi impotente para evitar que, poucos anos depois, ocorresse a 2ª Guerra Mundial. Mas sua experiência foi uma referência para a formação da atual Organização das Nações Unidas (ONU).

Em sua opinião, atualmente a ONU tem feito um trabalho eficaz para o estabelecimento da paz mundial e a efetivação dos direitos humanos? Por quê?

É possível afirmar que, tal como a Liga das Nações, a ONU é impotente diante dos interesses que impulsionam as nações aos conflitos? Por sua vez, sem a existência da ONU, os conflitos mundiais não poderiam ser maiores ainda?

ATIVIDADE 1 Fatos da guerra

Leia as frases a seguir e, de acordo com o que foi estudado sobre a 1ª Guerra Mundial, identifique quais afirmações estão corretas e quais estão incorretas.

I – A 1ª Guerra Mundial foi um conflito que envolveu somente países europeus e, por haver pouco desenvolvimento tecnológico na época, teve pouco impacto em termos de destruição.

II – A 1ª Guerra Mundial envolveu alguns dos países mais industrializados na época, com imensos recursos e tecnologias capazes de ampliar o alcance e a escala da destruição.

III – A 1ª Guerra Mundial só terminou em função de um acordo entre as potências dos dois lados, que resolveram partilhar seus territórios pelo mundo.

A Rússia pré-revolucionária

Embora a eclosão da Revolução Russa de outubro de 1917 estivesse relacionada à 1ª Guerra Mundial, suas raízes eram mais profundas e suas consequências para o mundo foram duradouras. A tentativa da Rússia de construir uma sociedade diferente da sociedade capitalista e orientada inicialmente por valores comunistas dividiu a política, ao longo do século XX, em dois lados opostos: os que se sentiam estimulados pelo exemplo russo e os que nele enxergaram uma tragédia que deveria ser evitada.

Mas como foi possível acontecer uma revolução operária na Rússia, que era um dos países mais desiguais socialmente e menos desenvolvidos economicamente da Europa no começo do século XX?

É importante destacar que a Rússia czarista era um país essencialmente agrícola com população fundamentalmente camponesa. Somente no final do século XIX a industrialização começou a penetrar na economia russa, dependendo do capital estrangeiro. Com isso, um operariado começou a se formar e as primeiras greves de trabalhadores ocorreram na década de 1890.

Ao contrário do que se possa imaginar, uma revolução não é um acontecimento pontual, mas o desfecho de longos processos históricos.

Geralmente, quando falam em Revolução Russa, as pessoas lembram-se apenas da revolução mais famosa: aquela que, em outubro de 1917, pela primeira vez na História, colocou os trabalhadores no poder, iniciando uma tentativa de construção de uma sociedade comunista. No entanto, no caso russo, ocorreram três revoluções entre 1905 e outubro de 1917, quando triunfou o setor mais radical dos socialistas russos, os bolcheviques (maioria). Esse grupo defendia a ideia de que somente a revolução proletária, liderada pelos trabalhadores, poderia criar uma sociedade comunista. Diferente da posição dos mencheviques (minoría), que defendiam a ideia de que uma sociedade socialista poderia ser construída de forma lenta e natural.

PROCESSO REVOLUCIONÁRIO NA RÚSSIA:

- **Revolução de 1905:** abalou as estruturas do Império Russo, mas não as derrubou, terminando em um banho de sangue, conhecido como “Domingo sangrento”.
- **Revolução de fevereiro de 1917:** levou à abdicação do czar (título usado por monarcas russos de 1546 até 1917) Nicolau II e ao fim do Império Russo em plena 1ª Guerra Mundial.
- **Revolução de outubro de 1917 (ou Revolução Bolchevique):** levou os bolcheviques, o setor mais radical dos socialistas russos, ao poder e à criação da URSS, em 1922. Para além desses fatores políticos, eliminou a propriedade privada, coletivizando a produção, isto é, fazendo as fábricas, as terras e os outros meios de produção deixarem de pertencer a alguém para pertencer a todos.

A Rússia era, no século XIX, do ponto de vista econômico e social, uma das nações mais atrasadas da Europa. Assim mesmo, era considerada uma potência, como Inglaterra, França, Alemanha e Império Austro-húngaro, devido à sua vasta extensão territorial e à unidade política do Império, controlado pelo *czar*.

A maioria da população russa era camponesa e sofria a exploração dos grandes proprietários rurais, que submetiam essa enorme massa de trabalhadores à servidão, abolida apenas em 1861. Além disso, o Império Russo reprimia as liberdades civis (como a liberdade de imprensa, o direito de ir e vir, a liberdade de associação etc.), apoiava a exploração do trabalho camponês e operário e oprimia, em seu território, os judeus e as minorias nacionais não russas, como os poloneses, asiáticos, ucranianos, georgianos, armênios e tártaros.

No entanto, o atraso político e social da Rússia governada pelo *czar* não impediu o desenvolvimento industrial, principalmente em torno das cidades de São Petersburgo e Moscou, sobretudo após a segunda metade do século XIX. Essa industrialização foi, muitas vezes, baseada em capital estrangeiro e explorou os abundantes recursos naturais do país, bem como seus trabalhadores.

Desse modo, conviveram na Rússia uma população rural que trabalhava a terra em condições de atraso técnico e opressão senhorial, e um crescente operariado envolvido com as indústrias que também era explorado por seus patrões.

Assim, para promover o desenvolvimento russo, exploravam-se os trabalhadores, que, em 1905, realizaram uma greve reivindicando melhores condições de vida e de trabalho – já que havia longas jornadas, baixos salários e nenhum direito trabalhista. Essas manifestações grevistas, envolvendo operários, camponeses e marinheiros, foram reprimidas pelo *czar*, mas isso não impediu novas manifestações. No auge da agitação popular, foram formados os **Sovietes**, conselhos de trabalhadores que lutavam pelos seus direitos.

Essa forma de progresso, que associava a exploração dos trabalhadores rurais e urbanos e a dominação tirânica do *czar* à qual eram submetidos, foi definida por Leon Trotski, um dos principais pensadores e líderes socialistas, como “desenvolvimento desigual e combinado”.

Tal desenvolvimento gerou agudas contradições sociais, com uma minoria repleta de privilégios e uma população no campo e nas cidades extremamente pobre, que constituíram o pano de fundo das revoluções ocorridas na Rússia no começo do século XX, dando início à Revolução Bolchevique. Durante a 1ª Guerra Mundial, os embates com a Alemanha provocaram muitas mortes e agravaram a crise econômica, ocasionando novas greves e repressão por parte do *czar*.

**ASSISTA!****História – Volume 3***A Revolução Russa*

O vídeo aborda a Revolução Russa, seus antecedentes e suas principais consequências. Você vai entrar em contato com personagens históricas, como Lênin, Trotski e Josef Stálin, e vai entender a importância desse movimento revolucionário para o século XX.

É um ótimo vídeo para que você compreenda mais sobre este e os próximos Temas explicados neste Caderno.

**PENSE SOBRE...**

Você viu que as condições de exploração e opressão exercidas pelo *czar* sobre o povo trabalhador russo contribuíram para a insatisfação popular e sua organização para uma revolução. Você acha que essas condições existem atualmente em outros países do mundo? Você acha que hoje em dia seria possível acontecer uma revolução do mesmo tipo da que ocorreu na Rússia? Por quê?

ATIVIDADE**1****Motivos para a revolução**

De acordo com o texto *A Rússia pré-revolucionária*, escreva, a seguir, alguns dos principais motivos que levaram a Rússia à revolução.

HORA DA CHECAGEM**Atividade 1 - Motivos para a revolução**

Alguns dos principais motivos que levaram a Rússia à revolução foram:

- exploração da maioria da população camponesa por grandes proprietários rurais;
- crescente operariado urbano sob dominação despótica do *czar*, ou seja, uma dominação em que o governante, além de não obedecer às leis, não foi escolhido pela população;
- o governo do *czar* apoiava a exploração de camponeses e operários e, ainda, reprimia as liberdades civis da população.

O processo revolucionário

Em 9 de janeiro de 1905, uma passeata pacífica que reivindicava aumento de salários e redução na jornada de trabalho seguia em direção ao Palácio Imperial, em São Petersburgo, mas foi brutalmente massacrada pela guarda imperial do czar. Esse acontecimento ficou conhecido como “Domingo sangrento”. Após esse episódio, uma onda de protestos e greves espalhou-se pelo país e a popularidade do czar entrou em declínio.

Diante da onda revolucionária que se estendia, o czar Nicolau II lançou, em outubro de 1905, um manifesto, no qual fez algumas concessões. Entre elas, a permissão para a elaboração de uma Constituição por um Parlamento.

O Parlamento, chamado *Duma*, foi criado e convocou-se uma Assembleia Constituinte (isto é, uma assembleia para escrever uma nova Constituição).



“Domingo sangrento”: soldados do governo *czarista* massacraram trabalhadores russos que, em 1905, exigiam reformas políticas, econômicas e sociais.

A monarquia absolutista, na qual o poder do imperador não tinha limites jurídicos, cedeu lugar para a monarquia constitucional. Nesse contexto, foi formalmente admitida a atuação de partidos políticos.

No entanto, essa liberdade política durou pouco. Retomado o controle da situação, o *czar* voltou a perseguir seus opositores, enquanto os trabalhadores não encontravam solução para seus problemas.

Durante a 1ª Guerra Mundial, da qual a Rússia participava aliada à Tríplice Entente, uma nova onda revolucionária invadiu o Império Russo no ano de 1917. O desastre militar na guerra, as perdas humanas estimadas em quase 2 milhões (cf. PBS, disponível em: <http://www.pbs.org/greatwar/resources/casdeath_pop.html>. Acesso em: 13 mar. 2014) e a crise econômica derivada da perda de áreas agrícolas, bem como da destruição das indústrias, foram fatores que contribuíram para esse novo momento revolucionário.

O esforço nacional para a guerra impunha crescentes sacrifícios à população civil, que convivia com desabastecimento alimentar e alto custo de vida. Ao descontentamento dos trabalhadores, agregava-se a insatisfação de setores burgueses da sociedade russa, favoráveis a mudanças liberais, especialmente no que dizia respeito à industrialização e modernização do país.

Assim, a condição do *czar* ficava cada vez mais insustentável: externamente, ele enfrentava uma difícil situação militar; internamente, as pressões dos trabalhadores somavam-se às da burguesia liberal. No momento em que os protestos sociais foram retomados com muita força, no início de 1917, Nicolau II não conseguiu assegurar o poder.

No auge da agitação popular, soldados e trabalhadores invadiram o Palácio Tauride, local onde se reunia a *Duma* (Parlamento), em Petrogrado (hoje São Petersburgo), capital do país naquele tempo. O *czar* Nicolau II renunciou, abrindo espaço para a formação de duas instituições que exerceriam um poder paralelo nos meses seguintes:

- o Governo Provisório, constituído por deputados moderados da *Duma*;
- o Soviete (conselho) de Petrogrado, formado por trabalhadores e soldados de diversas correntes políticas.



Soviete reunido no Palácio Tauride, em Petrogrado.

Como funcionam os Sovietes

Por John Reed (escrito entre 1918 e 1919)

O Estado dos Sovietes baseou-se nos Sovietes – ou Conselhos – dos operários e camponeses.

Esses conselhos – instituição característica da Revolução Russa – fizeram a sua aparição em 1905, quando, durante a primeira greve geral dos operários, as fábricas de Petrogrado e as organizações sindicais enviaram delegados a um comitê central. [...]

Quando a Revolução de 1905 fracassou, uma parte dos membros do Conselho pôs-se em fuga, enquanto os outros foram enviados para a Sibéria*. Mas esse tipo de organização unitária mostrou-se tão extraordinariamente eficaz, enquanto organismo político, que todos os partidos revolucionários incluíram um Conselho dos Deputados Operários no seu programa para a próxima sublevação**.

Em março de 1917, quando [...] o czar abdicou, o grão-duque Miguel renunciou e a frágil Duma [Parlamento] foi forçada a tomar as rédeas do governo, o Conselho dos Deputados Operários surgiu de novo, completamente estruturado. Em poucos dias, ampliou-se de modo a incluir também delegados do exército e passou a chamar-se “Conselho dos Deputados Operários e Soldados”. Por outro lado, o Comitê

* Região extremamente fria ao norte da Rússia [nota do editor].

** Ato de revolta ou rebelião contra o poder estabelecido [nota do editor].

da Duma era composto [...] por burgueses e não tinha qualquer relação com as massas revolucionárias.

[...] os Sovietes eram na altura compostos por operários e soldados; pouco depois formaram-se Sovietes de camponeses. [...]

Fonte: *Centro de Mídia Independente (CMI)*. © Copyleft <http://www.midiaindependente.org>.
É livre a reprodução para fins não comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados e esta nota seja incluída. Acesso em: 13 mar. 2014.

Enquanto o Governo Provisório, comandado por políticos não revolucionários, assumia os rumos da política do país, crescia o prestígio dos Sovietes como expressão legítima do poder dos trabalhadores.

A convivência entre o Governo Provisório e o Soviete de Petrogrado, nos meses seguintes à queda do czar, expressava uma *dualidade de poderes*, isto é, uma divisão de poder, na sociedade russa. No entanto, na medida em que representavam interesses divergentes, essa dualidade não poderia ser sustentada para sempre.

Em um primeiro momento, o Governo Provisório adotou medidas liberais, como liberdade de expressão, perdão aos presos políticos e redução da jornada de trabalho para oito horas diárias. Também convocou uma Assembleia Constituinte, que deveria ser eleita no final do ano por meio do voto universal.

Contudo, havia dois pontos cruciais para o povo russo que o Governo Provisório se mostrou incapaz de resolver: a **reforma agrária** e a intenção de retirada do país da 1ª Guerra Mundial. Esses motivos alimentavam a esperança de que os Sovietes pudessem ser um instrumento de mudança social eficaz.

Em meio a essa situação, líderes revolucionários, como Vladimir Lênin, aproveitaram-se do perdão concedido pelo Governo Provisório e deixaram o exílio, voltando, assim, para a Rússia. Defendendo o lema de “Paz, terra e pão”, a influência dos bolcheviques crescia sobre os Sovietes, com base na relação de confiança que haviam estabelecido com organizações operárias durante o *czarismo*.

Conscientes da fragilidade do Governo Provisório e do potencial dos conselhos de trabalhadores, os bolcheviques estimularam a formação de Sovietes de soldados, camponeses e operários por todo o país. Eles fizeram isso porque vislumbraram uma possibilidade de revolução inédita na História da humanidade: uma sociedade

Reforma agrária

Processo de redistribuição de terras, tendo em vista sua função social, ou seja, transformar o camponês que nela vive e trabalha na condição de empregado, em proprietário. Cabe ao Estado promover essa redistribuição da terra, seja expropriando terras ou comprando.

governada diretamente pelos trabalhadores, na qual o poder seria exercido, especialmente, por meio desses conselhos. Fortaleceu-se, então, um segundo lema revolucionário: “Todo poder aos soviets”. Dessa forma, o prestígio dos bolcheviques entre os Sovietes crescia a cada mês.

Em agosto de 1917, houve uma tentativa de golpe militar na Rússia que só pôde ser barrada pela atuação decisiva dos Sovietes. Como resultado do fracasso do golpe, duas coisas ficaram claras para os revolucionários: a fragilidade do Governo Provisório e a força dos Sovietes. Assim, naquele momento, sob a liderança dos bolcheviques, os Sovietes começaram a articular uma ação para a tomada efetiva do poder, realizada em 25 de outubro daquele ano. Nesse dia, tropas populares lideradas por Trotski ocuparam os principais edifícios da capital e o Governo Provisório foi obrigado a renunciar.

Era o fim da dualidade de poder entre o Governo Provisório e o Soviete de Petrogrado. Pela primeira vez na História, uma revolução de operários e camponeses assumia o comando político de um país.

ATIVIDADE 1 A revolução

1 Marque as alternativas que indicam as condições que provocaram a Revolução de 1917 na Rússia.

- a) A morte de muitos camponeses e operários durante a 1ª Guerra Mundial.
- b) Os ideais liberais de livre comércio e sufrágio universal.
- c) O desabastecimento alimentar e o alto custo de vida resultantes do esforço nacional para a guerra.
- d) A difícil situação militar da Rússia no exterior.
- e) A bem-sucedida campanha militar do czar durante a 1ª Guerra Mundial.

2 Quando Lênin, um dos líderes revolucionários dos bolcheviques, defendeu o lema “Paz, terra e pão” para o povo russo, ele estava defendendo que tipo de medidas? Assinale a alternativa correta.

- a) A saída da Rússia da 1ª Guerra Mundial e a distribuição de comida para o povo.
- b) A saída da Rússia da 1ª Guerra Mundial e a reforma agrária.
- c) A destruição total do inimigo na 1ª Guerra Mundial e a distribuição de comida para o povo.



Neste Tema, você vai estudar como a Rússia se transformou durante e após a revolução, dando origem a uma grande potência mundial que foi referência ao longo de toda a História do século XX: a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (1922-1991).

 O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Você já ouviu falar da antiga União Soviética? Caso não, pesquise em bibliotecas, na internet ou pergunte às pessoas mais velhas. Em seguida, escreva as informações obtidas sobre esse assunto.

Lined area for student response, consisting of multiple horizontal lines.



A Rússia revolucionária

Os revolucionários russos que assumiram o poder em outubro de 1917, liderados por Vladimir Lênin, defendiam um projeto político inspirado nas ideias de Karl Marx, teórico e crítico radical do capitalismo. Como substituição ao sistema econômico capitalista, eles propunham a construção de uma sociedade comunista, sem patrões nem empregados, sem propriedade privada e sem Estado, como um projeto para o mundo e não somente para um país.

Se você consultar o Caderno do Volume 2, verá que a construção do comunismo não era imaginada como uma realização imediata, do dia para a noite, mas sim como um longo processo histórico. A transição do capitalismo para o comunismo, na visão original dos revolucionários russos, seria por meio do socialismo, que apresentaria elementos da sociedade passada (o capitalismo), com outros da sociedade futura (o comunismo).

Em vez de desaparecer, o Estado socialista concentraria os meios de produção, que antes pertenciam aos capitalistas. Ou seja, o Estado seria o principal proprietário de terras, fábricas, bancos etc., representando os interesses dos trabalhadores, e não dos capitalistas.

No quadro a seguir, foram esquematizadas as diferenças entre capitalismo e comunismo, bem como a proposta imediata para o socialismo.

Capitalismo	Socialismo	Comunismo
Propriedade privada dos meios de produção.	Propriedade estatal dos meios de produção, gerida por trabalhadores.	Propriedade coletiva, ou comum, dos meios de produção.
Estado burguês.	Estado dos trabalhadores.	Governo econômico, social e político dos trabalhadores, por meio de cooperativas, conselhos e associações de livres produtores.
Divisão da sociedade em classes.	Expropriação dos capitalistas e divisão dos recursos por meio de serviços públicos do Estado.	Fim das classes sociais: todos são produtores.

Com o triunfo da revolução em 1917, os bolcheviques, fiéis a esses ideais, imediatamente propuseram:

- uma reforma agrária, dividindo as grandes propriedades de terra entre os camponeses pobres;

- a estatização dos bancos e das fábricas, incluindo empresas estrangeiras;
- o controle direto das fábricas pelos operários;
- a negociação da paz com os alemães e a retirada dos russos da guerra.

Como se pode perceber, a Revolução de Outubro indicava uma ruptura não somente com a Rússia imperial, mas com o próprio capitalismo. Por esse motivo, seu ideário tinha consequências que ultrapassavam as fronteiras russas: o triunfo dos bolcheviques sinalizava aos trabalhadores de todo o mundo que era possível tomar o poder.

Os próprios bolcheviques tomaram a iniciativa de formar uma organização com o objetivo de reunir os partidos comunistas do mundo inteiro, visando a trabalhar por uma revolução mundial. Essa organização ficou conhecida como a III Internacional.

A vitória dos bolcheviques preocupou as nações capitalistas do mundo inteiro, entre elas, aquelas envolvidas na 1ª Guerra Mundial. O medo de que o exemplo da Rússia pudesse espalhar-se para além das suas fronteiras estimulou muitos países, que até então lutavam entre si, a enviar tropas contra a Revolução de Outubro.



Mesa diretora da abertura do Congresso da III Internacional em Moscou. Entre os participantes estava Lênin, o terceiro da esquerda para a direita.

Assim, os bolcheviques não tiveram trégua. Antes mesmo de quase ser encerrada a 1ª Guerra Mundial, a revolução precisou formar um exército popular, conhecido como *Exército Vermelho*, para enfrentar os contrarrevolucionários russos e seu *Exército Branco*, apoiado por ingleses, estadunidenses, franceses e japoneses, entre outros.

Com a intenção de defender a revolução, os bolcheviques priorizaram a produção industrial e agrícola para o esforço de guerra, o que fez a população civil sofrer terríveis privações. Para os bolcheviques, esse era o preço a ser pago para vencer a guerra contra o *Exército Branco*.

Em 1921, o *Exército Vermelho* foi vitorioso. A revolução socialista havia sobrevivido. No entanto, o país estava arrasado: plantações foram queimadas, cidades foram destruídas e muitas vidas perdidas. O governo revolucionário deveria enfrentar, então, o desafio de, em um contexto de hostilidade mundial, reconstruir uma sociedade devastada.

Essa não seria uma tarefa fácil. Com a morte de Lênin, em 1924, o país perdeu sua liderança revolucionária. E após a ascensão do líder revolucionário Stálin, o processo revolucionário russo tomaria uma direção diferente daquela prevista por seus idealizadores. A utopia da revolução mundial deu lugar a uma política de defesa dos interesses do novo país, a **União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS)**.

Nas políticas econômicas internas, investiu-se no desenvolvimento industrial de base e na mecanização do campo. Analisado por esse ângulo, o regime liderado por Stálin foi um sucesso: em pouco tempo, a URSS tornou-se uma potência econômica mundial. Entretanto, do ponto de vista social, o país pagou um alto preço: a realização dos programas do governo muitas vezes contrariou os interesses dos trabalhadores e os ideais comunistas. O Estado tornou-se opressor e o regime stalinista perseguiu todos aqueles que discordaram dele.

Assim, a experiência do chamado “socialismo real” acabaria distanciando-se de seus objetivos originais. Apesar disso, a URSS seria, ao longo do século XX, uma referência para trabalhadores e intelectuais no mundo inteiro, que acreditavam na necessidade da construção de uma sociedade diferente da capitalista. Ela foi também uma referência negativa para aqueles que temiam uma revolução social e que combateram a experiência soviética de todas as maneiras possíveis.

FICA A DICA!

Assista ao filme *Doutor Jivago* (*Doctor Zhivago*, direção de David Lean, 1965). O filme é baseado no livro homônimo do escritor russo Boris Pasternak, um crítico da Revolução de Outubro.

Veja também o filme *Reds* (*Reds*, direção de Warren Beatty, 1981). Ele conta a história do jornalista estadunidense John Reed, que estava na Rússia quando estourou a Revolução de Outubro e escreveu o famoso livro *Os dez dias que abalaram o mundo*, simpático ao movimento.



A Revolução Russa, primeira revolução que levou a classe trabalhadora ao poder, influenciou intelectuais, partidos, movimentos sociais e outras organizações políticas no mundo inteiro. Ainda que tenha seguido rumos diferentes daquele inicialmente planejado por seus primeiros líderes, essa revolução ficou marcada na História como a principal ameaça ao sistema capitalista vigente, dividindo o mundo no século XX entre países capitalistas e países socialistas.

Tendo isso em mente, pense nos partidos, movimentos sociais e outras organizações políticas do Brasil e do mundo que foram influenciados pela Revolução Russa e seus ideais. Você acha que os motivos e as práticas dessa revolução ainda fazem sentido no mundo de hoje? Por quê?



Você pode pesquisar, nos Cadernos dos Volumes 1 e 2, que o Estado moderno foi constituído com base na concentração do poder político nas mãos de um monarca absoluto. Após sua consolidação, tornou-se objeto de disputa de diferentes grupos políticos e classes sociais que pretendiam assumir o governo da sociedade em que viviam. Assim, dependendo da orientação ideológica e dos interesses dos grupos que assumem o poder, a máquina estatal pode ser usada para implementar preferencialmente certas políticas em detrimento de outras.

Não se trata de uma regra, mas se, por exemplo, a classe burguesa estiver no poder, a tendência é que o Estado seja usado para garantir a proteção da propriedade privada e promover o livre mercado, bem como garantir determinados direitos civis e políticos.

Se o Estado estiver sob orientação socialista, existe uma grande possibilidade de o governo promover os direitos econômicos e sociais, defendendo os interesses do trabalhador por meio da promoção de serviços públicos de qualidade, como saúde, educação e assistência social. É provável também que regule o mercado de acordo com as necessidades da maioria da população, estipulando e controlando salários e turnos de trabalho, juros e câmbio, entre outros.

Nas sociedades democráticas, nas quais os poderes Legislativo e Executivo definem o rumo político da sociedade pela votação de leis e estipulação de políticas a serem implementadas, é mais comum existir maior pluralidade de grupos e classes sociais no poder político. Por isso, o Estado tende a ser usado em diferentes direções, tanto nas mais opressivas como nas mais promotoras dos interesses coletivos.

ATIVIDADE 1 O que aconteceu depois da revolução

Baseando-se nos seus conhecimentos sobre a Revolução Russa, assinale as alternativas corretas.

- a) Os revolucionários russos que assumiram o poder em outubro de 1917 defendiam um projeto político inspirado nas ideias liberais e, por isso, defendiam a democracia representativa, a proteção à propriedade privada, o livre comércio e os direitos civis.
- b) Os revolucionários russos que assumiram o poder em outubro de 1917 defendiam um projeto político inspirado nas ideias de Marx e, como substituição ao capitalismo, propunham a construção de uma sociedade comunista, sem patrões nem empregados, sem propriedade privada e sem Estado.
- c) Com o triunfo da revolução, algumas das medidas tomadas foram: uma reforma agrária dividindo a terra entre os camponeses pobres; a estatização dos bancos e das fábricas; e o controle direto das fábricas pelos operários.
- d) Os revolucionários, logo após chegarem ao poder, realizaram as seguintes reformas: venderam grandes propriedades de terras para empresas internacionais; privatizaram as fábricas e demitiram muitos operários a fim de equilibrar as contas das empresas.
- e) Com a morte de Lênin e a ascensão de Stálin ao poder, o processo revolucionário russo tomou uma direção diferente da original. A partir desse momento, na recém-formada URSS, prevaleceu a realização de programas do governo para transformar o país em uma potência econômica e militar, sendo muitas vezes contrários aos interesses dos trabalhadores, além da opressão e perseguição aos opositores do regime de Stálin.

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - O que aconteceu depois da revolução

Alternativas corretas: **b, c, e**. No texto *A Rússia revolucionária*, você leu que a inspiração dos revolucionários russos era comunista, que eles realizaram a reforma agrária, promoveram a estatização dos bancos e instituíram o controle das fábricas pelos operários.

TEMAS

1. A Crise de 1929
2. Os regimes autoritários

Introdução

Nesta Unidade, você vai estudar um período turbulento da História mundial: o período entreguerras.

Na Unidade 1, você estudou que as causas da 1ª Guerra Mundial estavam vinculadas ao imperialismo, que, por sua vez, influenciou diretamente o desenvolvimento do capitalismo entre o final do século XIX e o início do século XX.

Ainda nessa Unidade, você viu que uma revolução socialista triunfou na Rússia (Revolução Russa) e que ela se opunha ao sistema capitalista.

Além disso, estudou que, ao final da 1ª Guerra Mundial, em 1918, as potências capitalistas não resolveram suas desavenças políticas e econômicas. Na realidade, esses problemas ficaram mais complexos, isso porque a disputa deixou de ser apenas pelo controle político e econômico de territórios e passou a ser pela construção de uma hegemonia sobre o mundo, ou seja, eles passaram a disputar o domínio econômico e político-ideológico de todas as nações e o controle do mercado financeiro internacional. Na prática, as tensões entre as potências imperialistas não foram resolvidas na 1ª Guerra Mundial e se agravaram com a crise do capitalismo na década de 1920.

Em resumo, três fenômenos relacionados entre si contribuíram para o início da 2ª Guerra Mundial:

- a crise econômica do capitalismo, que teve seu ponto central na quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, em 1929;
- a consolidação de regimes autoritários em alguns países da Europa, como na Itália fascista de Benito Mussolini e na Alemanha nazista de Adolf Hitler;
- a formação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) em 1922, que ocorreu depois da Revolução Russa de 1917.



A Europa e os Estados Unidos após a 1ª Guerra Mundial

A Europa depois da 1ª Guerra Mundial

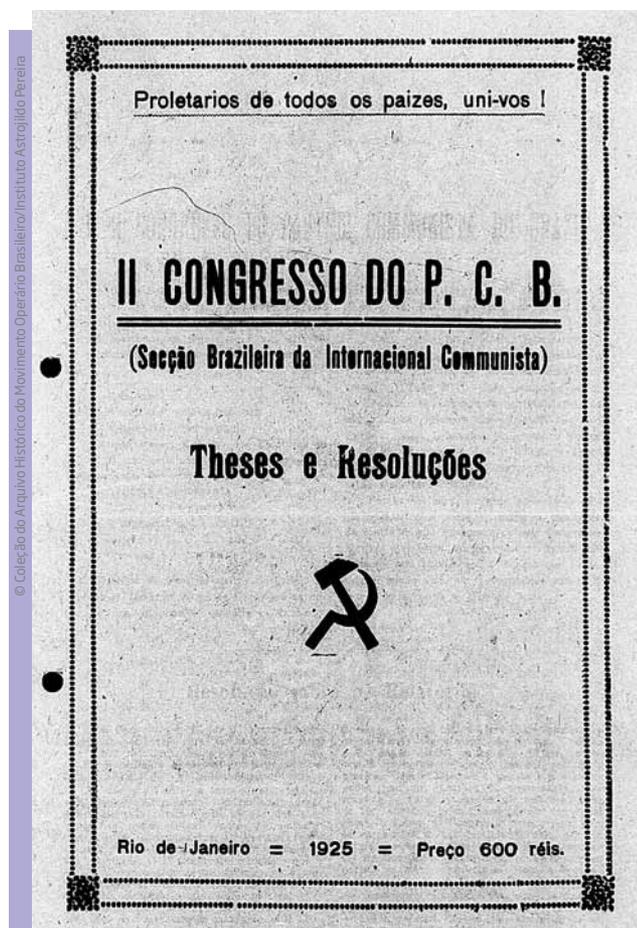
O final da 1ª Guerra Mundial não trouxe a paz para a Europa. Mesmo com as mudanças entre 1914 e 1918, os pontos de tensão entre os países permaneceram. Ao mesmo tempo, outros elementos contribuíram para o surgimento de novos conflitos, como você verá a seguir.

Na Unidade 1, você estudou que o crescimento do movimento operário na Alemanha contribuiu para que esse país saísse da guerra. Ao mesmo tempo, a vitória dos bolcheviques na Rússia foi um estímulo para a revolução socialista em outros lugares do mundo. Mas a agitação social daquele período não ficou restrita a esses países. Na Hungria e na Itália, por exemplo, também aconteceram movimentos operários que, na opinião de algumas lideranças da época, colocavam em risco o capitalismo.

Na Itália, os trabalhadores, influenciados pela Revolução Socialista Russa, assumiram o controle de diversas fábricas, que foram comandadas temporariamente por Conselhos de Operários. Na Hungria, os comunistas chegaram a tomar brevemente o poder em 1919, proclamando a República Soviética da Hungria. Na Alemanha, a Revolução Espartaquista, também em 1919, foi uma tentativa fracassada de revolução comunista.

Mesmo derrotadas, as experiências vividas na Itália, na Alemanha e na Hungria foram uma expressão clara da agitação que os trabalhadores de outros países experimentaram por influência dos bolcheviques, que foram vitoriosos na Rússia.

Outro sinal dessa influência foi a fundação de partidos comunistas pelo mundo nos anos seguintes à Revolução Russa, como o Partido Comunista do Brasil (PCB), em 1922.



Capa do documento publicado em 1925, referente ao II Congresso do PCB, partido fundado em 1922.

Mesmo em países nos quais a pressão dos trabalhadores não era forte para ameaçar o capitalismo, houve mudanças significativas com o final da 1ª Guerra Mundial. Um exemplo disso são os impérios que deixaram de existir, como o Turco-otomano, o Austro-húngaro, o Russo e o Alemão.

Em todas essas situações, as monarquias (que eram países governados por reis) foram substituídas por repúblicas (países governados por representantes escolhidos pela população).

Esses impérios abrigavam diversas nacionalidades, e muitas delas tiveram sucesso em seu esforço para se tornarem países independentes. Veja alguns exemplos:

Situação antes da 1ª Guerra Mundial	Estados que surgiram/se formaram após a guerra
Império Turco-otomano	Esse império se dividiu em Turquia, Síria, Iraque, Líbano, Palestina e Transjordânia. No entanto, nem todos se tornaram Estados independentes. A Síria ficou sob domínio francês. A Palestina, a Transjordânia e o Iraque ficaram sob mandato inglês. No caso do Iraque, o fim do domínio britânico só se deu em 1932.
Império Austro-húngaro	Esse império se dividiu em Áustria, Hungria, Tchecoslováquia, Iugoslávia e parte do território da Romênia.
Império Alemão	Depois da guerra, o império se dissolveu dando origem à Alemanha, que pelo Tratado de Versalhes perdeu territórios para a França, Bélgica e Polônia.
Império Russo	Esse império se dividiu em Rússia, Finlândia, Lituânia, Estônia, Letônia e parte do território da Polônia.

Apesar dessas importantes mudanças na Europa, os movimentos nacionalistas das colônias europeias que visavam à emancipação foram reprimidos pelos colonizadores. Ou seja, o princípio de autodeterminação dos povos, isto é, a capacidade e o direito de os povos definirem a si mesmos e escolherem o caminho que querem tomar, não foi considerado para as nacionalidades colonizadas ao redor do mundo, principalmente na Ásia e na África.

A luta pela independência de muitos desses povos africanos e asiáticos aconteceu apenas depois da 2ª Guerra Mundial e foi marcada por extrema violência das nações colonizadoras. Isso deixou claro que os direitos que os europeus conquistavam para si não seriam aplicados para os povos que eles dominavam.

Os Estados Unidos após a 1ª Guerra Mundial

Uma das consequências da 1ª Guerra Mundial foi a consolidação dos EUA como principal potência capitalista do planeta. Esse poderio estadunidense dura até a atualidade.

Por causa dos conflitos da 1ª Guerra Mundial, o continente europeu teve a maior parte das suas indústrias e da produção de matérias-primas prejudicada ou destruída. Para atender as necessidades dos países Aliados, os EUA forneciam diversos tipos de mercadorias e armamentos. Essas transações comerciais estimularam fortemente a economia estadunidense durante o confronto.

Ao final da guerra, os EUA saíram fortalecidos, estabelecendo sua hegemonia sobre os países europeus, uma vez que eles foram os grandes responsáveis por financiar a reconstrução da Europa Ocidental. As perdas materiais e humanas foram bem menores se comparadas com a dos países europeus; basta pensar que os estadunidenses entraram na guerra tardiamente e não tiveram batalhas em seus territórios. Desse modo, a destruição ocorrida no continente europeu foi uma oportunidade de investimento para os EUA, que obtiveram grandes ganhos econômicos derivados dos empréstimos feitos durante e após a guerra.

Vários países, como França e Inglaterra, passaram a dever valores extremamente altos aos EUA, por conta desses empréstimos feitos ao longo da guerra que eram usados para manter exércitos e comprar armamentos e gêneros alimentícios; bem como por empréstimos feitos após a guerra, usados para a reconstrução desses países.

A entrada de dinheiro nos EUA (por causa dos pagamentos das dívidas dos países europeus) permitiu o investimento em sua indústria e agricultura, que se expandiram bastante no início da década de 1920.

Assim, a economia dos EUA viveu um período de grande crescimento após a 1ª Guerra Mundial. Entre 1926 e 1929, os estadunidenses eram responsáveis por 42,2% da produção mundial de mercadorias industrializadas, sendo os maiores consumidores de petróleo do planeta e os principais produtores de carvão, eletricidade, aço e ferro fundido. As empresas estadunidenses, além de serem as maiores exportadoras de mercadorias no mundo, fizeram grandes investimentos em diversas regiões do planeta.

No entanto, esse entusiasmo com o crescimento econômico acabou em 1929, com a quebra (*crash*) da Bolsa de Valores de Nova Iorque e com a crise de superprodução no sistema capitalista que afetou diversos países do mundo.

Essa não foi, contudo, a primeira e nem a última crise econômica mundial. De modo geral, para entender as crises do capitalismo e, em especial, a Crise de 1929, é preciso que se leve em consideração as causas imediatas que lhe deram origem, mas também a forma como o capitalismo se organiza. Desse modo, pode-se dizer que dentro da própria organização do capitalismo estava a semente que originaria a Crise de 1929.



VOCÊ SABIA?

Em 2007, iniciou-se uma grave crise econômica nos países mais desenvolvidos e que afetou todo o mundo.

Assim como em 1929, essa crise, que havia começado em 2007, atingiu um dos lugares-símbolo do capital financeiro mundial: a rua conhecida como *Wall Street*, o centro financeiro de Nova Iorque. Em 2011, *Wall Street* foi palco de manifestações que, por meio da internet, ficaram conhecidas pelo mundo: o chamado *Occupy* (ocupar, em inglês) *Wall Street*. O lema do movimento foi uma cifra: “99%”, pois a intenção deles era chamar a atenção para a concentração de renda no planeta. Segundo o movimento, 1% da população decide os rumos financeiros do mundo e seria responsável por crises que afetam os demais 99%.



Manifestação do movimento *Occupy Wall Street*, em Nova Iorque, 2011.

ATIVIDADE 1 A ascensão dos EUA

Você viu que, após a 1ª Guerra Mundial, os EUA tornaram-se a principal potência capitalista do planeta. De acordo com o texto *A Europa e os Estados Unidos após a 1ª Guerra Mundial*, o que favoreceu esse crescimento econômico estadunidense?



As causas da Crise de 1929

Você estudou que os EUA emergiram como principal potência econômica mundial ao final da 1ª Guerra Mundial. O investimento na reconstrução europeia favoreceu essa expansão, aumentando os vínculos entre as economias dos dois lados do Oceano Atlântico.

Em virtude do crescimento econômico dos EUA, a presença estadunidense nos negócios mundiais aumentou muito, não somente na Europa, mas no mundo inteiro. No entanto, ao final dos anos 1920, a Europa dava sinais de haver recuperado sua capacidade de produção e países europeus, como a França, aumentavam as taxas protecionistas, de forma a estimular a produção interna e diminuir as importações. O resultado disso foi a diminuição da dependência em relação aos EUA.

Internamente, a situação dos EUA, a princípio, era favorável, pois haviam ampliado as novas tecnologias e a capacidade produtiva das indústrias. Entretanto, se o crescimento dos EUA gerava riqueza, também aumentava a concentração de renda (isto é, deixava poucas pessoas muito ricas e a maioria muito pobre). Além disso, com esse crescimento, houve um aumento na produção, o que gerou, ainda na década de 1920, uma crise de superprodução, ou seja, havia mais oferta (produtos à venda) que demanda (consumidores para comprá-los).

Com essa crise, muitas empresas quebraram e, como consequência, diversos trabalhadores ficaram desempregados. Tanto a distribuição irregular de renda quanto o desemprego foram fatores que diminuíram a capacidade de consumo da população.

Outro elemento que contribuiu para a crise foi o avanço do próprio sistema produtivo das empresas capitalistas. O taylorismo e o fordismo constituíram os típicos modos de produção capitalista, nos quais a fabricação é feita em série na tentativa de agilizar o processo produtivo, visando a maior lucratividade. Porém, muitas vezes, a produção é excessiva e não há demanda (procura) ou consumo suficiente, o que gera uma crise de superprodução.

Essa crise acontece, basicamente, da seguinte maneira: a empresa capitalista não consegue vender tudo o que produziu e, no limite, pede falência. Com isso, demite seus trabalhadores. Esses, por estarem desempregados, não consomem os produtos de outras empresas, que também decretam falência e demitem mais trabalhadores. E assim sucessivamente, até que toda a sociedade entra em crise.

Essa situação piorou por causa de operações na Bolsa de Valores conhecidas como **especulação financeira**. Mas o que é isso?

As empresas, quando querem crescer mais, colocam papéis (chamados de **ações**) que representam parte de seus lucros para serem negociados em um lugar chamado *Bolsa de Valores*. Na Bolsa, qualquer pessoa ou empresa pode comprar ou vender ações quando achar conveniente.

Entre os anos de 1920 e 1930, os estadunidenses, incentivados pela prosperidade que marcava seu estilo de vida, passaram a comprar e vender, de forma descontrolada, ações das mais diferentes empresas. Essas transações financeiras eram feitas na Bolsa por corretores ou especuladores. Esses profissionais do mercado financeiro tinham como base o princípio da oferta e da procura. Com base nesse princípio, eles compravam as ações das empresas quando elas estavam em baixa, ou seja, quando poucas pessoas tinham interesse em comprá-las (e, por isso, elas apresentavam bom preço) e vendiam essas ações a um preço maior quando estavam em alta, momento em que diversas pessoas começavam a comprá-las. Os motivos para essas ações estarem em alta ou baixa dependiam de uma série de fatores, especialmente do real crescimento do capital das empresas.



ASSISTA!

Mundo do Trabalho

Organização do trabalho

O vídeo mostra como se deu a reorganização do trabalho nas sociedades capitalistas com base nas ideias de Frederick Taylor e Henry Ford, que tinham como objetivo fazer uma empresa produzir no menor tempo e com o menor desperdício de materiais, a fim de aumentar a produtividade.

Para facilitar sua compreensão sobre os procedimentos na comercialização das ações, segue o exemplo de um vendedor de ingressos ambulante (*cambista*): ele adota o mesmo princípio, porque compra ingressos para eventos, como jogos de futebol, *shows* etc., meses antes de eles acontecerem, ou seja, quando o ingresso está mais barato, porque ninguém ainda está tão interessado. No dia do evento, quando diversas pessoas estão querendo ingressos para comprar, o *cambista* os vende com um preço muito mais caro do que quando ele comprou. Isso, também, chama-se **especulação**. Quando especuladores da Bolsa de Valores fazem isso com as ações, isso se chama **especulação financeira**.

O que aconteceu na Bolsa de Valores de Nova Iorque, nos EUA, em 1929, foi o seguinte: os especuladores vendiam e compravam ações sem levar em consideração a realidade econômica das empresas que disponibilizavam suas ações no mercado financeiro. Eles faziam os preços das ações subirem artificialmente, isto é, acima das possibilidades reais de lucro das empresas.

Por causa disso, muitas pessoas e empresas investiram bastante dinheiro em ações de empresas que entraram em crise e faliram. Dessa maneira, muitos desses investidores faliram também. Isso gerou desespero em milhares de pessoas que dependiam das vendas e compras de ações para sustentar seus negócios. Assim, com a quebra da Bolsa de Valores, toda a sociedade foi financeiramente atingida.



© Mary Evans/Diomeida

Com a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, pessoas correram aos bancos para tentar resgatar suas aplicações.



FICA A DICA!

Assista ao filme *Loucura americana* (*American madness*, direção de Frank Capra, 1932). Ele narra o momento da Crise de 1929 sob o ponto de vista de um diretor de banco que sofre enorme pressão por causa da crise que atinge os EUA e, por consequência, afeta o banco em que ele trabalha.

Outro filme interessante sobre esse assunto se chama *Vinhas da ira* (*The grapes of wrath*, direção de John Ford, 1940). Nele, o ponto de vista é o de uma família de trabalhadores rurais que busca novas oportunidades, mas se depara com as dificuldades provenientes do momento da crise.

Ao vê-los, você terá a oportunidade de conhecer pontos de vista diferentes sobre esse momento tão conturbado da História.

ATIVIDADE 2 Os fatores da crise

Assinale as alternativas corretas sobre os fatores que deram origem à crise econômica mundial de 1929.

- a) O avanço do socialismo na Europa, que fez os países daquele continente cancelarem as importações de produtos estadunidenses.
- b) A recuperação da capacidade europeia de produzir, o que diminuía sua dependência econômica em relação aos EUA.
- c) A falta de desenvolvimento do modo de produção das indústrias capitalistas, que não conseguiram atender a enorme demanda do mercado e por isso faliram.
- d) O desemprego gerado pelo próprio modo de produção das indústrias capitalistas, como o taylorismo e o fordismo, que acabou por diminuir a capacidade de consumo da população.
- e) A crise de superprodução, quando as empresas produzem mais do que conseguem vender.
- f) A falta de investimento da Bolsa de Valores de Nova Iorque, o que deixou a economia pouco dinâmica e subdesenvolvida.
- g) A especulação financeira na Bolsa de Valores de Nova Iorque, em que se vendiam e compravam ações sem levar em consideração a realidade econômica das empresas.



Da crise econômica para a crise social

Os EUA eram os maiores exportadores do mundo, responsáveis por mais de 40% da produção industrial e com negócios espalhados por todos os continentes. Vários países tinham suas economias dependentes da economia dos EUA, uma vez

que vendiam para esse país muito do que produziam e dele importavam boa parte do que precisavam.

Mas quando a nação estadunidense entrou em crise econômica, ela não pôde mais consumir os produtos desses países e nem fornecer-lhes suas mercadorias. Dessa forma, todos foram atingidos economicamente em função da crise econômica pela qual os EUA passavam.

Foi o que aconteceu, por exemplo, no Brasil, que na época usava grande parte das suas terras produtivas e da sua força de trabalho para plantar café que seria vendido aos EUA. Portanto, quando os estadunidenses pararam de comprar café, muitos proprietários brasileiros faliram e vários trabalhadores ficaram sem emprego. Esse é um exemplo de como a crise desencadeada naquele país repercutiu no capitalismo mundial.

O efeito imediato dessa crise foi a recessão econômica. Um país entra em recessão quando sua economia não vai bem, momento em que as taxas de consumo e a oferta de empregos diminuem, o que contribui ainda mais para a falência de vários negócios e o aumento do desemprego. Durante a Crise de 1929, fábricas foram fechadas, enquanto banqueiros, apoiados pelas leis, confiscavam as terras dos agricultores, que não conseguiam quitar seus empréstimos bancários.

Em muitos países, a crise econômica transformou-se em uma grave crise social. Os trabalhadores procuraram resistir e a agitação generalizou-se.



ASSISTA!

História – Volume 3

A Crise de 1929

Esse vídeo mostra a Crise de 1929 e como seu raio de influência foi amplo, afetando a economia e a política mundial, com repercussão inclusive na América Latina. O vídeo trata também do *New Deal*, nome dado a uma série de medidas implantadas pelo governo do presidente estadunidense Franklin Roosevelt, que tinha o objetivo de recuperar e reformar a economia dos EUA, além de auxiliar os afetados pela Grande Depressão.



Tentativas de saída da crise

Diante da situação econômica crítica e da grave crise social, os países afetados adotaram políticas que tinham algo em comum: a intervenção do Estado na economia. Isso ocorreu mesmo onde prevalecia a tradição liberal, como nos EUA e na Inglaterra.

Nos EUA, com a vitória do candidato democrata Franklin Delano Roosevelt nas eleições de 1932, foi implantado o programa conhecido como *New Deal* (em português, “Novo Acordo”). Sua proposta central foi a de reativar a economia por meio da iniciativa do Estado. Realizaram-se inúmeras obras públicas, visando a empregar trabalhadores e injetar dinheiro na produção, ao mesmo tempo em que eram oferecidos créditos e energia barata para os agricultores. Depois de alguns anos, o *New Deal* conseguiu melhorar a situação econômica do país.

No entanto, seria somente entre o final da década de 1930 e o início da década de 1940, com o estímulo econômico gerado pela 2ª Guerra Mundial, que a economia estadunidense voltaria a crescer aceleradamente e o desemprego deixaria de ser um problema socioeconômico.

Embora muitos países adotassem medidas semelhantes às dos EUA, as decisões políticas nem sempre foram tomadas com base em conceitos democráticos. Alemanha e Japão, por exemplo, eram países relativamente pobres em reservas internacionais de matérias-primas, pois não possuíam colônias espalhadas pelo mundo para explorar. Tinham, portanto, menos alternativas para lidar com a crise e com a crescente insatisfação popular.

Nesses países, na década de 1930, consolidaram-se governos autoritários que mobilizaram parte significativa da população em nome de uma expansão militar agressiva, que logo provocaria a 2ª Guerra Mundial.

ATIVIDADE 3 Consequências sociais e políticas da crise

Segundo os textos *Da crise econômica para a crise social* e *Tentativas de saída da crise*, a crise econômica que atingiu os EUA em 1929 acabou por afetar o mundo inteiro, já que a maior parte dos países tinha sua economia muito dependente da economia estadunidense. Essa crise gerou várias consequências sociais e políticas em muitas nações do mundo.

Marque a seguir, com um “X”, as afirmações que correspondem a essas consequências, de acordo com os textos.

- a) Falência de negócios e aumento de desemprego.
- b) Expansão da revolução comunista mundial.
- c) Desencanto com o capitalismo e com a democracia em todos os países.
- d) Intervenção estatal na economia.
- e) Surgimento de governos autoritários em vários países do mundo.



DESAFIO

Em seu discurso de posse, em 1933, o presidente dos EUA, Franklin Delano Roosevelt, tentou encorajar seus compatriotas: “O único medo que devemos ter é do próprio temor. Uma multidão de cidadãos desempregados enfrenta o grave problema da subsistência e um número igualmente grande recebe pequeno salário pelo seu trabalho. Somente um otimista pode negar as realidades sombrias do momento.”

O problema que atemorizava os EUA, cujos efeitos foram desemprego e baixos salários, referido pelo presidente Roosevelt, era:

- a) a Primeira Guerra Mundial, em que os EUA lutaram ao lado da Tríplice Entente contra a Tríplice Aliança, obtendo a vitória após três anos de combate. Entretanto, a vitória não trouxe crescimento econômico, mas, sim, desemprego e fome.
- b) a Segunda Guerra Mundial, quando os norte-americanos lutaram ao lado dos Aliados contra o Eixo nazifascista. Embora vencedores, o ônus financeiro da guerra foi muito pesado.
- c) a Guerra do Vietnã, quando os EUA apoiaram o Vietnã do Sul contra o avanço comunista do Vietnã do Norte, tendo gasto milhões de dólares em uma guerra infrutífera.
- d) a depressão de 1929, causada pela existência de uma superprodução, acompanhada de um subconsumo, crise típica de um Estado Liberal.
- e) a primeira Guerra do Golfo, quando o Iraque invadiu o Kuwait e os EUA, na defesa de seus interesses petrolíferos, invadiram o Iraque na defesa de seu pequeno estado aliado.

Fonte: Instituto Federal de São Paulo (IFSP), 2011. Ensino Superior. Disponível em: <<http://www.ifsp.edu.br/index.php/component/content/article/62-vestibular/1373-1o-semester-de-2011.html>>. Acesso em: 13 mar. 2014.

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - A ascensão dos EUA

De acordo com o texto *A Europa e os Estados Unidos após a 1ª Guerra Mundial*, a economia estadunidense foi fortemente estimulada pela 1ª Guerra Mundial, em dois momentos: **primeiro**, durante a guerra, porque os EUA forneciam às nações europeias envolvidas diretamente no conflito as mercadorias que elas tinham dificuldades em produzir. **Segundo**, após a guerra, pois com a destruição ocorrida no continente europeu, os EUA, que tiveram seu território preservado das batalhas, puderam fazer grandes investimentos em infraestrutura para a recuperação da Europa, ganhando muito dinheiro com isso. Assim, graças à 1ª Guerra Mundial, os EUA se tornaram o maior exportador do mundo e os investimentos de suas empresas no exterior cresceram.

Atividade 2 - Os fatores da crise

Alternativas corretas: **b, d, e, g**. Como você leu no texto *As causas da Crise de 1929*, a crise esteve relacionada à superprodução das empresas, ao menor mercado consumidor e à especulação financeira.

Atividade 3 - Consequências sociais e políticas da crise

Alternativas corretas: **a, d, e**. Como você leu nos textos *Da crise econômica para a crise social e Tentativas de saída da crise*, uma das consequências da crise foi a recessão econômica em vários



países, com a falência de negócios e o aumento do desemprego. Para tentar acabar com a crise, alguns países, como os EUA, escolheram um plano econômico baseado na intervenção do Estado na economia, enquanto em outros, como Alemanha e Japão, consolidaram-se governos autoritários.

Desafio

Alternativa correta: d. O presidente Roosevelt, em seu discurso, se referia à Crise de 1929. Ela foi provocada pela superprodução em decorrência das técnicas fabris, taylorismo e fordismo, que ampliaram muito a produção, gerando o que se conhece como crise da superprodução. Essa crise também estava associada a uma queda do poder aquisitivo da população, bem como ao desemprego, ao subemprego e à crise agrícola relacionada, por sua vez, ao aumento da especulação.



Registro de dúvidas e comentários

Lined area for student notes and comments.



A crise econômica fez o capitalismo liberal e a democracia associada a ele ficarem em descrédito. Como resultado, os regimes autoritários foram vistos, por parcelas da sociedade europeia, como solução para a crise, sem que fosse necessário romper com o capitalismo.

O nazismo na Alemanha e o **fascismo** na Itália são dois exemplos de regimes autoritários. Além deles, muitos países europeus, naqueles anos, formaram governos autoritários, como Espanha, Portugal, Romênia, Grécia, Albânia e Polônia.

Diversas pessoas que se interessam por História habituaram-se a enxergar no nazismo e no seu principal líder, Adolf Hitler, um fenômeno excepcional na História europeia e mundial. No entanto, nem todos sabem que o tipo de regime adotado por Hitler na Alemanha não foi inventado por ele, mas inspirado, em muitos aspectos, em uma experiência que acontecia na Itália desde os anos 1920: o fascismo.

Fascismo italiano

No final da 1ª Guerra Mundial, havia, na Itália, uma intensa agitação operária. Diversas fábricas foram ocupadas por trabalhadores, principalmente em Turim, centro industrial localizado ao norte do país. Impulsionados pelas notícias da Revolução Russa, os operários italianos radicalizavam, promovendo greves e ingressando em partidos políticos como o Partido Socialista e a Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT). Ao mesmo tempo que ocorria essa agitação nas fábricas, os deputados socialistas já ocupavam um terço do Parlamento.

Aquele era um momento em que o país parecia estar à beira da revolução social e, aos olhos dos setores vinculados à burguesia, o fascismo oferecia uma alternativa à crise da democracia liberal.



Fascismo

Movimento social e político que surgiu na Itália entre as décadas de 1910 e 1920 sob a liderança de Benito Mussolini. Ao longo das duas décadas seguintes, expandiu-se por vários países da Europa, chegando, em alguns casos, a tomar o poder do Estado e se impor como regime político, com apoio de elites tradicionais conservadoras, de parte das forças armadas e mesmo de trabalhadores que se viam ameaçados pela crise econômica da época.

Caracterizava-se principalmente por: anti-comunismo; descrença na democracia; uso da violência como forma de se impor sobre seus opositores; preconceito e perseguição em relação às minorias étnicas e *ultranacionalismo* (nacionalismo muito exagerado, que pode gerar ódio e exclusão dos diferentes ou dos que pensam de modo diferente).

Esse regime, quando instaurado, promoveu a recuperação econômica baseada na militarização da nação, na guerra e na repressão às organizações autônomas dos trabalhadores, ou seja, no controle policial dos sindicatos e das reivindicações dos trabalhadores, de forma a permitir o avanço capitalista.

Desse modo, o fascismo iniciou-se no país antes mesmo do final da 1ª Guerra Mundial e cresceu rapidamente com a intensa agitação social na Itália do pós-guerra. Seu principal líder foi Benito Mussolini, um ex-militante socialista, expulso do partido por apoiar a entrada da Itália na 1ª Grande Guerra.

Os Camisas Negras

A crise que se abatia sobre a Itália levou muitas pessoas a procurar responsáveis sobre os quais pudessem jogar a culpa. Os alvos visados foram os trabalhadores organizados que defendiam o socialismo e o comunismo como alternativas ao Estado burguês. A principal novidade política do fascismo foi a capacidade de mobilizar as massas em sentido contrário ao das organizações convencionais de trabalhadores (sindicatos, partidos, greves etc.).

Mussolini percebeu que as pessoas, quando reunidas e uniformizadas em prol de uma ideia, eram capazes de atos de violência que dificilmente cometariam sozinhas. Para que se tenha uma visão aproximada do que isso significa atualmente, é possível observar as brigas de torcidas organizadas de futebol. Nesse sentido, os fascistas se organizaram como um grupo uniformizado para difundir as suas ideias e brigar contra os inimigos do fascismo. Esse grupo fascista uniformizado chamava-se **Camisas Negras** e o alvo da sua violência eram os socialistas e os comunistas.



VOCÊ SABIA?

Como você já viu na Unidade anterior, o socialismo é considerado a etapa de transição para o comunismo.

Na Europa e em outras partes do mundo, aqueles que lutam contra o capitalismo nem sempre concordam quanto ao método de transformação dessa sociedade ou sobre como organizar a nova sociedade dos trabalhadores. Com isso, para se diferenciarem entre si, uns se denominam socialistas e outros, comunistas.

Se, a princípio, o fascismo foi visto com desdém pela elite burguesa italiana, ao longo da década de 1920, muitos dos burgueses passaram a apoiar o movimento. A burguesia industrial e financeira, assim como os pequenos burgueses que manejavam negócios de pouco volume, tinham receio de uma revolução socialista e por isso começaram a sustentar o governo fascista.

O fascismo também encontrou apoio em outra base social: os desempregados do campo e da cidade, que, muitas vezes, encontravam no fascismo uma identidade social. O fascismo podia significar para esses indivíduos uma forma de ganhar a vida, pois, em geral, recebiam um salário por atuarem como militantes.

Por outro lado, os trabalhadores e suas organizações de classe, os sindicatos, foram silenciados.



Jogadores italianos saúdam Mussolini antes da partida contra a seleção francesa, durante a Copa do Mundo de Futebol de 1938, na França. Como o uniforme titular das duas equipes era azul, a Itália deveria utilizar seu segundo uniforme, de cor branca. No entanto, Mussolini ordenou que a equipe se vestisse de negro, em uma alusão aos Camisas Negras fascistas.

Assim, com o apoio de parcela da população, Mussolini assumiu a liderança do governo em 1922, após uma ameaça de marchar com os Camisas Negras em Roma.

O nazismo alemão

O contexto histórico que permitiu a formação do movimento nazista e sua **ascensão** ao poder na Alemanha tem muitas semelhanças com a situação italiana. Quando Adolf Hitler assumiu o poder na Alemanha, em 1933, Mussolini já comandava a Itália havia mais de uma década. Naquela época, os fascistas italianos já tinham iniciado suas tentativas de conquistar novos territórios, na direção do Leste Europeu e do norte da África.

FICA A DICA!

Assista ao filme *A onda* (*Die Welle*, direção de Dennis Gansel, 2008). Ele retrata a história de um professor que tem de dar um curso sobre governos autoritários para estudantes do Ensino Médio na Alemanha. Para isso, o professor propõe aos alunos uma série de atividades e experiências. Essas atividades eram semelhantes ao que foi feito com o povo alemão pelo Partido Nazista ao longo das décadas de 1930 e 1940, de forma a envolvê-los cada vez mais na filosofia e na prática nazista sem que eles tivessem muita consciência disso. Com o tempo, essa experiência pedagógica foge ao controle e o movimento se espalha formando um grande grupo de jovens com comportamentos muito parecidos com os dos nazistas. Esse é um ótimo filme para entender o processo de manipulação política e ideológica que pôde, e ainda pode, levar uma nação a aderir ao nazismo.

Ao longo dos anos 1920, houve também na Alemanha uma intensa mobilização operária apoiada pelos partidos socialistas de maior tradição no continente europeu. Os próprios soviéticos depositavam grandes esperanças na revolução alemã, que interpretavam como o início de uma revolução comunista mundial.

Mesmo depois do assassinato das principais lideranças revolucionárias alemãs, em 1919, o movimento comunista alemão ressurgiu com força entre 1922 e 1924 e, depois, entre 1929 e 1930. No entanto, a incapacidade de socialistas e comunistas se aliarem na política nacional e o temor que os capitalistas alemães tinham de uma revolução social facilitaram a ascensão do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães. Esse partido, conhecido como Partido Nazista, identificava-se ideologicamente com o fascismo italiano.

No início da Crise de 1929, os trabalhadores alemães estavam fragilizados, pois enfrentavam a inflação e o desemprego desde o final da 1ª Guerra Mundial. Assim, a frágil república alemã caiu em descrédito entre setores importantes da sociedade mundial, que a viam como um símbolo de fracasso, derrotas e humilhações.

Além desses fatores políticos e econômicos, havia alemães que ainda se sentiam humilhados com o Tratado de Versalhes, elaborado pelos países considerados vencedores da 1ª Guerra Mundial, com exceção da URSS. Apesar de ser um tratado de paz, pode-se dizer que ele estabeleceu a paz dos vencedores, declarando os alemães responsáveis pela guerra e impondo a eles uma série de sanções, tais como: diminuição do poder militar da Alemanha, endividamento em relação aos países vencedores da guerra, perda de boa parte de seus territórios etc.

Nesse contexto de intensa agitação social e insatisfação, o Partido Nazista elegeu cada vez mais representantes para o Parlamento alemão (*Reichstag*). Essa nova composição parlamentar sinalizou o aumento da popularidade do partido, até que Hitler, seu líder, assumiu o poder como chanceler (primeiro-ministro), em 1933.

Ainda em 1933, o Parlamento alemão aprovou um ato que deu ao chanceler amplos poderes executivos e legislativos, primeiro passo para sua ascensão como ditador. Era o começo do regime nazista e também da organização e do estabelecimento do

Terceiro Reich, que duraria até o final da 2ª Guerra Mundial, com a derrota da Alemanha.

Também em 1933, os nazistas culpavam os comunistas por um incêndio no Parlamento, que eles mesmos haviam provocado. Desencadeou-se, assim, uma perseguição implacável aos comunistas e a outros representantes dos trabalhadores, possibilitando que, após alguns meses, o Partido Nazista fosse declarado o único partido político legal do país.

Terceiro Reich

No idioma alemão, significa “Terceiro Império”. Foi por esse nome que ficou conhecido o regime nazista liderado por Hitler, entre 1933 e 1945. O Primeiro Reich, chamado Sacro Império Romano-germânico, existiu sob diferentes formas entre 962 e 1806. O Segundo Reich (1871-1918) foi estabelecido com a unificação alemã.



O incêndio no Parlamento alemão (*Reichstag*), em 1933, foi um símbolo da destruição da democracia na Alemanha.

Em 1934, com a morte do então presidente, Paul von Hindenburg, Hitler acumulou os cargos de chanceler e presidente, tornando-se líder soberano da Alemanha nazista.

Do ponto de vista econômico, o capitalismo alemão apoiou-se na repressão ao movimento operário para estabelecer um período de grande expansão. Em vez de se oporem ao nazismo, algumas grandes corporações lucraram direta

ou indiretamente com ele. Muitas delas faziam negócios relacionados à **militarização** do Estado alemão, investindo, inclusive, na indústria de armas, ainda que, pelo Tratado de Versalhes, o exército alemão estivesse limitado a 100 mil homens. Outras corporações simplesmente se beneficiariam do disciplinamento da mão de obra garantido pela repressão nazista.

Mas, se o regime nazista reprimiu os trabalhadores alemães, por que ele teve tanto apoio popular?

Alguns dos fatores que podem explicar esse apoio popular são:

- a melhoria da economia alemã com sua reindustrialização, principalmente bélica (que produz artefatos para a guerra), e com o sucesso no combate à *inflação* (queda do poder de compra do dinheiro e aumento generalizado nos preços), o que gerou um período de prosperidade para boa parte da população;
- a militarização da sociedade alemã, que abria perspectiva de emprego e de carreira no serviço militar, principalmente aos jovens, além de algum tipo de inclusão social.

No plano das ideias, os nazistas se assemelhavam aos fascistas italianos ao pregarem o nacionalismo fanático, mas aliavam a essa ideia um racismo que defendia a superioridade da **raça ariana**. Essa crença na superioridade racial justificava a expansão nazista, que pregava a necessidade de ampliar o território alemão de forma a definir um “espaço vital” da nacionalidade alemã.

No entanto, em termos sociais, nem todos os alemães eram considerados membros da **raça ariana**: judeus nascidos em território alemão, ciganos, homossexuais, deficientes físicos, entre outros, eram vistos como pertencentes a uma raça inferior. Assim como os comunistas, todos esses grupos foram perseguidos durante o regime nazista.

Essas ideias de intolerância racial, política e moral foram as bases para as agressões do exército alemão contra outros povos, como os eslavos, contribuindo para o desencadeamento da 2ª Guerra Mundial, em 1939.

Raça ariana

Conceito que surgiu no século XIX e que pregava a superioridade de um grupo de pessoas. Elas acreditavam que faziam parte de uma “raça pura” de seres humanos, a qual seria mais nobre que as demais. Os arianos eram brancos e se consideravam fortes e inteligentes.

ASSISTA!

História – Volume 3

O fascismo e o nazismo

O vídeo aborda as condições que favoreceram a ascensão do fascismo e do nazismo após a 1ª Guerra Mundial. Ele mostra como esses sistemas totalitários estão relacionados, entre outros fatores, à crise do capitalismo, ao nacionalismo e à crise econômica que se abateu sobre os países no pós-guerra, com desemprego e falências.

FICA A DICA!

Assista ao filme *O grande ditador* (*The great dictator*, direção de Charles Chaplin, 1940). Esse filme, realizado durante a 2ª Guerra Mundial, é uma sátira ao nazismo e ao fascismo.

ATIVIDADE 1 O eterno perigo do fascismo

Leia a notícia a seguir, publicada em 2012, sobre a situação da Grécia.

CAROS AMIGOS | POLÍTICA

São Paulo, 1º de agosto de 2012 - 13h58

A ameaça nazista que surge dos escombros da crise grega

Caio Zinet e Gabriela Moncau

Aurora Dourada cresce na esteira da crise econômica e social

[...] O crescimento e a força de partidos de direita não é novidade na Europa. São comuns partidos ganharem expressão eleitoral se baseando em uma plataforma **xenófoba** que culpa os imigrantes pela falta de empregos, defendendo sua expulsão do país e o endurecimento de políticas anti-imigrantes.

[...] O que vemos na Grécia, no entanto, parece estar um patamar acima dessas experiências. Para além de palavras e discursos racistas e anti-imigrantes, os membros do Aurora Dourada têm tomado as ruas com práticas violentas. Dia sim, e o outro também, as manchetes dos jornais gregos estampam notícias sobre espancamentos cometidos por grupos de cerca de dez pessoas contra imigrantes (em especial paquistaneses e afegãos).

Na noite do dia da última eleição, em 17 de junho, por exemplo, um imigrante paquistanês foi espancado dentro de uma estação de trem de Atenas. Testemunhas disseram à polícia que 11 homens vestidos de preto, espécie de uniforme do partido, deram socos e pontapés no imigrante e em seguida o esfaquearam. A vítima foi encaminhada para o hospital e, embora tenha sido muito machucada, sobreviveu ao atentado.

Militantes de esquerda também têm sido alvo de ataques. Uma barraca do Partido Comunista Grego (KKE) foi atacada no dia 15 de junho, dois dias antes das eleições, num bairro mais afastado do centro de Atenas. [...]

Caros Amigos. Disponível em: <<http://www.carosamigos.com.br/index.php/politica/especial-grecia/2333-a-ameaca-nazista-que-surge-dos-escombros-da-crise-grega>>. Acesso em: 13 mar. 2014.



Xenófobo

Aquele que tem aversão ao estrangeiro, preconceito ou antipatia ao imigrante.



De acordo com o que foi lido e com seus conhecimentos sobre o assunto, responda às seguintes questões.

1 Você considera que o perigo nazifascista já foi afastado ou acha que ele pode ocorrer de novo? Por quê?

2 Quais são as semelhanças entre os grupos que agem na Grécia, descritos na matéria, e os grupos nazifascistas do período entreguerras? Se precisar, retome os textos *Os Camisas Negras* e *O nazismo alemão*.

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - O eterno perigo do fascismo

1 Apesar de ser uma resposta pessoal, você precisava considerar que as condições econômicas, políticas e sociais que permitiram a ascensão do nazismo e do fascismo estão presentes, de maneira semelhante, em muitos lugares do mundo. No Oriente Médio, em países europeus, nos EUA e até mesmo no Brasil, é possível presenciar, às vezes, discursos racistas ou em defesa de governos autoritários, como a ditadura militar.

2 Para responder, você precisava ter levado em consideração que os grupos que se organizam e agem atualmente na Grécia são semelhantes aos nazifascistas do período entreguerras, uma vez que usam uniformes para identificar o grupo, agem violentamente contra estrangeiros, perseguem comunistas e defendem o nacionalismo exacerbado. Além disso, se você analisar a situação, perceberá que o contexto da crise propicia o surgimento desses grupos extremistas.



TEMAS

1. Os antecedentes da 2ª Guerra Mundial e a expansão nazista
2. A 2ª Guerra Mundial
3. A Guerra Fria

Introdução

Nesta Unidade, você vai estudar a 2ª Guerra Mundial (1939-1945) e a sua principal consequência no pós-guerra: a oposição entre duas grandes potências mundiais – Estados Unidos da América (EUA) e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) –, o que caracterizou a chamada Guerra Fria.

Reverendo a História, parece inacreditável que após quase 20 anos do encerramento da 1ª Grande Guerra, as principais potências mundiais tenham se envolvido em um novo confronto armado: a 2ª Grande Guerra.

Esse confronto foi ainda mais devastador que o anterior: os mortos no primeiro conflito foram estimados em mais de 8,5 milhões; enquanto, na 2ª Guerra, foram aproximadamente 50 milhões de pessoas. Por que os mesmos países se envolveram em outra guerra em tão pouco tempo, causando uma destruição ainda maior?

Na Unidade 2, você estudou a crise do capitalismo mundial e sua relação com o crescimento do fascismo na Itália e do nazismo na Alemanha. Viu também que esses regimes autoritários combinaram dois fatores importantes: nacionalismo agressivo e racismo, o que justificou a ampliação do poder dos militares. Assim, quando a 2ª Guerra Mundial estourou, nacionalismo, racismo, imperialismo e anticomunismo estavam no auge, além da economia de guerra, pela qual as indústrias produziam gêneros necessários para os confrontos bélicos, especialmente armas e alimentos.

Nesta Unidade, você vai estudar que, devido ao grande poderio militar do regime nazista, uma nova aliança foi articulada para combatê-lo. No entanto, logo que foi encerrado esse conflito militar, a aliança entre os vencedores se rompeu, dando início a uma oposição que marcou a segunda metade do século XX: a Guerra Fria.

Como é possível entender essa inversão radical, em que aliados se tornaram opositores?

Isso parece explicar porque os principais países envolvidos eram praticamente os mesmos, o que indica que as contradições e as disputas que caracterizavam o imperialismo tiveram um papel importante também nesse segundo confronto.

No entanto, aos motivos do conflito da 1ª Guerra se acrescentam outros, específicos da 2ª Guerra.

O Império Alemão do *Kaiser* (imperador, em alemão) Guilherme II e o Terceiro *Reich* de Adolf Hitler eram muito diferentes. No nazismo de Hitler, a união entre nacionalismo e racismo gerou a indústria de guerra e relacionou-se diretamente com ela. Esse fato assombrou o mundo e motivou o combate ao poder militar nazista. Nessa tentativa de conter o poder bélico alemão, algo que parecia impossível aconteceu: uma aliança militar entre potências capitalistas e a URSS.

Essa aliança não foi fácil nem imediata. Muitos historiadores entendem que as potências liberais (como Inglaterra, França e EUA) toleraram a ascensão do nazismo e seus primeiros movimentos de guerra esperando que eles pudessem reprimir a agitação da esquerda na Europa e destruir o Estado soviético. No entanto, quando ficou evidente que os nazistas tinham uma ambição maior, a de estabelecer uma nova ordem mundial comandada por eles, a aliança finalmente aconteceu entre Inglaterra, França, EUA e URSS.

Entre as principais razões que motivaram a 2ª Guerra Mundial estão:

- as rivalidades entre os países imperialistas (disputa por territórios e mercados durante a expansão capitalista);
- as contradições sociais, em um contexto de crises, a inflação, o desemprego e a mobilização dos trabalhadores, apoiada na difusão das ideias socialistas e comunistas;
- a ideia crescente de que os comunistas europeus e a URSS representavam um mal que precisava ser exterminado pelo mundo capitalista;
- a ascensão dos regimes nazifascistas, que, por serem nacionalistas e militaristas, estimulavam os conflitos entre nações e a luta contra a expansão do comunismo.

Em 1938, a Alemanha de Hitler começou sua expansão para o resto da Europa: anexou a Áustria e ocupou uma região na Tchecoslováquia, onde viviam aproximadamente 3 milhões de pessoas de origem germânica.

Embora inicialmente contrárias à ocupação alemã, França e Inglaterra acabaram adotando uma política de não conflito na Conferência de Munique, convocada por Hitler e realizada no fim de setembro desse mesmo ano (1938). Esses países, marcados profundamente pela 1ª Guerra Mundial e sem condições militares e financeiras para derrotar a Alemanha, acreditavam que se não questionassem a invasão da Tchecoslováquia, os nazistas se aquietariam. Contudo, França e Inglaterra estavam enganadas.

Os resultados da Conferência de Munique puderam ser entendidos pela URSS como uma mostra da tolerância dos países liberais em relação às atitudes nazistas, de forma a dar sinais de que a Alemanha poderia marchar contra a URSS. Essa foi a justificativa mais provável para a assinatura do Pacto Molotov-Ribbentrop, conhecido como Tratado Nazissoviético de Não Agressão, firmado entre essas lideranças quase um ano depois da Conferência, em agosto de 1939. Esse acordo estipulava que a Alemanha e a União Soviética não entrariam em guerra e dividiriam o domínio de alguns territórios do Leste Europeu, como a Tchecoslováquia. Quando divulgado, esse pacto causou rejeição em militantes socialistas em todo o mundo.

Apesar do pacto, em 1º de setembro de 1939, poucos dias após a sua assinatura, os nazistas invadiram a Polônia, aproximando-se da fronteira com a URSS. Com base no Pacto Molotov-Ribbentrop, e para se defender de uma possível invasão nazista, os soviéticos, por sua vez, entraram na Polônia e, posteriormente, na Estônia, Lituânia, Letônia e Finlândia.

Com a invasão da Polônia pelos nazistas, a Inglaterra e a França declararam guerra à Alemanha, de forma a tentar evitar o avanço do imperialismo alemão. Assim, em 1º de setembro de 1939, iniciava-se a 2ª Guerra Mundial.



Após a conexão econômica entre os continentes, iniciada com a expansão comercial e consolidada com o imperialismo no século XIX, nos dias atuais, todas as guerras, ainda que não mundiais, afetariam vários países, mesmo indiretamente. Já que todos seriam afetados, como é possível que a maioria dos países ainda aceite tantas guerras? Quais seriam os interesses por trás das guerras? Seriam os interesses de alguns países mais importantes que os da maioria?

ATIVIDADE 1 Expansão nazista

No mapa a seguir, localize a Alemanha, a Áustria, a Tchecoslováquia, a Polônia e a URSS.



ARRUDA, José Jobson de A. *Atlas histórico básico*. São Paulo: Ática, 2008, p. 27. Mapa original (mantida a grafia). A URSS seria constituída apenas a partir de 1922 [nota do editor].

Agora responda: Considerando a direção da expansão nazista vista no texto *Motivações para a guerra*, qual(is) das potências aliadas teria(m) mais motivos para se preocupar?

ATIVIDADE 2 Motivações para a guerra

Com base no texto *Motivações para a guerra*, marque a alternativa que explicita alguns dos motivos da guerra iniciada pelos nazistas.

- a) A defesa de uma nova ordem mundial mais democrática e livre dos elementos indesejáveis da sociedade.
- b) Os interesses imperialistas da Alemanha e o desejo de expansão do comunismo.
- c) As rivalidades imperialistas não resolvidas durante a 1ª Guerra Mundial e a ideia de combate ao comunismo.
- d) O desejo de exterminar os judeus e a afirmação da ideologia neoliberal.



DESAFIO

Em discurso proferido em 17 de março de 1939, o primeiro-ministro inglês à época, Neville Chamberlain, sustentou sua posição política: “Não necessito defender minhas visitas à Alemanha no outono passado, que alternativa existia? Nada do que pudéssemos ter feito, nada do que a França pudesse ter feito, ou mesmo a Rússia, teria salvado a Tchecoslováquia da destruição. Mas eu também tinha outro propósito ao ir até Munique. Era o de prosseguir com a política por vezes chamada de ‘apaziguamento europeu’, e Hitler repetiu o que já havia dito, ou seja, que os Sudetos, região de população alemã na Tchecoslováquia, eram a sua última ambição territorial na Europa, e que não queria incluir na Alemanha outros povos que não os alemães.”

Internet: <www.johndclare.net> (com adaptações).

Sabendo-se que o compromisso assumido por Hitler em 1938, mencionado no texto acima, foi rompido pelo líder alemão em 1939, infere-se que:

- a) Hitler ambicionava o controle de mais territórios na Europa além da região dos Sudetos.
- b) a aliança entre a Inglaterra, a França e a Rússia poderia ter salvado a Tchecoslováquia.
- c) o rompimento desse compromisso inspirou a política de “apaziguamento europeu”.
- d) a política de Chamberlain de apaziguar o líder alemão era contrária à posição assumida pelas potências aliadas.
- e) a forma que Chamberlain escolheu para lidar com o problema dos Sudetos deu origem à destruição da Tchecoslováquia.

Enem 2008. Prova 1 - amarela. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2008/2008_amarela.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2014.

Neste Tema, você vai estudar o processo histórico que caracterizou a 2ª Guerra Mundial (1939-1945), compreendendo como foi o seu desenvolvimento e os motivos que contribuíram para o seu fim. Vai ver também algumas de suas principais consequências para o mundo.

O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Os principais países que se enfrentaram na 2ª Guerra Mundial se dividiram em dois grupos rivais. Um desses grupos era chamado de “Aliados” e o outro era chamado de “Eixo”. Veja quem ficou de cada lado:

Aliados	Eixo
URSS	Alemanha
EUA	Itália
Inglaterra	Japão
França	

Lembre o que você estudou na Unidade 1 e reflita: Quais foram os principais países que se envolveram nos dois confrontos? Quais foram os novos países que se envolveram no segundo confronto? De que lado ficou cada um desses países na 1ª e na 2ª Guerra?

Escreva sua reflexão nas linhas a seguir.



O desenrolar da 2ª Guerra Mundial

Como você já sabe, ao longo da guerra, foram formados dois grupos rivais: o **Eixo** e os **Aliados**.

O **Eixo**, composto por Alemanha, Itália e Japão, era formado por países que desenvolveram o capitalismo um pouco mais tarde do que as primeiras nações capitalistas – somente no fim do século XIX e início do século XX. Os integrantes do Eixo quase não possuíam colônias ou territórios que pudessem dominar política e/ou economicamente.

Quando esses países se industrializaram, encontraram uma grande e importante parte dos mercados internacionais já ocupados por potências rivais, como Inglaterra e França, que haviam se industrializado antes. Portanto, assim como a 1ª Guerra, esse novo conflito também tinha motivações imperialistas, isto é, de conquistas de territórios, matérias-primas e mercados consumidores que já eram dominados por outras potências.

Os **Aliados** reuniram países que representavam projetos políticos e econômicos opostos: de um lado, estavam os EUA, a Inglaterra e a França, que eram, e ainda são, potências capitalistas defensoras do liberalismo; de outro lado, estava a URSS, produto da Revolução Russa e defensora, na época, do socialismo.

Em relação ao Eixo, o exército alemão teve um resultado considerável no primeiro ano do conflito. Depois dos ataques à Europa Oriental, foi a vez de os vizinhos do Norte e do Ocidente sofrerem a investida alemã: Dinamarca, Noruega, Holanda, Luxemburgo e Bélgica foram ocupados em maio de 1940. (Consulte o mapa da *Atividade 1 – Expansão nazista*, no Tema 1 desta Unidade).

No caso dos Aliados, as tropas francesas e inglesas tentaram resistir ao avanço nazista em direção à França, mas foram derrotadas em junho de 1940: aproximadamente 350 mil soldados Aliados cruzaram o Canal da Mancha, que separa a França da Inglaterra, em direção à ilha britânica, com o auxílio de todo tipo de embarcação. Nesse mesmo mês, os alemães entraram em Paris: a França havia se rendido. Em seguida, na cidade de Vichy, foi instalado um governo francês – comandado pelo marechal Philippe Pétain – disposto a colaborar com os nazistas.

Depois dessa conquista, os alemães moveram sua força de guerra contra a Inglaterra. Com aviões, bombardearam várias cidades, incluindo a capital, Londres. Porém, a reação da Força Aérea Real britânica (*Royal Air Force* – RAF) foi eficaz e a invasão não se concretizou.

Com a entrada da Itália no lado alemão da guerra, em setembro de 1940, abriram-se novas frentes de combate na Europa. Alguns países aliaram-se ao Eixo, como Romênia, Bulgária e Hungria, enquanto outros foram ocupados por tropas nazistas.

Em outros países, como França, Holanda e Noruega, os alemães estabeleceram governos que colaboravam com eles, encontrando apoio em setores da sociedade que simpatizavam com o regime nazista. Mas, apesar desse apoio, enfrentaram a resistência de muitos patriotas, principalmente dos militantes comunistas, que organizaram focos de guerrilha contra os alemães.

Assim, vista no seu conjunto, em meados de 1941, a Europa estava dominada pelo Eixo. Foi nesse contexto que Hitler iniciou uma grande operação militar contra os soviéticos, conhecida como *Operação Barbarossa*. As batalhas nessa frente seriam decisivas para o desfecho da guerra.

Em pouco tempo, ficou evidente que os planos do Terceiro Reich para o Leste Europeu eram diferentes dos propostos para o restante do continente. Assim como acontecia com outros povos, como os judeus, a ideologia nazista considerava os eslavos uma raça inferior. Por isso, o “espaço vital alemão” (ou seja,



Hitler, acompanhado por oficiais do exército alemão e por membros do alto escalão nazista, passeia pelas ruas de Paris após a rendição francesa à Alemanha.

a área para o povo alemão se desenvolver) deveria estender-se aos territórios do Leste Europeu, e a população eslava precisaria ser dominada ou, até mesmo, escravizada.

Essa foi, portanto, a finalidade inicial dos campos de concentração: obter mão de obra para a indústria de guerra alemã. No entanto, conforme a Alemanha avançava para o leste e impunha seu domínio sobre outros povos, os campos instalados na região começaram a ter outras finalidades: limpeza étnica (isto é, eliminar determinados povos) e extermínio, tanto por motivos racistas quanto por razões políticas. Por isso, posteriormente eles ficaram conhecidos como “campos de extermínio”.

A maioria dos poloneses contrários ao nazismo foi enviada para campos de concentração ou extermínio. O caso dos soviéticos mostrava-se ainda mais difícil, pois ao racismo nazista somava-se um anticomunismo radical. Diante dessas circunstâncias, o povo russo percebeu que não lutava apenas por sua pátria, mas por sua própria sobrevivência.



NOAKES, Jeremy. (Ed.). *Nazism, 1919-1945*. v. 3. Exeter: University of Exeter Press, 1998, p. 645. Disponível em:

<http://germanhistorydocs.ghi-dc.org/map.cfm?map_id=3432>. Acesso em: 13 mar. 2014.

Mapa original. Tradução: Renée Zicman.

A vitória soviética

Inicialmente, os nazistas avançaram de forma rápida sobre o território soviético. Há indícios de que Josef Stálin tenha sido surpreendido pelo ataque nazista, demorando, inclusive, para se convencer de que a invasão de fato acontecia. Do lado alemão, a facilidade do avanço inicial deixou os nazistas eufóricos. Impulsionados pelo rápido êxito que tiveram na Europa Ocidental, os invasores germânicos acreditavam que logo marchariam sobre a capital Moscou. Dessa vez, porém, os alemães se enganaram.

Nos campos de batalha, os soviéticos conseguiram se reerguer após uma derrota inicial que quase acabou com seu exército. O Exército Vermelho, comandado pelo marechal Zhukov, derrotou as tropas de Hitler na cidade de Stalingrado, no início de 1943. Foi a primeira vez que o exército alemão sofreu uma derrota importante na guerra. Para conseguir esse feito, Zhukov contou com:

- o apoio de uma eficiente produção industrial constituída por meio do planejamento do Estado soviético;
- a determinação patriótica de seus soldados, que ofereceram uma forte resistência aos nazistas;
- o inverno rigoroso que dificultou o abastecimento e deslocamento das tropas nazistas pela densa neve e pelo excesso de lama.

Além disso, outros fatores possibilitaram aos soviéticos inverter a situação, tornando-se os principais responsáveis pela derrota alemã.

FICA A DICA!

Leia *O diário de Anne Frank*, escrito por Anne Frank.

Esse livro, publicado originalmente em 1947, conta as vivências de uma adolescente judia durante os anos de perseguição nazista, enquanto esteve escondida com sua família em cômodos secretos e no sótão de uma casa em Amsterdã, na Holanda. O diário, escrito entre os anos de 1942 e 1944, é um comovedor relato sobre o impacto da 2ª Guerra Mundial e do nazismo na vida cotidiana das pessoas.



Na Batalha de Stalingrado, o exército soviético impôs às tropas alemãs sua primeira derrota.

Um dos motivos que explica essa reviravolta foi a tarefa monumental, realizada pelos soviéticos, que dificilmente poderia ser feita em um país no qual prevalecesse a propriedade privada da grande indústria: eles transferiram grande parte de seu parque produtivo para o leste do país, na retaguarda do Exército Vermelho. Com isso, colocada a salvo das tropas alemãs, a indústria soviética pôde se dedicar à produção de armas.

Mesmo com esses esforços de guerra, os soviéticos ainda estavam em uma situação muito difícil. Stálin fez diversos apelos aos Aliados, mas o exército soviético teve de resistir à invasão do exército alemão por um longo período e sem ajuda. Até que no dia 6 de junho de 1944, nas praias da Normandia, na França, ocorreu o desembarque das tropas Aliadas. Esse acontecimento, que contribuiu para a derrota da Alemanha, ficou conhecido na História ocidental como “Dia D”.



FICA A DICA!

Assista ao filme *O Resgate do Soldado Ryan* (*Saving Private Ryan*, direção de Steven Spielberg, 1998).

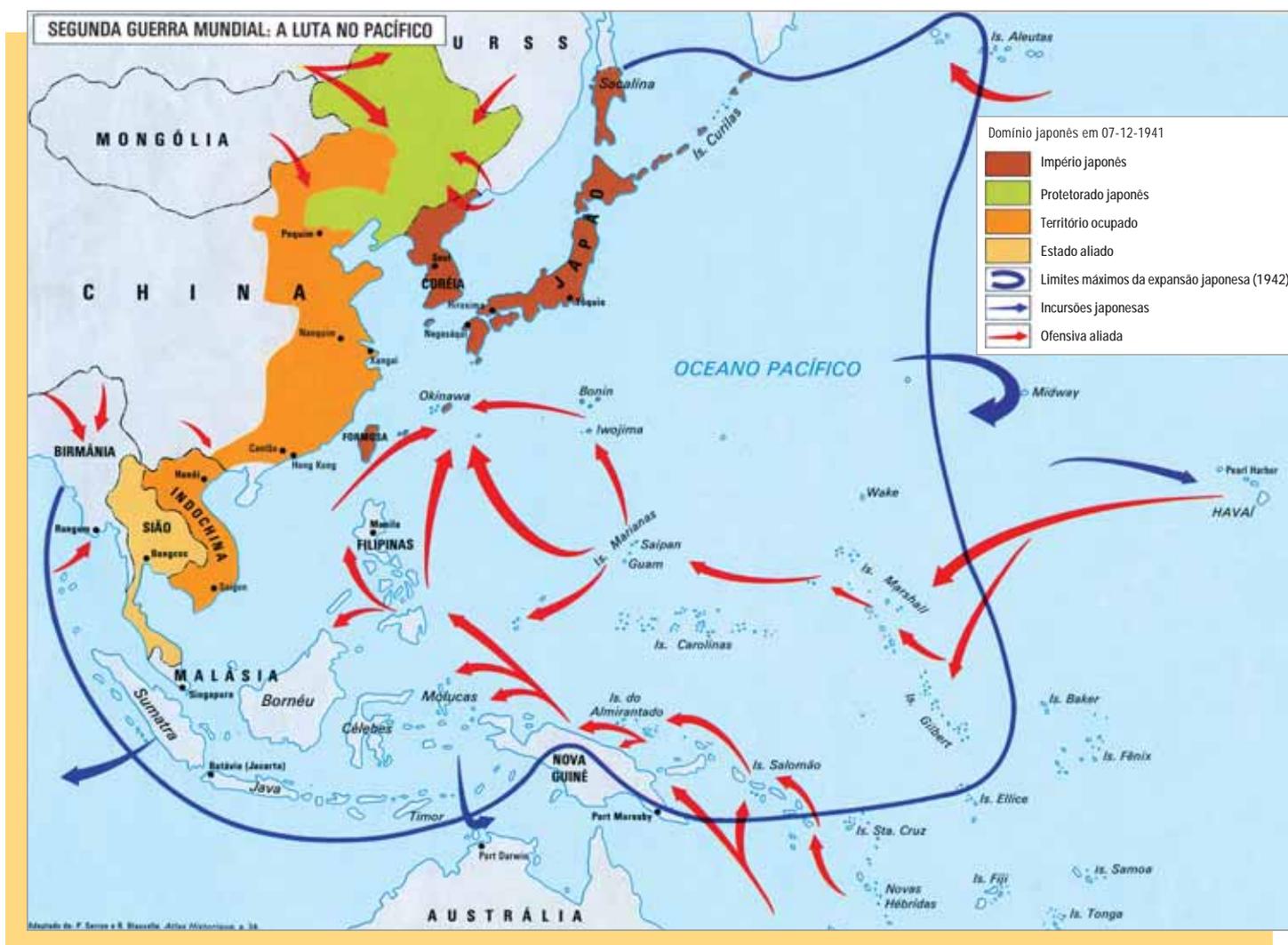
Esse filme estadunidense aborda a Batalha da Normandia, ao norte da França, representando a invasão das tropas Aliadas na região, ocupada pelos alemães durante a 2ª Guerra Mundial.

O conflito no Pacífico

O Japão, assim como a Alemanha, industrializou-se tardiamente. E, como potência industrial que precisava expandir seus mercados e explorar fontes de matérias-primas, militarizou-se para conquistar novos territórios na Ásia e no Pacífico.

No entanto, outras potências industriais, como a Grã-Bretanha e os EUA, já tinham, ou pretendiam ter, colônias nessas regiões.

Nesse contexto, o Japão aliou-se à Alemanha, tornando-se um membro do Eixo. Como o Japão conquistava mais e mais territórios no extremo leste da Ásia e ao longo do Oceano Pacífico, Grã-Bretanha e EUA decretaram embargo econômico a esse país, isto é, proibiram que suas empresas e outros países comercializassem com os japoneses. Em resposta, o Japão atacou a base naval estadunidense de Pearl Harbor, no Havaí, no Oceano Pacífico. Com esse acontecimento, o governo estadunidense declarou guerra ao Japão e o conflito se deu com ações tão destrutivas quanto as que ocorriam na Europa.



ARRUDA, José Jobson de A. *Atlas histórico básico*. São Paulo: Ática, 2008, p. 31. Mapa original (mantida a grafia).

FICA A DICA!

Assista ao filme *Pearl Harbor* (*Pearl Harbor*, direção de Michael Bay, 2001). Ele representa o ataque japonês contra a base naval estadunidense de Pearl Harbor, no Havaí, que impulsionou os EUA a entrar na guerra.

Veja também *Cartas de Iwo Jima* (*Letters from Iwo Jima*, direção de Clint Eastwood, 2006). Esse filme representa uma das maiores batalhas entre japoneses e estadunidenses em uma ilha do Pacífico durante a 2ª Guerra Mundial.

ATIVIDADE 1 Fatos da guerra

1 A expansão nazista para o leste da Europa e a ocupação desses territórios permitiram aos alemães estabelecerem (ou construírem) uma série de campos de concentração e de extermínio nessa região. Com base no texto *O desenrolar da 2ª Guerra Mundial*, leia, na próxima página, as afirmações sobre as principais finalidades dos campos de concentração e de extermínio na região e assinale a correta.

- a) Prender os soldados inimigos e forçá-los a trabalhar para o exército alemão, bem como reeducar os prisioneiros de acordo com a doutrina nazista.
- b) Prover mão de obra para o esforço da indústria de guerra alemã e exterminar pessoas por motivos racistas ou por razões políticas.
- c) Prender soldados que abandonaram o exército alemão e soldados inimigos, bem como exterminar somente judeus por motivos racistas.

2 Quando os nazistas invadiram a URSS, sofreram sua primeira derrota importante na guerra. Com base no texto *O desenrolar da 2ª Guerra Mundial*, leia as afirmações a seguir e assinale a resposta correta sobre um dos aspectos que explica essa capacidade de resistência soviética.

- a) A transferência que os soviéticos fizeram de grande parte de sua indústria de armas para o leste do país, protegendo-a dos ataques alemães.
- b) A esperança soviética de que o exército alemão não resistisse ao rigoroso inverno russo e morresse de frio.
- c) A ajuda dos EUA e outros Aliados ao Exército Vermelho.

3 Com base no que você estudou, leia as afirmações a seguir e assinale a resposta correta sobre o que motivou os japoneses a se envolver na guerra na Ásia e no Pacífico.

- a) A necessidade de expandir seus mercados e explorar fontes de matérias-primas para suas indústrias nessas regiões.
- b) A necessidade de provar sua honra de samurai ao grande imperador japonês.
- c) O ódio e o racismo que os japoneses sentiam em relação aos estadunidenses e outros povos ocidentais.

O desfecho da guerra

Em julho de 1943, o líder fascista Benito Mussolini foi deposto. Capturado ao tentar fugir para a Suíça, ele foi julgado e condenado à morte pelos *partigiani* (guerrilheiros antifascistas). A rendição de alemães e japoneses tardaria mais do que a dos italianos.

Até a invasão da Normandia, as principais tropas aliadas combateram em territórios fora do espaço europeu. Leia, na próxima página, quais foram esses conflitos:



VOCÊ SABIA?

No começo da 2ª Guerra Mundial, o Brasil adotou uma posição de neutralidade. Na época, o país vivia a ditadura comandada por Getúlio Vargas, simpático ao regime fascista. No entanto, a pressão dos EUA acabou se impondo e, em 1943, foi criada a Força Expedicionária Brasileira (FEB). No ano seguinte, em torno de 25 mil soldados brasileiros foram enviados à Itália, onde integraram as tropas Aliadas e combateram ao lado do exército estadunidense.

- Os EUA, envolvidos na guerra desde dezembro de 1941, por causa do ataque japonês a Pearl Harbor, combatiam, sobretudo, no Oceano Pacífico.
- A Grã-Bretanha lutava no Mar Mediterrâneo e no norte da África, onde conseguiu abrir caminho para invadir a Itália.

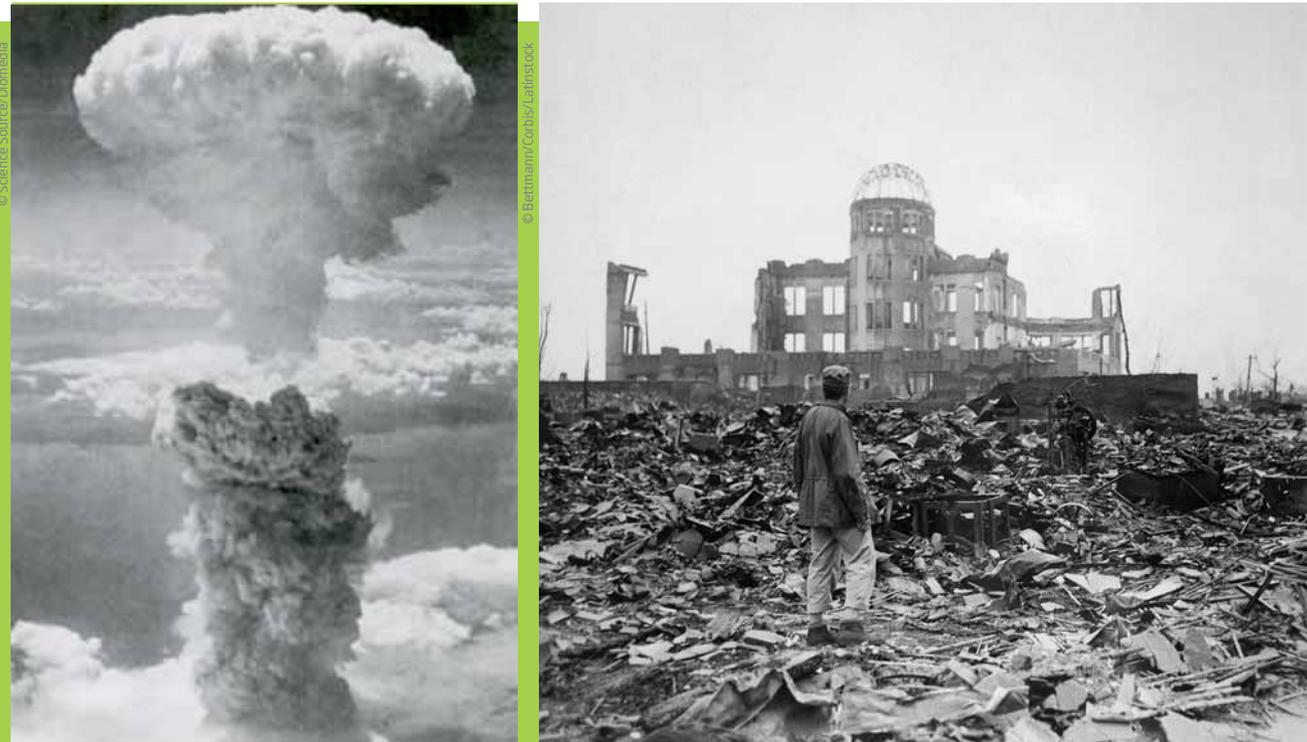
Em 1944, os soldados Aliados desembarcaram na França. Isso favoreceu o avanço das tropas soviéticas, que vinham pressionando, desde a Batalha de Stalingrado, o exército alemão de volta ao seu território. Por ter de lidar com a guerra em duas frentes (a oriental e a ocidental), o exército alemão começou a enfraquecer. Quando os soviéticos ocuparam Berlim, a capital alemã, em abril de 1945, o líder nazista Adolf Hitler cometeu suicídio.



Soldado russo ergue a bandeira de seu país sobre o antigo Parlamento alemão após a invasão de Berlim pelas forças soviéticas, em 1945.

Era o fim do governo de Hitler, mas não da guerra: ainda restava a frente do Pacífico, na qual se enfrentavam, desde o ataque a Pearl Harbor em 1941, principalmente, EUA e Japão.

Nesse momento da guerra, em que era quase certa a derrota do Japão, os EUA lançaram uma bomba atômica na cidade japonesa de Hiroshima, em 6 de agosto de 1945, causando a morte imediata de milhares de civis. A rendição japonesa já se anunciava, mas, mesmo assim, três dias depois, os EUA atiraram uma segunda bomba atômica, dessa vez na cidade de Nagasaki. As duas bombas mataram instantaneamente mais de 300 mil pessoas, além de terem deixado milhares de sobreviventes com graves sequelas, como mutilações, queimaduras, mutações genéticas e diversos tipos de câncer, decorrentes da radiação nuclear.



Explosão da bomba atômica lançada pelos EUA em Nagasaki, no Japão. A cidade japonesa de Hiroshima aparece arrasada após o ataque atômico realizado pelos estadunidenses.

Muitos historiadores acreditam que o objetivo dos EUA, ao lançar essas bombas, já não era a vitória sobre os japoneses, uma vez que ela estava praticamente garantida. O propósito real seria enviar uma mensagem intimidadora aos soviéticos, que, aos olhos do mundo, saíam como os principais responsáveis pela derrota do nazismo. A forma como terminava a 2ª Guerra Mundial era um anúncio antecipado da Guerra Fria, o confronto indireto entre as duas superpotências, EUA e URSS, que ocorreria nas décadas seguintes.



Durante a 2ª Guerra Mundial, foi necessária a produção de milhões de armas, aviões, foguetes, veículos, uniformes para soldados; a construção de prisões e de campos de extermínio; o fornecimento de combustível, alimentos etc. Para tudo isso, os países envolvidos precisaram de financiamento de bancos e da produção de empresas. Boa parte desses bancos e empresas que investiram e produziram, tanto para os Aliados como para o Eixo, existe até hoje. E diversas dessas empresas continuam produzindo para as guerras atuais e ganhando bilhões de dólares com isso. Seriam as guerras apenas bons negócios que, em nome do lucro de alguns, custam a vida de milhões de pessoas?

ATIVIDADE 2 O fim da guerra

Analise as frases a seguir sobre o fim da 2ª Guerra Mundial.

I – A derrota da Itália se deu com a deposição de Mussolini, em 1943; a da Alemanha, com a invasão soviética em Berlim e o suicídio de Hitler, em 1945; e a do Japão, com as bombas atômicas lançadas pelos EUA, em 1945.

II – As duas bombas atômicas jogadas no Japão, que mataram mais de 300 mil pessoas, tiveram como objetivo, segundo alguns historiadores, enviar uma mensagem intimidadora aos soviéticos.

III – Os grandes responsáveis pela derrota alemã foram as tropas francesas, inglesas e estadunidenses, que invadiram o país no “Dia D”, tendo os soviéticos pouca participação nessa vitória.

De acordo com o texto *O desfecho da guerra*, pode-se afirmar que estão corretas as frases:

- a) I e II.
- b) II e III.
- c) I e III.
- d) todas.
- e) nenhuma.

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - Fatos da guerra

1 Alternativa correta: **b**. Como você leu no texto *O desenrolar da 2ª Guerra Mundial*, os campos de concentração tinham por objetivo escravizar pessoas para trabalharem durante a guerra para a Alemanha e também exterminar grupos de pessoas que eram vistas como inferiores pelos alemães, como judeus, ciganos, homossexuais e pessoas com deficiência.

2 Alternativa correta: **a**. Uma das causas da vitória da Batalha de Stalingrado, como você leu no texto, foi o deslocamento das fábricas de armas para o leste, a salvo dos exércitos invasores.

3 Alternativa correta: **a**. O Japão tinha necessidade de expandir seus mercados e suas fontes de matéria-prima, o que motivou sua entrada na guerra. Se você tiver dúvidas a respeito, volte ao texto *O desenrolar da 2ª Guerra Mundial*.

Atividade 2 - O fim da guerra

Alternativa correta: **a**. O texto *O desfecho da guerra* traz o processo que marcou o final da guerra, bem como a análise do significado do uso da bomba atômica pelos EUA, que foi considerado um aviso aos soviéticos, em um momento em que a guerra no Pacífico já estava praticamente ganha pela nação estadunidense. Se você ficou com dúvidas, não deixe de reler o texto.

Neste Tema, você vai estudar sobre a Guerra Fria, uma das principais consequências da 2ª Guerra Mundial, fenômeno que marcou a divisão do mundo entre países capitalistas e países socialistas e influenciou os principais conflitos militares, políticos e ideológicos ao longo do século XX.

O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Você já assistiu a filmes estadunidenses como *Rambo*, *Rocky III*, *Braddock*, *007*, entre outros, nos quais os russos e os comunistas são sempre os inimigos e os vilões a serem combatidos pelos heróis? Em sua opinião, quais são as principais mensagens desses filmes?

Um novo equilíbrio

Pouco tempo depois de encerrada a 2ª Guerra Mundial, um dos conflitos mais destrutivos da humanidade até então, a aliança formada para enfrentar o Eixo se desfez.

Após a guerra, os EUA e a URSS surgiram como as grandes potências mundiais. Nas décadas seguintes, elas dividiram o mundo em áreas de influência política, dando origem ao bloco capitalista e ao bloco socialista. Como explicar que países, antes aliados, tivessem se tornado adversários tão rapidamente?

É necessário lembrar que as alianças militares construídas no período da 2ª Guerra Mundial não foram estáveis ou fiéis. Ingleses e franceses fizeram concessões aos nazistas em Munique, Stálin pactuou com Hitler logo depois, mas os alemães entraram em conflito contra os três. Quando a máquina de guerra alemã dirigiu todo o seu poder contra os soviéticos, os Aliados não demonstraram determinação nem rapidez em auxiliá-los. Os Aliados dialogaram efetivamente com Stálin somente depois que ficou evidente a recuperação do Exército Vermelho e o apuro vivido pelos alemães.

Os principais líderes do grupo dos Aliados, Josef Stálin (URSS), Winston Churchill (Inglaterra) e Franklin Roosevelt (EUA), encontraram-se pela primeira vez em Teerã (Irã), em novembro de 1943. No ano de 1945, houve novas reuniões em Yalta (URSS, atual Ucrânia) e, depois, em Potsdam (Alemanha), quando os alemães já estavam derrotados.

O principal motivo desses encontros era discutir como ficaria o equilíbrio entre as potências mundiais no contexto do pós-guerra. Em outras palavras, os vencedores discutiam sua influência nas diferentes regiões do planeta.

Os governos dos EUA e da Inglaterra, expoentes do liberalismo, não tiveram dificuldades para negociar e entrar em um acordo que, mais do que beneficiar um ou outro país, beneficiava o próprio capitalismo. Isso, porém, não aconteceu com os soviéticos, que representavam um projeto econômico e político muito diferente do capitalismo liberal.

Nesse sentido, o que estava em discussão não era uma divisão política do mundo entre potências capitalistas, como ocorrera até então, mas uma disputa entre distintos modelos socioeconômicos e político-ideológicos (capitalismo *versus* socialismo), de forma que EUA, França e Inglaterra interpretavam uma eventual concessão aos soviéticos como sendo uma ameaça ao capitalismo. Tratava-se, portanto, de uma negociação tensa.

Apesar de estar em desvantagem econômica e militar, se comparados aos EUA, os soviéticos conseguiram, ainda durante a guerra, ampliar a área sob sua influência no Leste Europeu. O objetivo inicial dos soviéticos era romper o isolamento imposto pelos países capitalistas em decorrência do triunfo da Revolução Russa de 1917, firmando, assim, relações de cooperação com os países sob sua influência na fronteira leste europeia.

Os demais Aliados (EUA, França e Inglaterra) cederam à expansão soviética no Leste Europeu, mas logo se arrependeram, por temerem que as ideias socialistas se espalhassem pelo mundo. O fato é que a presença do Exército Vermelho garantiu o futuro poder soviético nessa região.

Os soviéticos, sob a liderança de Stálin, nem sempre se interessaram pelo triunfo de revoluções populares em outros países, especialmente quando essas revoluções não estavam ligadas ao Partido Comunista Russo. Na Iugoslávia, por exemplo, triunfou uma revolução socialista independente dos soviéticos. O mesmo ocorreria depois com a China, também governada pelo Partido Comunista, e com a Albânia. Esses casos demonstraram que, de maneira diferente do que se pode acreditar, o bloco socialista nunca foi homogêneo.



Assim, é possível dizer que a oposição entre EUA e URSS não significou necessariamente somente uma disputa entre capitalismo e socialismo, mas sim entre duas nações que buscavam o controle econômico, político e militar sobre outros países do mundo. Muitas vezes, os discursos anticapitalista e anticomunista foram utilizados para justificar, perante a opinião pública interna, as políticas adotadas pelos países desses dois blocos em relação ao domínio de outras nações.

ATIVIDADE

1

Estados Unidos *versus* União Soviética

De acordo com o texto *Um novo equilíbrio*, escreva, com suas palavras, o porquê de os EUA e de a URSS, que foram aliados durante a 2ª Guerra Mundial, terem se tornado inimigos logo após a guerra e durante quase todo o século XX.



A propaganda anticomunista e a economia de guerra

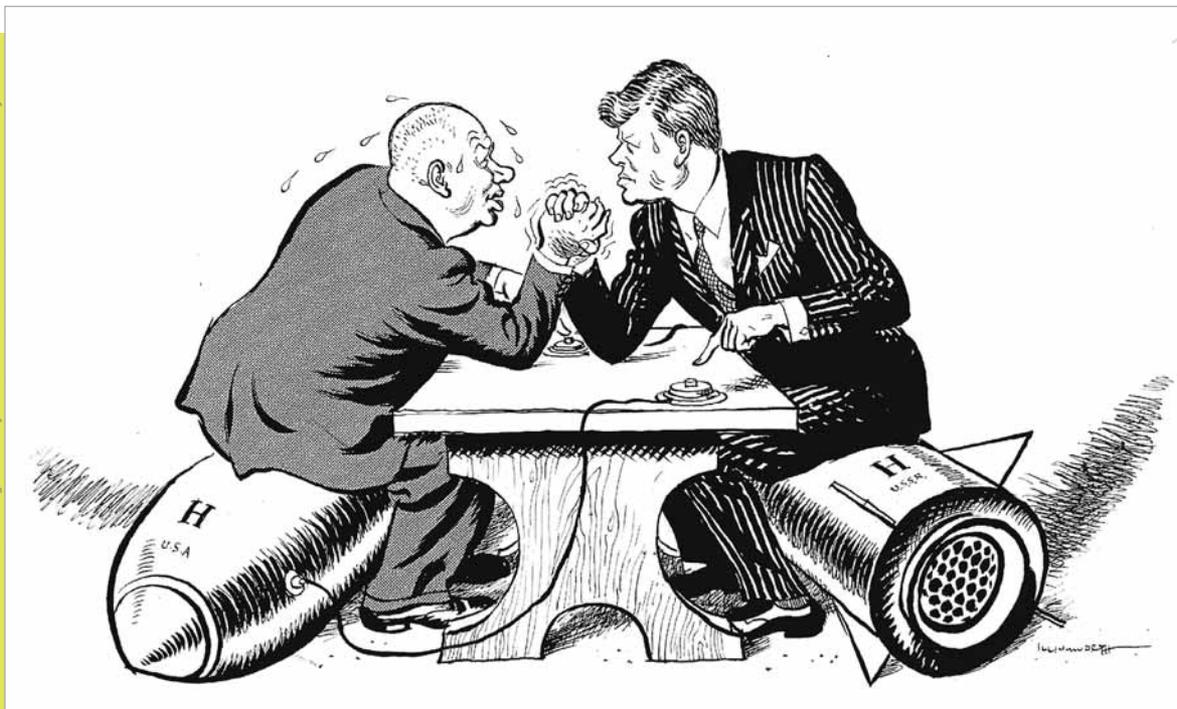
Muitos autores entendem que o avanço da propaganda anticomunista nos EUA estava relacionado aos interesses dos grandes produtores de armas. Para tais autores, foi a economia de guerra, no final dos anos 1930, que possibilitou aos estadunidenses superar a Crise de 1929. Por esse motivo, entendem que a manutenção e o desenvolvimento de um extraordinário aparato militar se tornou uma necessidade política e econômica para se alcançar a hegemonia, isto é, a influência estadunidense sobre outros países.

Segundo essas análises, o agressivo nacionalismo estimulado constantemente pela mídia estadunidense ajudou a justificar, perante a população, os gastos com a indústria de armas, assim como o envolvimento concreto do país em conflitos no mundo durante a Guerra Fria, como a Guerra do Vietnã e a Revolução Cubana. As altas somas investidas na corrida armamentista também estariam relacionadas a essas motivações ideológicas e econômicas.



Havia uma disputa real por influência geopolítica (isto é, pela influência política sobre diferentes territórios e países), em que se misturavam motivos de natureza diversa, principalmente:

- **nacionais** – o desenvolvimento econômico das duas potências apoiava-se na hegemonia sobre regiões do planeta, ao mesmo tempo em que a disputa ideológica reforçava internamente a fidelidade da população ao seu respectivo país;
- **de classe** – embora a experiência concreta da URSS se distanciasse cada vez mais do comunismo tal qual pensado pelo líder revolucionário russo Lênin, a mera existência de uma “república de operários e camponeses” era considerada um estímulo para uma revolução anticapitalista em todo o mundo.



© Leslie Illingworth/Daily Mail, 29 out. 1962/British Cartoon Archive, University of Kent

A queda de braço entre os líderes da URSS (Nikita Kruchev) e dos EUA (John Kennedy), na década de 1960, representa a disputa pela hegemonia mundial entre esses dois países durante a Guerra Fria.



ASSISTA!

História – Volume 3

Guerra Fria: a paz impossível

O vídeo, que começa com a explosão da bomba atômica no Japão como prenúncio da Guerra Fria, representa os vários palcos onde essa guerra se desenrolou. Nessa diversidade de embates, a polarização de forças entre URSS e EUA encontrou várias expressões: os feitos na conquista espacial, a corrida armamentista e a indústria cultural. No vídeo, é discutida também a Guerra do Vietnã.



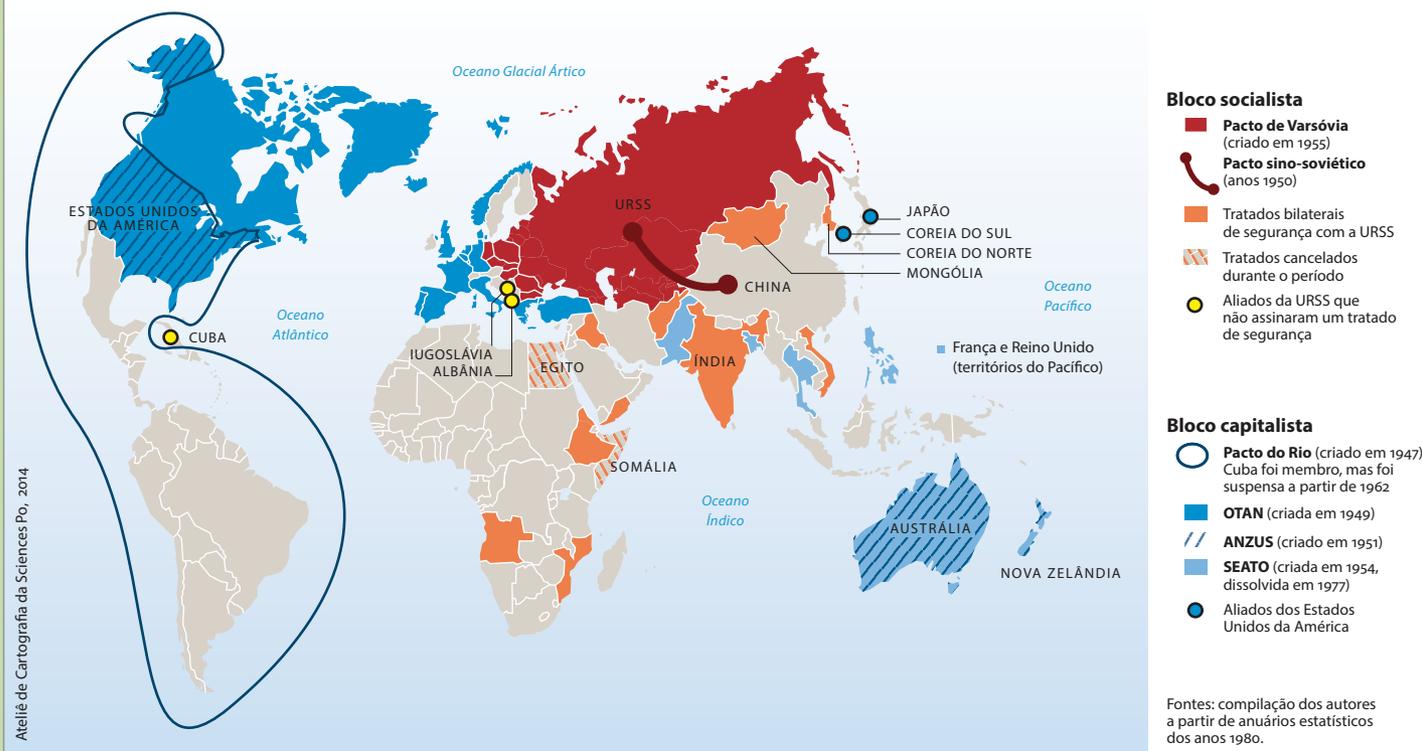
VOCÊ SABIA?

Uma das expressões da Guerra Fria foi a formação de dois blocos de aliança militar:

- Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), constituída em 1949 sob a liderança dos EUA. Tratava-se da criação de um exército conjunto que reunia EUA, Bélgica, Canadá, Dinamarca, França, Inglaterra, Islândia, Holanda, Itália, Luxemburgo, Noruega e Portugal. Entre 1952 e 1982, Grécia, Turquia, Alemanha Ocidental e Espanha aderiram ao bloco. Os países membros da OTAN se comprometiam a garantir a colaboração militar mútua em caso de ataques oriundos dos países do bloco socialista.
- Pacto de Varsóvia, aliança constituída em 1955 sob a liderança da URSS, como resposta do bloco socialista à criação da OTAN. Essa aliança militar reunia URSS, Romênia, Tchecoslováquia, Bulgária, Polônia, Hungria e Albânia. Mais tarde, a Alemanha Oriental aderiu ao bloco.

Observe o mapa a seguir, que representa as respectivas áreas de influência.

ALIANÇAS MILITARES DURANTE A GUERRA FRIA, 1947-1989



ATELIER de Cartographie de Sciences Po, 2014. Mapa original. Tradução: Benjamin Potet.



PARA SABER MAIS



Por que essa guerra era "fria"?

Quando os Estados Unidos da América lançaram as duas bombas atômicas nas cidades japonesas, Hiroshima e Nagasaki, no final da 2ª Guerra Mundial,

ficou evidente para o mundo que qualquer novo conflito seria letal para quem os enfrentasse. Intimidados pela ameaça que isso significava, os russos responderam de maneira semelhante e, em poucos anos, também desenvolveram a bomba atômica. Intensificou-se, então, uma corrida armamentista e nuclear entre as potências, que se desdobrou em direção a uma corrida espacial.

Com o crescimento do poder destrutivo das armas, ficou claro que um conflito direto entre EUA e Rússia ameaçaria a própria humanidade. Dessa forma, a criação da Organização das Nações Unidas (ONU), em 1945, na cidade de São Francisco, nos EUA, deveria auxiliar na manutenção da paz mundial e da segurança internacional. Para tanto, a ONU deveria criar mecanismos de cooperação entre as nações, bem como zelar pelos direitos fundamentais de qualquer ser humano, promovendo o progresso social. Na visão de muitos analistas, contudo, a organização tornou-se em pouco tempo um instrumento ineficaz, principalmente por sua falta de autonomia em relação à política externa dos EUA.

Nesse contexto, a expressão “Guerra Fria” significava que a disputa entre EUA e Rússia não deveria chegar, de fato, a um combate militar, mesmo em seus momentos mais tensos. Por isso, a disputa entre esses dois países se dava por meio do apoio a guerras civis ou da intervenção militar direta dessas duas potências em outros países.

São exemplos dessa disputa entre as superpotências: os casos em que apoiaram as guerras civis na África; as intervenções militares dos EUA no Vietnã, no Camboja, em Cuba e na Nicarágua; o apoio do governo estadunidense às ditaduras militares na América Latina; as intervenções militares russas no Afeganistão etc.



A Rússia saiu à frente na corrida espacial. Em 1957, a cadelinha Laika foi o primeiro ser vivo lançado ao espaço. Na corrida pela conquista espacial, durante a Guerra Fria, os EUA apressaram-se para enviar o primeiro homem à Lua, o que conseguiram em 1969.



Conta-se que Albert Einstein (1879-1955), um dos mais brilhantes cientistas do século XX, foi questionado por um jornalista sobre quais armas seriam utilizadas em uma possível 3ª Guerra Mundial. Pacifista que era, teria respondido que não sabia como seria travada essa guerra, mas que em uma suposta 4ª Guerra Mundial seriam usados paus e pedras.

Qual foi a arma mais letal utilizada durante a 2ª Guerra Mundial? Quais foram os danos causados nos territórios por ela atingidos?

Após essa primeira reflexão, retome o que Einstein respondeu em relação às guerras futuras. O que você acha que ele quis dizer com isso?

ATIVIDADE 2 Propaganda: a alma do negócio

Segundo o texto *A propaganda anticomunista e a economia de guerra*, o real motivo das propagandas desenvolvidas pelos EUA durante todo o século XX foi:

- combater a influência de uma ideologia perigosa para a humanidade, pois gerou um modelo político inimigo da liberdade.
- criar uma justificativa e conseguir apoio da população para a manutenção de uma economia de guerra altamente lucrativa.
- conseguir apoio da população para invadir os países comunistas, de forma a devolver-lhes a liberdade capitalista.



DESAFIO

Os anos posteriores à Segunda Guerra Mundial foram tensos entre as grandes potências mundiais. Considerando-se a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e o Pacto de Varsóvia, criados nesse período, é **CORRETO** afirmar que:

- a OTAN visava a apaziguar os conflitos relacionados à divisão da cidade de Berlim, bem como a proteger os países sob sua influência econômica das ameaças de invasão externa e de conflitos militares.
- ambos desenvolveram políticas que incentivaram a chamada corrida armamentista, que, durante o período da Guerra Fria, colocou o Planeta sob a ameaça de uma guerra nuclear.
- ambos foram estabelecidos, simultaneamente, para defender os interesses dos países que disputavam, após a Segunda Guerra, uma reordenação dos espaços europeu e americano.
- os países signatários do Pacto de Varsóvia se aliaram e, para defender seus interesses financeiros, formaram um bloco econômico, a fim de competir com a Alemanha, a Inglaterra e os Estados Unidos.

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2009. Disponível em:
<http://download.uol.com.br/vestibular2/prova/ufmg_2009_hist.pdf>.
Acesso em: 13 mar. 2014.

**MOMENTO
CIDADANIA**

A fim de evitar as atrocidades cometidas ao longo da 2ª Guerra Mundial e de tentar promover a construção de um mundo mais justo e democrático para todos os povos, os países-membros da ONU envolveram-se em um debate com o objetivo de construir referências para mediar a relação entre os governos de todas as nações e destes com seus cidadãos.

Liderados pelos EUA e pela URSS, e sob sua influência, os representantes de diversas nações se organizaram para a criação da **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, na perspectiva de que fosse garantido a todas as pessoas do mundo o acesso a certos direitos. Essa declaração terminou por combinar as orientações ideológicas do bloco liberal-capitalista (direitos civis e políticos) com as do bloco socialista (direitos econômicos e sociais).

Tal declaração tornou-se muito importante como marco e referência para a construção de muitas Constituições nacionais (inclusive a última Constituição brasileira, de 1988) e para estabelecer parâmetros internacionais em relação à organização de várias esferas da vida, criados por órgãos internacionais como a Organização Internacional do Trabalho (OIT), em relação ao trabalho; a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em relação à educação; a Organização Mundial da Saúde (OMS), em relação à saúde; entre outras. Para conhecer a Declaração Universal dos Direitos Humanos na íntegra, acesse o site da Unesco. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2014.

HORA DA CHECAGEM**Atividade 1 - Estados Unidos versus União Soviética**

Como é uma resposta livre, ela poderia ter sido escrita de diferentes maneiras, mas, de acordo com o texto, sua resposta teria de contemplar um ou mais dos seguintes elementos:

- disputa entre modelos sociais e políticos opostos: capitalismo *versus* socialismo;
- disputa entre as duas superpotências para ter o poder econômico, político e militar de diferentes regiões do planeta.

Atividade 2 - Propaganda: a alma do negócio

Alternativa correta: **b**. A leitura do texto leva a uma reflexão sobre os motivos da propaganda anticomunista, que visava a manter a lucratividade com a guerra.

Desafio

Alternativa correta: **b**. Na seção *Você sabia?*, você leu sobre os blocos militares e sua distribuição no planeta, cada um deles em uma corrida armamentista que buscava superar a do outro.

REVOLUÇÃO E CONTRARREVOLUÇÃO NO MUNDO DA GUERRA FRIA

TEMAS

1. A descolonização na Ásia e na África
2. Revolução e contrarrevolução na América Latina

Introdução

Na Unidade anterior, você estudou que a 2ª Guerra Mundial foi um conflito devastador: nunca antes uma guerra tinha atingido tantos pontos do planeta ao mesmo tempo, nem causado tantas mortes entre militares e civis.

Você viu também que, embora nada parecido tenha acontecido na História, o final do conflito não anunciou uma época de paz. Segundo alguns historiadores, as explosões das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki no Japão, ao final da 2ª Guerra Mundial, foram uma maneira de os Estados Unidos da América (EUA) intimidarem a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Como resultado, em pouco tempo, a aliança dos dois países contra o nazismo e o fascismo se desfez, e a rivalidade entre os defensores do capitalismo e os adeptos do regime socialista soviético dividiu o mundo em duas zonas de influência.

Iniciou-se, dessa forma, a Guerra Fria, que ficou conhecida com esse nome por não ter envolvido conflitos armados diretos entre EUA e URSS, as duas superpotências daquela época.

Essa polaridade, contudo, provocou muitos conflitos indiretos entre essas potências (isto é, conflitos que envolviam outras nações), além de guerras civis e golpes de Estado. Ou seja, o mundo continuou vivendo uma intensa violência, mas agora longe da Europa, nos demais continentes.

Para entender como isso aconteceu, você vai estudar, nesta Unidade, o período que ficou conhecido como Guerra Fria, que se estende de 1945, com o fim da 2ª Guerra Mundial, até 1989, quando houve a queda do Muro de Berlim, que dividia a cidade de Berlim em parte ocidental (capitalista) e parte oriental (socialista).

Neste Tema, você vai estudar a descolonização e a luta por independência nos continentes africano e asiático, como parte da disputa entre EUA e URSS no contexto da Guerra Fria. Disputa que acabou criando vários conflitos pelo mundo e influenciando, com muita frequência, os rumos políticos de muitas nações ao longo do século XX, inclusive do Brasil.

O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Conforme você estudou na Unidade anterior, em um século de tantas transformações, o final da 2ª Guerra Mundial e o início da Guerra Fria criaram um novo cenário mundial que estava longe de poder ser chamado de pacífico.

Apesar do surgimento de duas superpotências, EUA e URSS, na segunda metade do século XX, elas não possuíam colônias como as antigas potências europeias, entre as quais Inglaterra e França.

Em sua opinião, como esses países garantiam suas áreas de influência, sem estabelecer colônias? De que forma a indústria armamentista e a de propaganda contribuíram para garantir essas áreas de influência?

A descolonização da Ásia

Como você já estudou, apesar de a Guerra Fria não ter sido um conflito armado de grandes proporções entre EUA e URSS, ela influenciou confrontos em diversas partes do mundo durante a segunda metade do século XX. Esses confrontos ocorreram, principalmente, em continentes que estavam à margem do quadro do desenvolvimento econômico mundial: África, Ásia e, também, América Latina.

Isso significa que os conflitos durante a Guerra Fria aconteceram, portanto, fora dos territórios estadunidense e soviético. Eles também estavam distantes dos principais centros do capitalismo europeu que haviam protagonizado as duas guerras mundiais.

Com o início da 2ª Guerra Mundial, os japoneses aproveitaram o fato de a França e a Inglaterra estarem sendo atacadas pela Alemanha nazista – e, portanto, sem força para defender suas colônias pelo mundo –, para invadirem diversos territórios na Ásia, controlados por essas nações europeias. Até 1942, o Japão havia conquistado a Indochina Francesa, a Malásia, as Filipinas, Hong Kong, a Birmânia (atual Mianmar) e várias pequenas ilhas no Pacífico. Nessa época, o Japão ampliou também seu domínio na China.

Em decorrência de seu acelerado desenvolvimento como país capitalista, iniciado no final do século XIX, o Japão desejava superar as limitações geográficas de seu território, que era formado por muitas ilhas, e expandir-se em direção aos territórios vizinhos. Foi, inclusive, em função da expansão japonesa que os EUA, também interessados em exercer sua hegemonia (isto é, seu controle político e militar) no Pacífico, entraram na 2ª Guerra Mundial.

Com a derrota japonesa no confronto, surgiram movimentos nacionalistas fervorosos em regiões da Ásia afetadas pela guerra. Em alguns casos, esses movimentos foram influenciados pelas ideias socialistas vindas da URSS. Considerando que as potências coloniais europeias estavam enfraquecidas, esses movimentos de contestação ao imperialismo europeu tiveram sucesso em várias situações, embora sempre ao custo de muita luta, uma vez que era de interesse dos EUA manter esses países capitalistas como áreas consumidoras dos produtos industrializados.

Os casos que ocorreram na China, na Índia e no Vietnã são bons exemplos para ilustrar as ações das duas superpotências (EUA e URSS) no continente asiático.

China

Décadas depois da Revolução Russa e logo após a 2ª Guerra Mundial, houve outra revolução conduzida por comunistas: a Revolução Chinesa.

A Revolução Comunista Chinesa foi liderada por Mao Tsé-tung (1893-1976) e representou o triunfo final dos comunistas no país, em 1949. O processo de mudança política na China teve início em 1912, quando o país deixou de ter um imperador e passou a ser uma república.

No entanto, tal mudança não resolveu os graves problemas sociais que afetavam a China naquela época. Muitos desses problemas estavam associados à

dependência chinesa em relação às potências imperialistas ocidentais. Além disso, os chineses enfrentavam, na época, as perseguições feitas pelo governo. Isso porque a república instaurada era governada pelo Partido Nacionalista (*Kuomintang*) que, sendo capitalista, perseguia os comunistas, organizados desde 1920 no Partido Comunista Chinês (PCC).

Na década de 1930, a sociedade chinesa estava abalada por uma **guerra civil**, com movimentos populares sendo reprimidos pelas forças governamentais, que tinham apoio das elites chinesas e das potências capitalistas; ambas temiam o crescimento das ideias comunistas na China.

Aproveitando a desorganização interna da China, o Japão invadiu a região da Manchúria, território chinês, em 1931. Tal ataque forçou uma aliança entre o partido do governo (capitalista) e o Partido Comunista para impedir o avanço dos japoneses. Porém, em 1945, com a rendição japonesa após o ataque nuclear estadunidense, os chineses nacionalistas, apoiados pelos EUA, voltaram a combater os comunistas.

A resistência conduzida pelos chineses comunistas na zona rural foi decisiva para consolidar a liderança política e militar do Partido Comunista Chinês. Em 1949, tropas do PCC ocuparam Pequim, a capital do país, e expulsaram os antigos governantes. Foi proclamada a República Popular da China, conduzida pelo Partido Comunista Chinês e liderada por Mao Tsé-tung, em oposição à China Nacionalista, em Taiwan, de tendência capitalista.

Assim como aconteceu após a revolução socialista na Rússia, os comunistas chineses enfrentaram militarmente os **contrarrevolucionários** apoiados pelos EUA em uma guerra civil.

O mapa da próxima página representa a situação política de uma parte do continente asiático, antes da Revolução Comunista Chinesa, que triunfou em 1949. Nele, você pode identificar as



VOCÊ SABIA?

Em alguns países da Europa também houve revoluções de tendência socialista no final da 2ª Guerra Mundial.

A maioria delas foi derrotada pela intervenção dos EUA e da Inglaterra, como ocorreu na Grécia. No entanto, na vizinha Iugoslávia, a revolução triunfou. Liderado pelo marechal Tito, esse país realizou uma experiência socialista durante várias décadas (1945-1992).



Glossário

Guerra civil

Guerra entre grupos organizados, de tendências políticas distintas, dentro de um mesmo país ou território.

Contrarrevolucionário

Aquele que se posiciona contra as ideias e os princípios de uma determinada revolução.

regiões ocupadas pelas potências capitalistas europeias – como a Indochina Francesa e as Índias Britânicas, ao sul – e as regiões ocupadas pela Rússia socialista, ao norte. Se você observar bem o mapa, notará que, entre essas áreas ocupadas por socialistas e capitalistas, há o território chinês que apresenta diferentes zonas de influência e algumas áreas ocupadas por essas potências, o que gera uma tensão em torno da ocupação do território chinês e de qual regime político prevaleceria nesse país. Esse cenário ficou ainda mais tenso ao final da 2ª Guerra Mundial e nos anos iniciais da Guerra Fria, pois a revolução na China significou um fortalecimento da URSS em detrimento do poder dos EUA no Oriente.



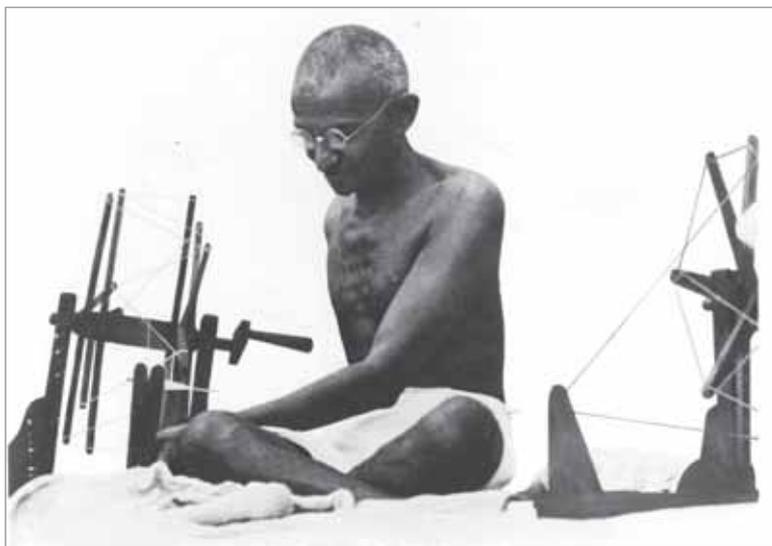
ATELIER de Cartographie de Sciences Po. Disponível em: <<http://cartographie.sciences-po.fr/fr/chine-occupation-trang-re-premi-re-moiti-du-xxe-si-cle>>. Acesso em: 13 mar. 2014. Mapa original. Tradução: Renée Zicman.

Índia

Na Índia, o movimento de libertação contra o domínio da Grã-Bretanha tornou-se mundialmente famoso por meio da atuação de Mohandas Karamchand Gandhi, conhecido como Mahatma Gandhi (1869-1948). Inspirado por ideias que misturavam aspectos do **hinduísmo** à **desobediência civil** como forma de luta, a atuação de Gandhi combinou resistência cultural e crítica econômica contra a dominação britânica em territórios indianos.

Para por em prática as suas ideias, Gandhi tecia as vestimentas que usava. Esse gesto representava a resistência cultural ao negar o modo de vida inglês imposto aos indianos (no caso, negando as vestes ocidentais e valorizando a vestimenta indiana), mas, ao mesmo tempo, simbolizava a crítica à dominação econômica britânica, pois negava o consumo dos produtos de sua indústria têxtil, afirmando a autonomia dos indianos em relação à Inglaterra.

Embora Gandhi pregasse a não violência como forma de resistência, ele foi preso inúmeras vezes e os nacionalistas indianos foram brutalmente reprimidos pelo governo colonial britânico. Após décadas de luta, a Grã-Bretanha foi obrigada a abrir mão do domínio de sua colônia no território indiano em 1947, consequência do seu enfraquecimento como potência mundial e da dificuldade em manter suas colônias.



Gandhi tecia a própria roupa como forma de resistir e criticar a dominação britânica na Índia.



Glossário

Hinduísmo

Uma das religiões mais antigas do mundo, que tem um grande número de seguidores na Índia, no Nepal, no Paquistão e na Indonésia.

Os hindus são politeístas (acreditam em vários deuses). Faz parte de seus princípios um profundo respeito à vida em geral, daí o caráter pacifista e de não agressão dessa religião.

Desobediência civil

Não obedecer uma lei, com o objetivo de mostrar publicamente que ela é injusta e levar os legisladores a modificá-la.

FICA A DICA!

Assista ao filme *Gandhi* (*Gandhi*, direção de Richard Attenborough, 1982). Esse filme ajuda a conhecer mais sobre a vida e a atuação política de Gandhi, um dos líderes mais importantes da História, durante o processo de independência da Índia.

Vietnã

O Vietnã, localizado na antiga Indochina, no sudeste da Ásia, era colônia francesa desde o final do século XIX e, durante a 2ª Guerra Mundial, sofreu também a ocupação japonesa, mais precisamente no ano de 1940. Quando a guerra acabou e os japoneses foram derrotados, os vietnamitas, liderados por Ho Chi Minh e apoiados pelos partidos nacionalistas, inclusive o Partido Comunista, declararam a independência do país em setembro de 1945.

Apesar das dificuldades internas que enfrentava, a França não cedeu ao movimento nacionalista do Vietnã. Pelo contrário, apoiada pelos EUA, a França promoveu uma guerra civil muito cruel que se estendeu até 1954, quando os franceses foram vencidos pelos vietnamitas. Nesse mesmo ano, a Conferência de Genebra reconheceu a independência do Vietnã; porém, o país foi dividido em dois: o Vietnã do Norte, governado por Ho Chi Minh e de influência socialista, e o Vietnã do Sul, que ficou sob a influência estadunidense.

Apoiado pelos vietnamitas comunistas do Vietnã do Norte, crescia um movimento de guerrilha no Vietnã do Sul, que lutava contra o governo estabelecido na região. Em função disso, o governo dos EUA decidiu intervir no Vietnã em 1960, provocando um dos conflitos **anti-imperialistas** mais sangrentos do século, a Guerra do Vietnã.



Anti-imperialista

Ser contra o império ou a autoridade imperialista. Neste caso, significa posicionar-se contra a dominação estrangeira.



Crianças vietnamitas fugindo em pânico de ataque aéreo com napalm (arma química inflamável) a seu povoado, em 1972.

A forte resistência dos norte-vietnamitas por mais de dez anos, somada à impopularidade nacional e internacional que a guerra provocou, fez os EUA se retirarem do país em 1975, assumindo, portanto, sua derrota no confronto. Como resultado de quase trinta anos enfrentando a França e os EUA, o Vietnã tornou-se, enfim, um país soberano e unificado, isto é, deixou de ser colônia e passou a ser reconhecido por todas as nações do mundo como país independente.

É importante perceber que a Guerra do Vietnã não foi uma simples guerra de independência. Seu significado é maior, pois ela está dentro do contexto da Guerra Fria e pode ser entendida como uma guerra contra a expansão do comunismo na Ásia.

A participação dos EUA na Guerra do Vietnã teve como objetivo manter o capitalismo e o domínio estadunidense sobre a região, mas suas forças militares não foram capazes de vencer os guerrilheiros **vietcongues** e foram derrotadas. Essa vitória do Vietnã foi um símbolo internacional de resistência ao imperialismo estadunidense.

Vietcongue

Sul-vietnamita que, com apoio do norte-vietnamita, lutava contra o domínio dos EUA.

FICA A DICA!

Assista ao filme *Apocalypse Now* (*Apocalypse Now*, direção de Francis Ford Coppola, 1979). Há diversos filmes produzidos por Hollywood que se referem à Guerra do Vietnã. Muitos deles estão marcados pelo discurso anticomunista característico da Guerra Fria, mostrando os vietnamitas como inimigos desumanos e os soldados estadunidenses como heróis. Evidentemente, essa não é a versão vietnamita da História e nem daqueles que se opunham à intervenção dos EUA no país. Nesse sentido, esse filme é um dos exemplos de discussão crítica da guerra feita pelos próprios estadunidenses.

Outro exemplo do pensamento crítico estadunidense sobre a guerra no Vietnã é o filme *Platoon* (*Platoon*, direção de Oliver Stone, 1986), que você também pode ver.

ATIVIDADE 1 Descolonização e independência

Preencha o quadro da próxima página com as principais características dos processos de independência dos países estudados (China, Índia e Vietnã), considerando também os principais fatores que levaram à independência desses países. Para isso, retome o que você estudou sobre a descolonização da Ásia após a 2ª Guerra Mundial. Volte ao texto quando for necessário.

Nações	Principais características dos processos de independência	Principais fatores que levaram à independência/soberania
China		
Índia		
Vietnã		

A descolonização da África

Se o movimento de independência das antigas colônias europeias na Ásia, processo conhecido como **descolonização** asiática, cresceu logo após a 2ª Guerra Mundial, a África seguiu essa mesma tendência pouco tempo depois. Na Conferência Afro-asiática de Bandung, realizada na Indonésia em 1955, com a participação de chefes de 29 Estados desses continentes (África e Ásia), foi dado um importante impulso para esse processo.



Descolonização

Processo no qual um país dominado por outro conquista ou recupera sua independência.

O objetivo desse encontro foi promover a cooperação dos países participantes como alternativa à hegemonia dos EUA ou da URSS no contexto da Guerra Fria.

Em uma atitude pioneira, a conferência afirmou que o imperialismo e o racismo eram crimes, propondo a criação de um Tribunal da Descolonização para julgar os responsáveis pelas políticas imperialistas, interpretadas como crimes contra a humanidade.

Também foram lançados os princípios políticos que propunham defender uma posição de neutralidade dos países participantes da conferência em relação às superpotências. Esses princípios podem ser chamados de “não alinhamento” à política das superpotências. Posteriormente, a Conferência de Bandung recebeu

a adesão de países de outros continentes, como Iugoslávia (na Europa) e Cuba (na América), representando uma consciência generalizada do chamado **Terceiro Mundo** sobre as relações de dominação entre os países industrializados e os países exportadores, principalmente de produtos agrícolas e matérias-primas.

A luta pela independência na África começou pelos países do norte do continente, uma região em que predominam a língua árabe e a religião muçulmana (islamismo). O primeiro processo de libertação ocorreu na Tunísia, em 1956, ano no qual esse país se tornou independente da França.

Em seguida, o movimento anticolonial espalhou-se pela **África Subsaariana**, ou seja, nos territórios que estão no sul da região do deserto do Saara, entre o Saara Ocidental e o Egito. Localize essa região no mapa intitulado *Cronologia das independências africanas*, representado na próxima página.

Ao longo dos anos 1960, mais de 30 países africanos conquistaram sua independência. Em muitos casos, alguns elementos presentes no conjunto das lutas anticoloniais na África também podiam ser observados na Ásia, como:

- o declínio das potências colonizadoras europeias e a ascensão dos EUA;
- as tensões ideológicas, políticas e militares características da Guerra Fria;
- uma aproximação frequente entre nacionalismo e socialismo;
- a dificuldade em converter a independência política em real soberania.

A característica específica das lutas anticoloniais na África Subsaariana foi a baixa integração econômica e social desses novos países, inclusive em comparação com outras regiões do chamado Terceiro Mundo. Essa região sofreu com a exploração e os preconceitos europeus desde o tempo do tráfico de escravos (séculos XVI-XIX). As fronteiras de seus países foram definidas pelos colonizadores europeus durante a Conferência de Berlim no final do século XIX, no contexto do imperialismo europeu da época, sem levar em conta as identidades culturais dos povos que habitavam o território. Ainda hoje, essa herança do período colonial representa um desafio para a concretização da soberania e da justiça social no continente africano.



Glossário

Terceiro mundo

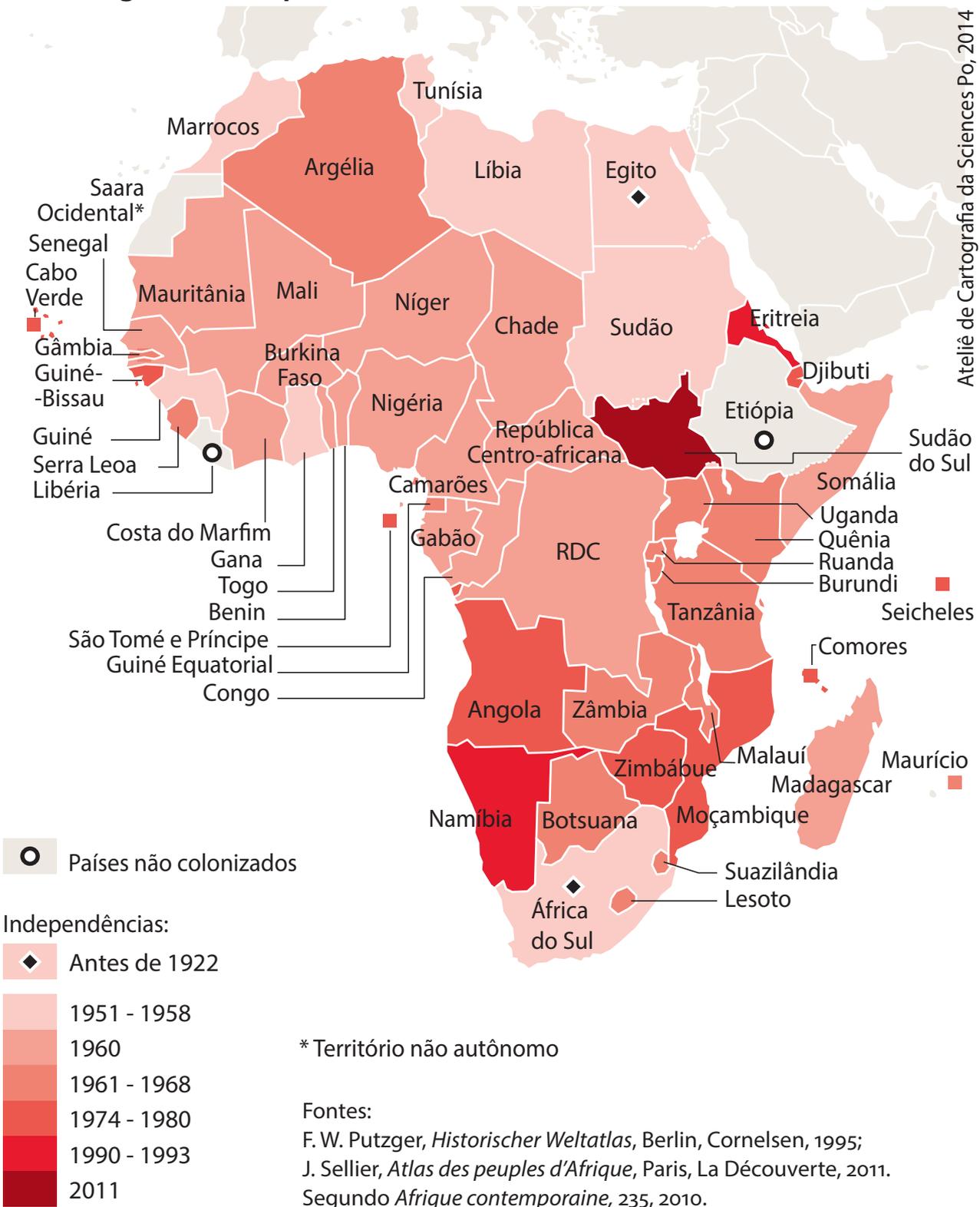
Originalmente, o termo referia-se aos países que adotaram uma posição neutra na Guerra Fria. Com o passar do tempo, “Terceiro Mundo” se tornou popular como uma referência aos países dependentes e subordinados ao capitalismo central. De acordo com essa visão, os países capitalistas industrializados integrariam o chamado “Primeiro Mundo” e os socialistas industrializados comporiam o “Segundo Mundo”.

África Subsaariana

Nesses territórios da África predomina a população negra, em contraste com o norte do continente, banhado pelo Mar Mediterrâneo e de maioria árabe.

As cores no mapa e as informações nas legendas vão ajudar você a compreender os períodos em que cada uma das colônias conquistou sua independência.

Cronologia das independências africanas



ATELIER de Cartographie de Sciences Po, 2014. Mapa original. Tradução: Benjamin Potet.



VOCÊ SABIA?

Na segunda metade do século XX, Portugal ainda mantinha colônias na África. Essas colônias portuguesas estiveram entre as últimas a obter a independência no continente africano, em meados dos anos 1970. Nessa época, centenas de jovens do exército português morriam na África defendendo a dominação colonial sobre esse território que muitas pessoas de diversas nacionalidades viam como injusta.

O descontentamento com essa situação, acrescido de uma grave crise econômica que se agravava desde a década de 1960, culminou em Portugal na chamada “Revolução dos Cravos”, um levante de jovens militares de ideias progressistas que derrubou, em 1974, a ditadura de Salazar. Com o fim do regime de inspiração fascista que governava Portugal desde os anos 1930, os países africanos Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Moçambique e Angola conquistaram a independência.

ATIVIDADE 2 O neocolonialismo

Leia o texto a seguir e faça o que se pede.

[...] O fim da dominação colonial não significa o fim da influência dos antigos colonizadores. Para salvaguardar seus interesses, eles continuam a orientar as evoluções políticas e econômicas de suas antigas colônias. Esse fenômeno tem um nome: *neocolonialismo*. Ele se manifesta de diversas maneiras: relações privilegiadas entre os antigos colonizadores e as elites dirigentes das novas nações progressivamente colocadas por eles no poder, manutenção de quadros e técnicos europeus em alguns postos-chave, dependência econômica (transferência de tecnologia, investimentos de capitais etc.), acordos militares e de cooperação científico-cultural etc. Muitas vezes, a antiga potência colonial interfere para eliminar homens políticos considerados nacionalistas e pouco compreensivos aos interesses do Ocidente – os que são contra a ordem neocolonial. [...] Dessa forma, foram assassinados, entre outros, Patrice Emery Lumumba, que foi primeiro-ministro do primeiro governo independente do atual Zaire*, Amílcar Cabral e Eduardo Mondlane, líderes das independências da Guiné-Bissau e de Moçambique. Foram derrubados o presidente Kwame Nkrumah, líder da independência de Gana, e Milton Obote, primeiro-ministro de Uganda. [...]

*Antigo Zaire, atual República Democrática do Congo [nota do editor].

SERRANO, Carlos; MUNANGA, Kabengele. *A revolta dos colonizados: o processo de descolonização e as independências da África e da Ásia*. São Paulo: Atual, 1995, p. 71.

Para você compreender melhor as quatro características que exemplificam o neocolonialismo, retome a leitura completa do texto e grife com o lápis as informações que julgar essenciais. Depois, transcreva-as nas linhas a seguir.

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - Descolonização e independência

Nações	Principais características dos processos de independência	Principais fatores que levaram à independência/soberania
China	<ul style="list-style-type: none"> - Conquista da soberania por meio de guerra civil. - Resistência vitoriosa dos comunistas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Fim da monarquia (império). - Invasão japonesa. - Guerra civil.
Índia	<ul style="list-style-type: none"> - Era colônia da Inglaterra. - Conquista da soberania por meio de longo conflito. - Conflitos e resistência baseados no princípio de não violência, propagado por Gandhi. 	<ul style="list-style-type: none"> - Impopularidade da Grã-Bretanha. - Enfraquecimento da Grã-Bretanha como potência, gerando dificuldades para manter a dominação colonial na Índia.
Vietnã	<ul style="list-style-type: none"> - Era colônia da França. - Resistência comunista. - Conquista da sua soberania por meio de uma sangrenta guerra civil. 	<ul style="list-style-type: none"> - Resistência dos norte-vietnamitas. - Impopularidade dos EUA diante da guerra.



Atividade 2 - O neocolonialismo

Para compor sua resposta, você precisaria ter grifado as seguintes passagens do texto:

[...] Para salvaguardar seus interesses, eles [os antigos colonizadores] continuam a orientar as evoluções políticas e econômicas de suas antigas colônias. Esse fenômeno tem um nome: *neocolonialismo*. Ele se manifesta de diversas maneiras: relações privilegiadas entre os antigos colonizadores e as elites dirigentes das novas nações progressivamente colocadas por eles no poder, manutenção de quadros e técnicos europeus em alguns postos-chave, dependência econômica (transferência de tecnologia, investimentos de capitais etc.), acordos militares e de cooperação científico-cultural etc. [...]

SERRANO, Carlos; MUNANGA, Kabengele. *A revolta dos colonizados: o processo de descolonização e as independências da África e da Ásia*. São Paulo: Atual, 1995, p. 71.



Registro de dúvidas e comentários

Lined area for writing notes and comments.





Neste Tema, você vai estudar como o contexto da Guerra Fria influenciou os rumos políticos, econômicos e sociais da História dos países latino-americanos no período após a 2ª Guerra Mundial.

 O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Em sua opinião, como a nova organização política do mundo, surgida a partir da 2ª Guerra Mundial e da Guerra Fria, influenciou os acontecimentos em todos os continentes e, em especial, na América Latina?

Registre suas ideias nas linhas a seguir.

Horizontal lines for writing answers.





As intervenções dos Estados Unidos na América Latina

Ao contrário do que ocorria na Ásia e na África, na América quase não havia situações de dominação colonial no século XX, com exceção de algumas ilhas do Caribe e da região das Guianas. Após a independência dos EUA (1776), a maior parte das colônias na **América Latina**, incluindo o Brasil, alcançou, nas primeiras décadas do século XIX, a independência. Como resultado, um conjunto de novas nações surgiu no continente até fins desse mesmo século.

No entanto, a **emancipação** política não significou que todos esses países puderam ser, de fato, independentes em termos econômicos. No caso brasileiro, por exemplo, a independência política não foi acompanhada da independência econômica, pois o Brasil ficou sob a influência inglesa. Após o final do século XIX, os EUA defenderam o direito de domínio sobre a América Latina, pois a consideravam sua área de influência política e econômica. Como resultado, intervieram militarmente muitas vezes no continente, sobretudo na região da América Central e do Caribe.

Com a Guerra Fria, a intervenção dos EUA na política interna dos países do continente americano tornou-se frequente. Os estadunidenses apresentavam como justificativa a existência de uma ameaça comunista. Para impedir que tal ameaça se concretizasse, eles apoiaram e organizaram diversos **golpes de Estado**, que, em alguns casos, interromperam processos de democratização em países que tinham profundas desigualdades sociais e econômicas.

ATIVIDADE

1

Intervenções na América Latina

Leia o texto da próxima página para realizar as atividades solicitadas. Durante a leitura, grife as datas e os períodos indicados. Isso o ajudará a retomar a leitura e organizar uma cronologia das intervenções estadunidenses na América Latina.



Glossário

América Latina

Parte do continente americano ao sul dos EUA, colonizada principalmente por povos latinos, como espanhóis e portugueses, e que coincide geograficamente com o México, a América Central e a América do Sul.

Emancipação

No sentido histórico, significa assumir o comando do próprio destino político, ou seja, a independência.

Golpe de Estado

Derrubada ilegal de um governo legítimo, tomando o poder por vias constitucionais, ou seja, por meios que violam a Constituição do país. São exemplos desses golpes:

- a tomada do poder pelos militares em 1964 no Brasil;
- a derrubada do governo de Salvador Allende no Chile.

[...] Em 1911, a República Dominicana foi militarmente ocupada até 1914. Naquele mesmo ano, os *marines* desembarcaram na Nicarágua, onde permaneceram até 1924.

Cuba e Honduras sofreram mais uma intervenção dos EUA em 1912. Nova ocupação de Cuba ocorreu em 1917, e se prolongou por dois anos, sem que ainda houvesse sequer o pretexto do comunismo... E se repetiu em 1922. Em 1924, Honduras sofreu sua quarta intervenção e, no ano seguinte, a quinta. Em 1926, os *marines* invadiram de novo a Nicarágua.

Em 1947, por um acordo com os militares nativos, os EUA derrubaram, na Venezuela, o presidente Rómulo Gallegos, como castigo por ter aumentado o preço do petróleo exportado. Em 1954, utilizando aviões de bombardeio e mercenários, os paladinos da liberdade puseram fim, na Guatemala, ao governo democrático de Jacobo Arbenz. Em 1961, ocorreu a fracassada invasão de Playa Girón, em Cuba. Em 1964, no Panamá, soldados dos EUA mataram 20 estudantes, ao reprimirem a manifestação em que os jovens queriam trocar, na zona do canal, a bandeira estrelada pela bandeira de seu país! No mesmo ano, a CIA participou do golpe militar que derrubou o governo João Goulart, no Brasil. Em 1965, num acinte ao Direito Internacional, o Congresso dos EUA reconheceu unilateralmente o “direito” de os EUA intervirem militarmente em qualquer país do continente. No mesmo ano, para livrar a República Dominicana “do perigo comunista”, os *marines* ocuparam o país, com a ajuda de tropas brasileiras, e impediram a posse de Juan Bosch.

Em 1973, a CIA arquitetou o plano que, em 11 de setembro, resultou no assassinato do presidente Salvador Allende, do Chile, e levou o general Augusto Pinochet ao poder. Em 25 de outubro de 1983, tropas da 82ª divisão aerotransportada invadiram Granada e assassinaram o presidente Maurice Bishop. Em 1984, para reforçar a contrarrevolução nicaraguense, 11 mil soldados dos EUA se espalharam por Honduras. Em 1988 e 1989, pilotos americanos e a Guarda Nacional de Kentucky participaram de bombardeios à população civil do interior da Guatemala, sob pretexto de combater guerrilhas. Em El Salvador, inúmeros oficiais dos EUA assessoraram as tropas do governo contra os combatentes da FMLN. Em 20 de dezembro de 1989, 25 mil soldados dos EUA invadiram o Panamá, derrubaram e aprisionaram o presidente Manuel Noriega, sob pretexto de tráfico de drogas, e impuseram no poder o presidente Guillermo Endara. Mais de mil panamenhos foram mortos durante a ocupação. E entre 1982 e 1990, o governo dos EUA patrocinou uma guerra de agressão à Nicarágua, financiando e treinando mercenários e mantendo o bloqueio econômico.

Por onde andaram, as tropas de invasão dos EUA só deixaram miséria, desigualdade, corrupção e morte. Mas fizeram bem, amado Teófilo, em colocar a Estátua da Liberdade à porta principal dos EUA. Assim, estamos todos cientes de que ela delimita a esfera da liberdade. A todos nós, que não somos norte-americanos, resta-nos a liberdade de jamais contrariar a liberdade de eles restringirem ou suprimirem a nossa.

1 Organize, no quadro a seguir, as informações apresentadas no texto anterior. Para isso, retome as datas grifadas durante a leitura. Veja os exemplos dados abaixo, com informações retiradas dos primeiros parágrafos. Agora, continue a completar o quadro.

País	Períodos de intervenção
República Dominicana	1911-1914
Nicarágua	1914-1924, 1926
Cuba	1912, 1917-1919, 1922
Honduras	1912, 1924, 1925
Venezuela	
Guatemala	
Panamá	
Brasil	
Chile	
Granada	

2 Em sua opinião, qual teria sido a razão dessas intervenções?

A Revolução Cubana

Em 1959, um movimento guerrilheiro, liderado por Fidel Castro, derrubou a ditadura de Fulgêncio Batista em Cuba, ilha localizada na América Central, e deu início a um programa de reformas sociais que não agradou os EUA, já que contribuía para que Cuba se tornasse cada vez mais independente da influência e do domínio econômico estadunidense. Nesse programa, constavam: reforma agrária; reforma urbana; nacionalização dos bancos (o que significou que os bancos deveriam ser controlados pelo Estado e não por empresas privadas); nacionalização de algumas empresas estrangeiras, inclusive estadunidenses; nacionalização do ensino; campanha nacional para erradicar o analfabetismo; entre outras medidas.

No início, o programa do governo revolucionário era nacionalista e não socialista. Mas a ousadia dos cubanos não foi tolerada pelo poderoso vizinho, que resolveu intervir.

Em 1961, os EUA, governados naquela época por John Kennedy, pagaram por uma expedição de **mercenários** – termo militar utilizado para se referir ao soldado militar ou civil treinado que luta por dinheiro –, com o objetivo de derrubar o governo iniciado por Fidel Castro. Imaginavam que seria uma empreitada fácil, mas não foi. A ação estadunidense ficou conhecida como a invasão da Baía dos Porcos e foi um fracasso.

Os mercenários não contavam que os revolucionários tinham a confiança e o apoio maciço do povo cubano, conquistados por causa do desempenho do governo rebelde em seus primeiros anos e do convívio pacífico que a população tinha com os guerrilheiros. Esse apoio contribuiu para a rápida derrota dos invasores financiados pelos EUA.

A tentativa de derrubada do governo revolucionário e a precária situação da economia contribuíram para Cuba buscar uma aproximação com a URSS. Isso porque os EUA, mesmo após a tentativa fracassada de invasão, iniciaram um bloqueio comercial à ilha, suspendendo o envio de seus produtos aos cubanos e punindo outros países que mantivessem comércio com a ilha.

Após cinquenta anos, esse embargo comercial ainda continua vigente.

O triunfo da revolução socialista em uma ilha situada a aproximadamente 160 km da costa dos EUA teve profundas repercussões no continente americano.

A política na América Latina radicalizou-se, para a esquerda e para a direita: surgiram movimentos revolucionários de esquerda que buscaram tomar o poder político, enquanto os grupos dominantes de direita ampliaram a repressão aos movimentos sociais que questionavam o capitalismo e suas injustiças.

Em meio a essa agitação, diversos processos democráticos de mudança social no continente foram interrompidos, dando lugar a ditaduras repressivas, que asseguraram a manutenção da desigualdade social e da dependência econômica externa, inclusive por meio da censura e da repressão violenta. O Brasil pode ser citado como exemplo, porque foi um dos países nos quais se instaurou uma ditadura militar, apoiada pelos EUA.

América do Sul – Alguns países nos quais vigoraram regimes ditatoriais após a Revolução Cubana

País	Início	Término
Brasil	1964	1985
Chile	1973	1990
Uruguai	1973	1985
Argentina	1976	1983

Fontes: IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/paisesat/main.php>>;
 Almanaque Folha. Disponível em: <<http://almanaque.folha.uol.com.br/mundo80.htm>>. Acessos em: 31 mar. 2014.



VOCÊ SABIA?

Uma das primeiras medidas da Revolução Cubana, em 1959, foi organizar uma campanha nacional para acabar com o analfabetismo.

Mais de 250 mil professores e estudantes, inclusive jovens de 10 a 19 anos, voluntariaram-se para essa ação. A maioria deles atuava na área rural, tornando a campanha uma oportunidade para que os estudantes conhecessem melhor a realidade do país. A taxa de analfabetismo, que era superior a 20% antes da Revolução, baixou para menos de 4% em 1961. Pouco tempo depois, Cuba foi declarada território livre de analfabetismo.



ASSISTA!

História – Volume 3

Revolução Cubana e Guerra Fria

Não deixe de assistir a esse vídeo, pois nele é apresentado o processo histórico da revolução que levou Cuba a se tornar um país socialista. A Revolução Cubana de 1959 pode ser considerada um divisor de águas desse período: depois dela, as posições políticas se radicalizaram, aumentando a oposição entre os países capitalistas e as nações socialistas, os dois polos da Guerra Fria.

Esse vídeo destaca também o ataque dos militares ao governo socialista liderado por Salvador Allende, no Chile.



A ditadura no Chile

O Chile viveu uma das ditaduras que mais violou os direitos políticos na América do Sul. Em 1970, na quarta vez em que concorreu à presidência nas eleições nacionais, o candidato do Partido Socialista, Salvador Allende, venceu a disputa. Allende tinha um ambicioso programa de transformação da sociedade, propondo uma “via chilena” ao socialismo.

Sua proposta era construir lentamente, e por meio do caminho constitucional e democrático, as mudanças necessárias para superar a desigualdade social e a dependência externa.

No entanto, ao realizar suas propostas, que incluíam a reforma agrária e a nacionalização do cobre (principal riqueza natural do país) e dos bancos, os setores contrariados com o seu projeto político tentaram prejudicar o governo.

Com o objetivo de atrapalhar o abastecimento das cidades, os empresários articularam uma poderosa greve dos transportes, tentaram paralisar a produção de cobre e procuraram boicotar a circulação dos produtos.

Para enfrentar o desabastecimento, gerir fábricas falidas e conter o boicote dos patrões, trabalhadores organizados formaram **cordões industriais**. Assim, sem que se pudesse evitar, a sociedade chilena se polarizou, ou seja, dividiu-se entre os que estavam a favor e os que estavam contra o governo de Allende.

Uma vez que as táticas políticas e econômicas empregadas pela oposição não produziram o resultado esperado, recorreu-se à conspiração militar, com apoio dos EUA. Em 11 de setembro de 1973, militares comandados pelo general Augusto Pinochet, que até a véspera do golpe parecia ser fiel ao presidente, colocaram em prática o **golpe militar** que encerrou a “via chilena” ao socialismo.

Como o presidente Allende resistiu à renúncia imposta pelos opositores, os soldados invadiram o palácio presidencial de La Moneda, que já estava em chamas por causa das bombas atiradas por soldados comandados pelo general Pinochet.

Enquanto as tropas militares tomavam a sede do governo, Allende foi encontrado morto. Com isso, iniciou-se a ditadura do general Pinochet, que durou até 1990 e vitimou mais de 40 mil cidadãos, entre torturados, mortos e desaparecidos.



Glossário

Cordão industrial

Forma de organização popular que reunia diferentes fábricas e instituições de uma região. Seu objetivo era enfrentar os problemas de desabastecimento e boicote. No Chile, cordões desse tipo organizavam a distribuição de alimentos, bem como garantiam a segurança diante da provocação feita pelos setores que se opunham às reformas do presidente Salvador Allende.

Golpe militar

Tomada do poder de um país pelo exército, por meio de um golpe de Estado, dando início a um regime de ditadura militar, com a justificativa de defender o país de interesses externos ou de ameaças internas.



FICA A DICA!

Assista aos documentários dirigidos por Patricio Guzmán, que tratam do governo de Salvador Allende e do golpe militar no Chile: *El primer año* (1972); *A batalha do Chile (La batalla de Chile, 1973, 1977, 1979 – trilogia)*; *Chile, a memória obstinada (Chile, la memoria obstinada, 1997)*; *Salvador Allende* (2004); *Nostalgia da luz (Nostalgia de la luz, 2010)*.

O filme *Desaparecido: um grande mistério (Missing, direção de Costa-Gavras, 1982)* também é interessante, pois conta a história de um jornalista e cidadão dos EUA que desaparece no Chile durante o golpe militar.



Soldados chilenos posicionados em frente ao palácio presidencial de La Moneda, em Santiago, no Chile, durante o golpe militar comandado pelo general Augusto Pinochet, futuro ditador. Com a ajuda dos EUA, Pinochet depôs Salvador Allende, presidente eleito democraticamente.

ATIVIDADE 2 Revoluções e contrarrevoluções

1 Marque “V” para verdadeiro e “F” para falso.

- a) A Revolução Cubana, desde o início, foi planejada e financiada pela URSS, que tinha interesse na expansão do socialismo na América Latina.
- b) A aproximação entre Cuba e a URSS se deu em função do fim das relações comerciais entre Cuba e EUA que, na tentativa de conter a revolução socialista, declararam o bloqueio comercial àquele país.

2 Releia o texto *A ditadura no Chile*. Grife duas propostas do presidente Salvador Allende que foram utilizadas como pretexto para o golpe militar. Em seguida, responda com suas palavras: Por que essas propostas justificaram a tomada do poder pelo exército?



O governo chileno construiu recentemente o Museu da Memória e dos Direitos Humanos, a fim de registrar a História do país (disponível em: <<http://www.museodelamemoria.cl>>, acesso em: 13 mar. 2014).

O museu mostra como foram cometidas violações dos direitos humanos pelo Estado chileno entre os anos de 1973 e 1990.

De que forma um museu da memória e dos direitos humanos pode estimular a reflexão e o debate a respeito da importância da tolerância e da democracia?

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - Intervenções na América Latina

1 Resposta:

País	Períodos de intervenção
República Dominicana	1911-1914, 1965
Nicarágua	1914-1924, 1926, 1982-1990
Cuba	1912, 1917-1919, 1922, 1961
Honduras	1912, 1924, 1925, 1984
Venezuela	1947
Guatemala	1954, 1988-1989
Panamá	1964, 1989
Brasil	1964
Chile	1973
Granada	1983

2 Resposta pessoal. Você poderia ter respondido, com base no texto estudado, que, com a Guerra Fria, a intervenção dos EUA na política dos países do continente se tornaria uma violenta rotina. Sob o pretexto da ameaça comunista, foram planejados diversos golpes de Estado que interromperam processos de democratização em países latino-americanos marcados por profundas desigualdades.

Atividade 2 - Revoluções e contrarrevoluções

1 Respostas:

- a) **F**
- b) **V**

Você leu no texto que a Revolução Cubana foi, em um primeiro momento, nacionalista. Após o embargo estadunidense, Cuba aproximou-se da URSS, o que conferiu ao movimento um caráter socialista.

2 Você poderia destacar aspectos que incluíam a reforma agrária e a nacionalização do cobre (principal riqueza natural do país) e dos bancos. Essas medidas fizeram que empresas, grupos políticos contrários e mesmo as classes mais altas da sociedade chilena, contrariados com o projeto de Allende, sabotassem o governo, o que provocou o golpe militar em 1973.

